

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- FCSH
Mestrado em Edição de Texto

Camila Dias da Cruz

DEZENOVE ANOS TORNANDO LIVROS OBJETOS DE ARTE, um estudo de caso
sobre a editora Cosac Naify

Lisboa

2018

Camila Dias da Cruz

DEZENOVE ANOS TORNANDO LIVROS OBJETOS DE ARTE, um estudo de caso
sobre a editora Cosac Naify

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Edição de Texto da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, como parte
dos requisitos à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.ºDr.º Fernando Cabral Martins.

Lisboa

2018

RESUMO

O trabalho de dissertação a seguir busca registrar a história da editora brasileira Cosac Naify por acreditar na relevância do legado deixado pela mesma em seus dezenove anos de atividade editorial. Nesse período, a editora alcançou um padrão de qualidade, refino e beleza que conseguiu agradar ao público e aos concorrentes e mercado editorial, ganhando prêmios literários e de design além de muito prestígio. Com esse perfil sensível e único dentro do mercado editorial até então, a Cosac Naify serviu como inspiração para muitas casas editoriais no Brasil. O presente trabalho objetiva fazer uma análise da trajetória da editora e isso foi alicerçado através de entrevistas com ex-funcionários, colaboradores, professores universitários e concorrentes de mercado, além de matérias jornalísticas, artigos acadêmicos e referências bibliográficas e teóricas como a essência da editora em considerar o livro como um objeto de arte que, de alguma forma encaixa-se no perfil editorial traçado pelos seus sócios, dentro do universo editorial explorado pelas diretrizes da Cosac Naify. Alicerçar através do acesso e consulta aos materiais citados, como a editora desempenhava sua dinâmica editorial e as decisões envolvidas no processo de produção de um livro. O olhar e a conduta que a Cosac Naify destinava a casa setor da cadeia produtiva do livro será investigado. Procurar-se-á destacar a trajetória da editora a fim de analisar condutas editoriais particulares, como encarar o livro como objeto de arte pelo apuro no cuidado tanto da parte textual como da parte gráfica de cada ponto do processo de confecção do mesmo. Buscar tornar seu trabalho conhecido no âmbito acadêmico de Portugal e os demais falantes da língua portuguesa. Registrar a história de uma editora tão relevante não só para o mercado editorial e ao público brasileiro como, para os falantes da língua portuguesa, pelos projetos arrojados, pelo resgate de obras clássicas e pelo extremo cuidado na simbiose medida que conseguiram atingir, equilibrando formato e apelo estético interessantes e instigantes bem como textos com apuro e meticulosidade, do ponto de vista editorial. Revelar a delicadeza e a particularidade no entendimento de seus funcionários, gestores e colaboradores, no ofício como característica marcante da editora e como equacionaram durante seus dezenove anos de funcionamento e sua viabilidade como negócio. O trabalho busca contribuir com o estudo sobre o universo editorial, dando conhecimento de forma clara e ampla sobre um exemplo de editora brasileira, que construiu um caminho singular e que deixa um legado inspirador e necessário ao mercado editorial.

PALAVRAS CHAVE: Cosac Naify; Livro de arte; Charles Cosac; editora.

ABSTRACT

The following dissertation work seeks to record the history of the Brazilian publisher Cosac Naify for believing in the relevance of the legacy left by it in its nineteen years of editorial activity. In this period, the publisher reached a standard of quality, refinement and beauty that managed to please the public and the competitors and publishing market, winning literary and design awards in addition to much prestige. With this sensitive and unique profile within the publishing market until then, Cosac Naify served as inspiration for many publishing houses in Brazil. The present work aims to analyze the history of the publishing house and this was based on interviews with former employees, collaborators, university professors and market competitors, as well as journalistic articles, academic articles and bibliographical and theoretical references, as well as concepts that permeate the essence of the publisher to regard the book as an art object that somehow fits into the editorial profile drawn by its members within the publishing universe explored by Cosac Naify guidelines. Based on the access and consultation of the cited materials, how the publisher played its editorial dynamics and the decisions involved in the production process of a book. The look and conduct that Cosac Naify aimed at the home sector of the book's production chain will be investigated. It will be emphasized the trajectory of the publisher in order to analyze particular editorial behaviors, as to consider the book as object of art for the diligence in the care of both the textual part and the graphic part of each point in the process of making the same. Seeking to make his work known in the academic field of Portugal and the other speakers of the Portuguese language. To record the history of a publisher so relevant not only to the publishing market and the Brazilian public, but also to Portuguese speakers, bold projects, the rescue of classical works and extreme care in the symbiosis they have achieved, balancing format and interesting and provocative aesthetic appeal as well as painstaking and meticulous texts from the editorial point of view. To reveal the delicacy and the particularity in the understanding of its employees, managers and collaborators, in the office as a characteristic feature of the publisher and how they considered during its nineteen years of operation and its viability as a business. The work seeks to contribute to the study of the publishing world, giving a clear and comprehensive knowledge about an example of a Brazilian publishing house, which has built a unique path that leaves an inspiring and necessary legacy to the publishing market.

KEYWORDS: Cosac Naify; Book; Charles Cosac, publishing house.

AGRADECIMENTOS

A construção desse trabalho foi algo muito desafiador na minha vida. Não foi fácil e, acredito que por isso, seja algo pelo qual me sinto tão tocada em realizar e oferecer às pessoas que fazem parte da minha história e, agora, a comunidade acadêmica de Portugal.

Meu maior objetivo com o trabalho é tornar a história e o trabalho desenvolvido pela editora Cosac Naify durante seus dezenove anos de plena atividade e de relevância à cultura e à disseminação de trabalhos exemplares em língua portuguesa, de conhecimento não só do leitor e do mercado editorial brasileiro, mas também por parte dos portugueses. Todos falamos a mesma língua e esse conhecimento nos une e nos fortalece em conhecimento e novas propostas dentro do mundo dos livros.

Depois de pesquisar e fazer um planejamento, consegui viabilizar minha vinda à Lisboa, a fim de realizar esse curso, desejado por tanto tempo. Para isso não medi esforços, e, nesse caminho, pude contar com a ajuda de muitas pessoas. A força e a consideração que todos tiveram comigo e com o meu trabalho me deixa extremamente comovida e realizada.

Efetuar cada etapa dos processos envolvidos e ver o trabalho tomando corpo e forma trouxe, sem dúvida, uma alegria que não é possível quantificar. A importância e o respeito que tive ao imergir e ter cada vez mais contato com a história da editora que tanto me inspirou foi algo substancial de se experimentar. Conversar com as pessoas que desenvolveram a editora foi fundamental na busca de se conseguir um retrato real sobre os feitos e experimentos que essa casa editorial foi capaz de desempenhar, de modo completamente particular tanto no formato como no conteúdo dos livros editados.

Decidir falar sobre a Cosac Naify foi natural, intuitivo. Precisei apenas fechar os olhos e ouvir o meu coração. A admiração pelas escolhas estéticas e editoriais sempre estiveram ali. Acompanhei seu caminho inicialmente como leitora e, mais adiante, como profissional do mercado editorial entusiasta de suas produções. Poder relatar a trajetória de uma editora que se tornou uma referência na concepção e execução de bons livros foi um grande prazer.

Eu gostaria de agradecer muito a Cosac Naify justamente por isso. Pelo exemplo de postura inventiva adotada dentro do mercado editorial, pelo catálogo primoroso e eclético que foram capazes de contruir, pelos livros produzidos com tanto esmero e atenção particular, tanto no tratamento do texto como no design e projeto editorial escolhidos. Foi e sempre será uma grande referência em minha vida.

Aproveitando o ensejo, gostaria de agradecer a Charles Cosac pelo contato que tivemos em entrevista via telefone em agosto de 2017. Obrigada pelo relato, pelo tempo e esforço a que se propôs nessa delicada tarefa.

Gostaria de agradecer aos meus professores do curso de mestrado em Edição de Texto da Universidade Nova de Lisboa, principalmente ao professor Fernando Cabral Martins, meu orientador. Ele foi a primeira pessoa com a qual entrei em contato na universidade para coletar informações sobre o mestrado, ainda no Brasil. A conversa que tivemos foi o gatilho de tudo. Vi o quanto queria realizar e que era sim possível, com organização e planejamento, realizar o mestrado na Universidade Nova de Lisboa. Em uma avaliação em uma das disciplinas ministradas pelo professor Fernando que surgiu a ideia e a vontade de desenvolver mais a fundo o relato sobre a importância e a marca que editora Cosac Naify deixou na cultura, no mercado editorial. Obrigada pelo incentivo, pela aposta e paciência.

Além do conhecimento acadêmico eu tive a sorte de ter contato com professores inspiradores cuja troca foi intensa e edificante. Obrigada a todos, em destaque ao professor João Luís Lisboa, pelas trocas que tivemos em sala de aula.

Agradeço também aos colegas de turma, que me acolheram e ajudar na adaptação à nova cidade, especialmente a Catarina Sabino, Andrea Madruga e Rita Duarte com os quais tive a sorte de desenvolver laços fraternos além das salas de aula.

A biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas pelo acervo e pela instalação, local de fundamental importância para a realização dos estudos.

Agradeço aos ex-funcionários da editora Cosac Naify e demais profissionais do mercado editorial brasileiro pelo apoio e confiança em minha pesquisa. A contribuição de todos foi muito importante para que o entendimento sobre o funcionamento da editora e como seus livros puderam contribuir e impactar não só o mercado editorial como o público leitor.

Aproveito para agradecer a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde me graduei em Produção Editorial e a meus professores e colegas. Foi nessa casa onde meu amor pelos livros começou a ser lapidado e profissionalizado. Agradeço especialmente o professor Mário Feijó pela tutoria e incentivo.

As editoras Record e Elsevier onde aprendi e troquei experiências profissionais maravilhosas e onde pude participar da confecção de projetos editoriais maravilhosos, além de conviver com pessoas incríveis. Às editoras onde fui colaboradora também fica aqui meu imenso agradecimento pela parceria e pelo crescimento proporcionado.

Agradeço com cada fibra na minha existência a minha família. Eles foram e são a base da minha vida.

Meu pai Dejair pelo amor, pelo olhar e pelos silêncios cheios de sentimento e significados. Pelo exemplo de caráter.

Minha mãe Sttela pelo amor incondicional, pela força, pela fome de viver, pela doçura e pelo exemplo de doação.

Meu irmão Felipe, pelo amor, pela troca e presença forte em minha vida. Somos juntos sempre.

Minha irmã Tatiana pelo amor e pelo exemplo de garra e obstinação diante dos objetivos desejados.

Agradeço também ao meu amor Vinicius, por, de mãos dadas, atravessar comigo essa aventura de mudar de vida, de país, e, junto a tudo isso, viver ao meu lado os bons momentos e as horas difíceis também. O meu amor é o meu melhor amigo.

Agradeço a minha grande amiga Vivian Andreozzi pela ajuda preciosa, pelas reflexões e pela escuta.

Agradeço a bibliotecária da Fundação Bradesco, colégio onde estudei quando criança. Não me lembro seu nome, mas a lembrança do seu sorriso ao me ver e imediatamente pegar a carteira da biblioteca para registrar o aluguel dos livros é viva dentro de mim até hoje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
O livro: fruto mutante de processos e práticas ao longo da história.....	13
Figuras importantes no início do processo de edição de livros no Brasil....	16
CAPÍTULO 1: Cosac Naify e sua unicidade: livro como objeto de arte.....	20
Charles Cosac.....	20
Criação da coleção de arte latino-americana na Universidade de Essex.....	20
O primeiro contato com a edição de livros.....	22
Michael Naify.....	24
A parceria.....	24
Tunga e Cosac Naify: início, meio e fim.....	27
Início da Cosac Naify: o desejo em se mesclar palavra e imagem.....	30
CAPÍTULO 2: Estrutura interna da editora.....	34
Gestões:.....	34
- Augusto Massi.....	34
Novas práticas e expansão do catálogo.....	35
Tradução.....	36
Parcerias estabelecidas.....	37
Saída de Massi da editora.....	43
- Cassiano Elek Machado.....	44
- Bernardo Ajzenberg.....	45
- Florencia Ferrari.....	47
Logomarca da editora.....	48
Departamento de Direção de Arte.....	49
- Flávia Castanheira.....	51

- Luciana Facchini.....	54
- Insights.....	57
Departamento Editorial.....	58
- Miguel del Castillo.....	58
- Lívia Deorsola.....	60
- Insights.....	62
Departamento financeiro e comercial.....	63
- Dione Oliveira.....	63
- Jaime Mendes.....	65
- Insights.....	68
Departamento de livros digitais.....	69
- Antonio Hermida.....	69
- Insights.....	71
CAPÍTULO 3: Pontos de destaque da Cosac Naify.....	72
- Coleção Particular.....	72
- Coleção Portátil.....	75
- Livros Infantojuvenis.....	76
CAPÍTULO 4: O encerramento das atividades da Cosac Naify e seus desdobramentos.....	79
O fim da Cosac Naify.....	79
Destino do acervo.....	84
O próximo passo de Charles Cosac.....	85
Considerações finais.....	86
Referências bibliográficas.....	88

INTRODUÇÃO

Cosac Naify. Esse foi o nome de uma das mais representativas editoras de livros do Brasil. Eles foram capazes de imprimir uma nova forma de olhar e pensar o livro fora dos conceitos e práticas já estabelecidas, consolidadas e vigentes até então no mercado editorial do país. A contribuição e o legado da Cosac Naify trouxe tanto para as editoras concorrentes como para o público leitor uma prática e um entendimento sobre a feitura do livro para um novo patamar, onde sua forma de enxergar e agir possibilitaram a edição de obras literárias de qualidade textual e estética de valor e reconhecimento indubitáveis.

A editora Cosac Naify foi referência ao mercado brasileiro de livros em termos de excelência editorial. A partir dessa afirmação descorrerei sobre a história da editora, os acontecimentos, as características que, reunidas no presente trabalho, confirmarão a alegação.

Durante seus dezenove anos de atividade, construiu um catálogo com algo em torno de 1.600 títulos, publicando obras de áreas como arquitetura, artes, ciências humanas, cinema, teatro, design, fotografia, música, dança, literatura e infantojuvenil. Além do meticuloso acervo, a editora conquistou o reconhecimento dentro do mercado editorial brasileiro e fora dele graças ao recebimento de prêmios nacionais e internacionais. A Cosac Naify mostrou ser possível amalgamar dois conceitos fundamentais da produção editorial, que até então não necessariamente eram aplicados conjuntamente, por muitas questões, como a concepção de projetos de design editorial pensado e elaborado atendendo as especificidades da obra e o cuidado minucioso com o tratamento do texto. O livro, nessa casa editorial, era entendido como um projeto único, que merecia a atenção e suprimento de suas necessidades particulares, sejam elas editoriais ou estéticas, atendidas à risca. Elaine Ramos, diretora do departamento de direção de arte da Cosac Naify em entrevista concedida ao blog Sobrecapas declarou: “não faz sentido um livro que não se justifica como objeto, um livro que não tira partido do livro-obra, do livro de artista, que faz uma afirmação da materialidade” (Machado S. , Avenida Niévski, 2012). Essa declaração revela a intenção existente desde a inauguração das atividades da editora: trabalhar e explorar a visualidade e a viabilizar o que cada obra literária pode alcançar nesse aspecto.

O encerramento das atividades da Cosac Naify foi um golpe para todo o setor cultural, mais diretamente para o mercado editorial, para os leitores e para o trabalho de disseminação da cultura.

A Cosac Naify desde o princípio buscou dar destaque não só ao cuidado com o texto mas também importou-se sempre em destacar e explorar ao máximo a materialidade do livro, por entender que o mesmo é um artefato impregnado de símbolos e pode ser

considerado muito além de apenas um repositório de informações. Todas as camadas do objeto livros são importantes e são exploradas.

As escolhas estéticas e artísticas da Cosac Naify e sua contribuição para a cultura já por si só viabilizaria a escrita de um trabalho acadêmico, pelo seu peso, relevância e contribuição sólida para a cultura e disseminação de objetos de arte na língua portuguesa. Entretanto, o fator determinante na feitura do presente trabalho foi o decreto dado por Charles Cosac em novembro de 2015 sobre sua decisão irrevogável de encerrar as atividades da editora.

A Cosac Naify não se furtou em trabalhar e explorar a concretude do livro. Isso consegue ser observado tanto nas coleções como em livros individuais.

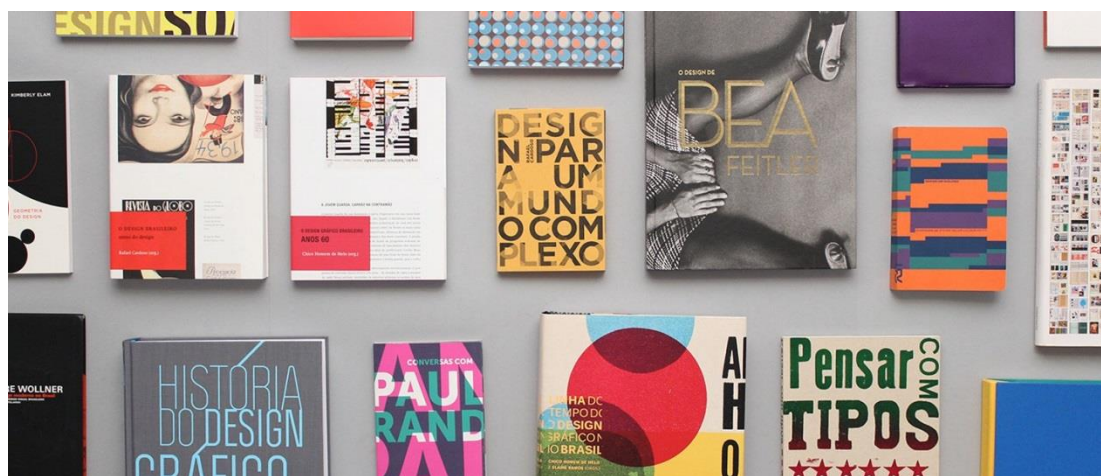


Figura 01: Publicações da Cosac Naify. Fonte da imagem: Pinterest

O escritor português Valter Hugo Mãe, que lançou sua obra no Brasil pela Cosac Naify, declarou em um artigo sobre o fim da editora no jornal português *Público* que a casa editorial foi “uma instituição de cuidado público, uma espécie de organismo para a arte que favoreceu o acesso de todos os livros de vanguarda extrema que impulsionaram e motivaram artistas, autores e suas respectivas audiências” (Mãe, 2015)

O trabalho que pretendo apresentar busca revelar as características, a postura adotada dentro do mercado editorial e, por consequência, os resultados editoriais que os sócios proprietários e toda a equipe de profissionais realizaram durante os dezenove anos de atividades.

Para o presente trabalho foram realizadas entrevistas, com pessoas ligadas à editora, bem como com os professores universitários Mário Feijó (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Aníbal Bragança (Universidade Federal Fluminense), especialistas do ramo da produção editorial e mais pessoas entre os meses de janeiro e agosto de 2017. A entrevista foi uma ferramenta importante de que lancei mão na busca por entender o universo particular de concepção do objeto livro e do seu funcionamento como negócio.

De fato, com o recolhimento de todos os depoimentos, da viabilidade ao acesso de imagens do site e do blog da editora (que não estão mais disponíveis on-line) e que foram guardadas em um reservatório digital, mais consultas a artigos, teses (com

destaque à dissertação de Leonardo Nóbrega da Silva) referências bibliográficas sobre temas acadêmicos que podem ser observados e associados ao presente trabalho, além de reportagens de jornal, pretendo ser capaz de construir um panorama onde seja possível compreender e ter acesso às características da história da editora, seu universo e seu *modus operandi*, revelando com isso, como sua existência foi rica e única tanto para o público leitor como para o mercado editorial. Escrever sobre a contribuição da Cosac Naify no mercado e na cena cultural é o que busco alcançar e problematizar.

A reunião de todas as fontes de informação citadas e depoimentos são fruto da interpretação pessoal, gerada através da leitura e reflexão de todo material.

O primeiro capítulo concentra os detalhes sobre a fundação da editora e seus sócios e a dinâmica de funcionamento e sobre o catálogo da editora e suas características.

No segundo capítulo encontra-se um breve preâmbulo sobre o contexto onde a editora surgiu, a fim entendermos como se deu esse surgimento e são apontadas as escolhas pouco ortodoxas tomadas desde o princípio e como foi seu posicionamento, pelo seu caráter de unicidade, dentro do mercado editorial brasileiro e a consequente conquista de um público leitor. O capítulo segue revelando um pouco sobre o funcionamento de departamentos através das entrevistas feitas, além dos insights feitos em relação a cada setor e as informações que dele foram reveladas. As gestões da casa editorial e as características de cada momento da Cosac Naify no meio editorial, o prestígio e reconhecimento marcados com o recebimento de prêmios nacionais e internacionais.

No terceiro capítulo alguns trabalhos de destaque da editora serão apresentados. Suas características marcantes.

O capítulo quatro trata do fim da editora. Os elementos e causas envolvidas na decisão tomada por Charles Cosac em encerrar as atividades, após dezenove anos de funcionamento. As justificativas dadas para o fechamento, o destino do catálogo e corpo editorial.

As escolhas editoriais iniciais arrojadas feitas não só na abertura da editora como ao longo de sua trajetória foram decisões que contemplavam, até o final de sua história no mercado editorial, a vontade de se elevar e de se criar um padrão, tornando-se assim referência e marco para as editoras concorrentes e, fornecer ao público livros não só com texto correto mas com a sua identidade visual trabalhada com dedicação, exclusividade e esmero.

A possibilidade de ter que realizar concessões caso desejasse continuar as atividades da editora, fora outros fatores, fizeram com que Charles ponderasse e acabasse finalmente por encerrar as atividades da editora que, como o próprio revela, em entrevista concedida gentilmente por telefone:

Eu fechei a Cosac Naify no momento que para continuá-la ela não poderia ser a mesma, ela teria que ser totalmente adulterada. A ideia do começo, do meio e do fim seria melhor que a ideia de começo e declínio. Foi o que eu disse: 'Eu abri, eu fechei.' É muito claro isso na minha cabeça.

Não foi uma coisa egoísta. Eu sofri, comi o pão que o diabo amassou, foi horrível, mas não

havia mais condições. (...) A editora era muito cenográfica. Tem livro que começa na página 170!

A Cosac Naify tornou-se maior, tornou-se imaterial e certamente deixará saudades. No entanto, seu legado reverbera e reverberará no imaginário dos leitores e do próprio mercado editorial, sobretudo pelas obras deixadas, muitas delas premiadas, alguns *best sellers* e outros tantos exemplos de livros *avant-garde* não há como mensurar.

A editora deixa a sua contribuição como influência e com tantos exemplos de sucesso às demais casas editoriais. Uma das intenções como empresa com recursos, investimentos e expectativas de retorno e lucro, era que ela, por si só, fosse capaz de se sustentar, sem a necessidade de aportes financeiros, injetados desde sua inauguração. Infelizmente a administração financeira viável que permitisse a produção e venda de livros com texto e design elaborados não foi alcançada.

O livro: fruto mutante de processos e práticas ao longo da história

Como forma de introdução, segue adiante uma breve recapitulação sobre a origem do objeto livro, objeto esse trabalhado de tão múltiplas formas pela editora Cosac Naify, que o problematizou em muitas oportunidades e entendeu que a materialidade pode ser explorada e, em alguns casos, funcionar como um dado que agregue mais informação e experiência na leitura.

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), livro é uma “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)” (Norma Brasileira ABNT NBR 6029, 2006).

No entanto, muitas acepções a ideia de livro já assumiram ao longo de sua origem até os dias atuais, acepções essas que continuam aparecendo e sendo incorporadas na sociedade, como por exemplo, na possibilidade de consumo e interação com o livro em um formato digital.

Volto ao passado a fim de buscar a primeira referência a ideia de livro, ideia essa que será explorada e desdobrada de muitas formas possíveis pela Cosac Naify.

A vontade de marcar de algum modo sua existência na Terra e também de, com esse registro, ser capaz de disseminar experiências vividas foram os combustíveis para que a humanidade sentisse a necessidade e, portanto, inventasse algum suporte que guardasse esse fluxo mental em registros gráficos.

De acordo com o artigo de Cinderela Caldeira “*Do papiro ao papel manufaturado*” publicado na revista Espaço Aberto edição de número 24, de outubro de 2002, essa vontade de perpetuar conhecimento vem de muito tempo e foi detectada em vários povos.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. (Caldeira, 2002)

Seguiu-se para a descoberta e utilização da técnica de registro com as fibras de uma planta encontrada próxima ao rio Nilo no Egito, chamada papiro, da qual utilizava-se o caule. Ele era cortado em finas tiras, trançado e prensado. Com o desenvolvimento dessa técnica surgem os *volumens*, que segundo o artigo “*A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books*” publicado por Isabel Mesquita e Mariana Conde no X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste em junho de 2008, são “cilindros de papiro, facilmente transportados e armazenados em cofres denominados *bibliothéke* ou depósito de livros” (Mesquita & Conde, 2008). Nessa superfície era possível registrar e guardar dados em tiras estreitas, mas que poderiam alcançar metros de extensão. Fragmentos das manifestações gráficas dessa época ainda são possíveis de se encontrar.

Sequencialmente surge o pergaminho, que consiste na técnica que utiliza pele de animais devidamente preparadas para que nelas fosse possível escrever. Seu manuseio era no formato de rolo.

O códex é uma evolução do rolo de pergaminho. Nele os manuscritos, ainda utilizando peles de animais e cujo conteúdo denotava caráter cristão, eram gravados em madeira e as folhas eram costuradas e amarradas. Eles contam com a proteção contra agentes externos de tábuas de madeira. O códex possui a visualidade que entendemos e assimilamos como livro nos dias de hoje.

A técnica e prática do armazenamento de registros em códex foi muito utilizada na Antiguidade, porém, a descoberta e difusão do uso do papel pelos chineses no século XII, possibilitou a disseminação do conhecimento e de registro de dados fosse transmitida mais facilmente.

A chegada do uso do papel foi um passo importante na construção do livro para o registro de dados. A partir desse ponto o papel foi lançado ao posto de principal suporte de dados. O baixo custo de produção e suas facilidades foram ingredientes importantes para o sucesso e aceitação pelo mundo.

Na Europa, Jonhannes Guttemberg revoluciona no século XIII (1442) a história do livro, ao inventar a tipografia e desenvolver a tecnologia do uso de tipos de chumbo móveis em uma chapa de ferro e produzir o primeiro exemplar em uma prensa. A sua primeira aposta editorial desenvolvida em sua prensa tipográfica foi a Bíblia, o que configurou um formato mais prático e compacto que os anteriores rolos de pergaminho.

A possibilidade de organizar os tipos em uma chapa metálica com infinitos arranjos e de poder reutilizá-los quantas vezes fossem necessárias propiciou um salto na produção e na disseminação. A escala mudou e tornou-se muito mais barata e veloz a confecção de livros. Outros aspectos da produção de um livro foram modificados, como a possibilidade de fabricar e utilizar tipos móveis com estéticas variadas, além de ser possível pensar em novos conceitos para a mancha gráfica e organização das informações na folha. As obras agora podem ter um conteúdo coeso e homogêneo enquanto que quando os livros eram produzidos através da caligrafia dos copistas, os mesmos podiam cometer erros, intencionalmente ou não.

Rapidamente o processo de impressão de livros se moderniza e ganha escala. Novos métodos de impressão surgem, assim como novas técnicas de se produzir papel mais fácil e com menor custo também. Todo aparato de produção gráfica do livro cresceu e se estabeleceu pelo mundo todo. Novos conceitos sobre o que é o livro não deixaram de surgir e de coexistir, como foi o caso já no século XX dos audiolivros e e-books.

O surgimento do livro no mundo foi um marco para a humanidade. A forma como esse artefato torna capaz o armazenamento de informações a disseminação do conhecimento contribuiu de forma imensurável para a evolução do homem. O livro como suporte é capaz de assumir muitos papéis, ter formatos variados e utilizar muitos recursos do campo do design e produção gráfica além de necessariamente abrigar uma série ilimitada de significados, de intenções, signos e conceitos. O livro dissemina doutrinas, fatos históricos, dogmas além de também expressar cultura. A cultura é uma expressão humana que pode se manifestar de muitas formas e, com certeza, o livro é uma delas, amplamente difundida e praticada por diversos povos e ao longo de várias civilizações. O registro possibilita o conhecimento e circulação da informação, além da reflexão sobre o conteúdo registrado.

A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e projetos. (...) (Cucho, 1999)

Existem muitas definições sobre o que entende ser livro. A definição de Lucien Febvre e Jean-Henry Martin na obra “O aparecimento do livro” sobre o livro, me parece adequada para resumir a visão da era moderna desse objeto e de seu papel na sociedade:

é o instrumento mais poderoso de que pode dispor uma civilização para concentrar o pensamento disperso de seus representantes e conferir-lhe toda a eficácia, difundindo-o rapidamente no tecido social, com um mínimo de custos e de dificuldades. Sua função primordial é ‘conferir [ao pensamento] um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação’ (Machado A. , 1994).

A diretora de arte da Cosac Naify Elaine Ramos em entrevista concedida ao site Ideia Fixa, declara que “ está no DNA da empresa considerar o livro uma oportunidade para se exercer conceitos do design” (Luiz, 2014). Isso mostra que desde o princípio das atividades, a Cosac enxergou o suporte livro como um objeto que pode sim ser

explorado além do texto. Que pode ser utilizado de forma ampla e diversa, como veremos adiante em exemplos bem-sucedidos da editora.

Depois da breve menção sobre o objeto livro, agora faremos um salto no tempo e no espaço, já dando um contexto inicial sobre como se deu a produção de livros no Brasil inicialmente, para que, mais adiante a história da Cosac Naify possa ser contada corretamente.

Figuras importantes no início do processo de edição de livros no Brasil

A intenção nesse campo é fazer um sucinto preâmbulo sobre a atividade editorial no Brasil, sobre nomes importantes que contribuíram muito na prática editorial e no estabelecimento de um mercado de produção e venda de livros.

A existência e própria subversão no entendimento da prática editorial da Cosac Naify só terá sido possível graças aos atores iniciais desse cenário.

O processo de impressão de livros no Brasil só começou com a chegada e fixação da família real portuguesa em 1808 no Rio de Janeiro. A Corte trouxe consigo no trajeto de Portugal para o Brasil uma oficina completa de impressão, além de mestres impressores capacitados, como expressa o professor Aníbal Bragança em seu artigo “Uma introdução à história editorial brasileira” (Bragança, 2002).

Antes, esse movimento e circulação de livros ocorria com obras que chegavam importadas da Europa e que eram consumidas por uma fatia muito restrita da sociedade, visto que a população em sua maioria não era alfabetizada. O tamanho extenso do país e a precariedade das vias de transportes tornava complicada a comercialização e distribuição dos livros, o que acabava por reduzir o acesso das pessoas aos mesmos.

Durante o início do século XX, o mercado de vendas e produção de livros no Brasil começou modesto. O investimento em autores nacionais era uma aposta arriscada de se tomar como editor, uma vez que as tiragens eram reduzidas e os mesmos não queriam correr o risco de publicar um autor desconhecido.

Décadas passaram, mas com o contexto de dificuldade ainda existente, um nome surgiu. Monteiro Lobato foi uma figura muito importante no processo de desenvolvimento da edição e da circulação de livros no Brasil. É de sua autoria a frase: “Um país se faz com homens e livros”. Nascido em São Paulo, formou-se em Direito e costumava escrever artigos e publicá-los em jornais, o que acabou por torná-lo conhecido entre os leitores de periódicos.

Iniciou as atividades no ramo editorial com a *Revista do Brasil* (fundada em 1916), que antes de sua direção passava por dificuldades financeiras, apesar da boa reputação que tinha entre a classe intelectual. Ele expandiu o número de assinantes do periódico e conseguiu ampliar sua circulação, fidelizando novos assinantes. Monteiro Lobato

viabilizou uma parceria ousada para a época: um sistema de distribuição de livros em postos de venda nada convencionais, como mercados, farmácias, açougues e armazéns. A forma de pagamento era feita por consignação.

A experiência foi positiva e o fez querer lançar novos autores. Desse modo, textos de jovens iniciantes eram publicados ao longo das edições. Poucos anos mais tarde, em 1919 Lobato funda com um parceiro sua própria editora. Seu modo de enxergar e agir dentro do setor editorial foi a frente de seu tempo. Promoções para conquista de novos leitores, estratégias de marketing, pesquisas, análise de tiragem das obras, lançamento de novos nomes, eram recursos por ele utilizados na comercialização dos livros.

Além da visão aguçada do funcionamento do comércio de livros Lobato também tinha muito apreço e atenção à produção do livro em si, como a criação de uma capa agradável esteticamente, a utilização de tipos que facilitem a leitura, mancha gráfica confortável, o próprio formato do livro. Todos esses atributos o fazem ter a importância que tem na história editorial do Brasil.

Como Wesley Augusto Nogueira em sua dissertação *O livro no fim do livro: perspectivas para o leitor, autor e editor brasileiro sob a ótica da popularização dos novos dispositivos de leitura digital*, diz:

O projeto de Lobato de criar uma editora ao seu gosto, seguindo o seu idealismo a partir de diretrizes que considerava adequadas, e da forma como compreendia o comércio editorial, modificaram definitivamente o panorama do livro no Brasil do início do século XX. (Nogueira, 2013).

Monteiro Lobato também foi responsável por um grande feito: escreveu um dos clássicos da literatura infantil brasileira chamado *Sítio do Pica Pau Amarelo*, uma série de vinte e três volumes escrita entre os anos de 1920 a 1947, que contava as aventuras vividas pela menina Narizinho e sua boneca de pano falante Emília no próprio sítio que dá nome à obra.

Sobre Lobato, Wesley Augusto Nogueira sintetiza com pertinência o mote desse personagem: “seu legado é considerável por ter o que não era comum em seu tempo e, ainda hoje, é raro: coragem para arriscar e criatividade para inovar” (Nogueira, 2013, p. 31).

Coragem e inovação são características que também podem ser atribuídas a história construída pela equipe de profissionais da editora Cosac Naify, que optou sempre que pode por apostar na potencialidade particular de cada obra e, desse modo, afinar os olhos para enxergar suas necessidades e buscar por atendê-las da melhor forma. A dedicação trouxe, conseqüentemente, sucesso e prestígio com o público e com o próprio meio editorial.

Outro nome de grande peso e relevância pela contribuição prestada ao mercado editorial brasileiro é José Olympio Pereira Filho, mais conhecido por José Olympio. Bibliófilo, começou trabalhando como vendedor de acervo de obras raras.

Em 1931 fundou a José Olympio Livraria e Editora, em São Paulo, mas pouco tempo depois foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Cinco anos adiante, tornou-se, “o maior editor nacional no campo das edições literárias e livros não-didáticos”, com 66 títulos publicados, segundo relata Lawrence Hallewell em sua obra de referência no acompanhamento e registro histórico da indústria editorial brasileira “O livro no Brasil: sua história” (2005).

Sua atuação no mercado editorial brasileiro é de grande destaque, por vários aspectos. Foi um editor atuante na proposta de editar novos nomes da literatura da época, o que contribuiu muito para o surgimento de publicações genuinamente nacionais. José Olympio sempre foi interessado em oferecer um produto final com a máxima qualidade possível, seja tanto na qualidade do texto editado como no projeto gráfico envolvido. Na Revista do Livro de 5 de dezembro de 1939, lê-se que:

Em José Olympio se reuniam as qualidades do trabalhador infatigável, do organizador, do tino comercial, a decisão desinteressada de afrontar todos os riscos para o amparo econômico e editorial da cultura brasileira (como citado em Hallewell, 2005).

Hallewell relata a história de que o editor foi responsável por em 1934 levar o autor brasileiro José Lins do Rego e promover a primeira sessão de autógrafos de dois livros seus no país. Por um impulso decidiu apostar alto e produziu tiragens para as obras de Rego (“Menino do Engenho” e “Bengüê”) de cinco e de dez mil exemplares, respectivamente. A esposa de Olympio, Vera Maria Teixeira o achou insano por tomar tão ambiciosa decisão. A noite de autógrafos foi um sucesso, uma novidade sem igual para a época. No entanto, a quantidade de livros produzida não conseguiu ser escoada. Os exemplares eram enviados para os pontos de venda através dos correios e em sistema de consignação, porém muitas caixas retornavam com quase a totalidade de livros intactos. Levou cinco anos para que as duas edições fossem vendidas. Episódios como esse confirmam a vontade de Olympio em realizar um trabalho que pudesse atingir muitas pessoas. Entre as décadas de 1940 e 1950, Olympio foi um dos maiores editores do Brasil, publicando dois mil obras. Seu desempenho, visão arrojada e comprometimento em pensar o livro de forma global (no campo editorial e comercial entre outros) auxiliou sem dúvida a formação e consolidação do mercado editorial brasileiro do século XX.

Ênio Silveira foi outro nome de grande importância para mercado editorial brasileiro ao comandar a editora Civilização Brasileira, uma das principais casas editoriais no Brasil nos anos de 1950. Wesley Nogueira destaca a importância e influência do mesmo afirmando em sua dissertação que:

A importância da editora ultrapassa os limites da qualidade de seus autores e obras, renovando e influenciando práticas editoriais e a estética dos livros a partir dos anos 1950. (Nogueira, 2013, p. 35)

O editor teve, para a época, decisões arrojadas, como por exemplo, contratar uma agência de publicidade para fazer a divulgação da obra *Lolita* de Vladimir Nabokov, com tiragem de 60 mil exemplares. Essa era uma de suas principais características: apostar no novo. Muitas vezes pagou adiantado por serviços editoriais, apostou em altas tiragens, tudo sempre acreditando que o produto valia o investimento aplicado.

Segundo Maria Celeste Mira em seu livro “Momentos do Livro no Brasil”, Ênio Silveira gostava de utilizar a propaganda como uma ferramenta a seu favor na divulgação das obras editadas por ele. Nesse depoimento, declara: “Fiz também a primeira vez propaganda agressiva de livros. Usei outdoor, numa época em que era muito incipiente aqui. E as pessoas ficavam chocadas (citado em Nogueira, 2013)”.

Ênio utilizou o serviço de reembolso postal como forma de distribuição e escoamento da produção de livros, uma vez que seus títulos sofriam com a censura do regime militar vigente na época, buscando assim uma alternativa para a comercialização das obras. O editor da Civilização Brasileira chegou a ser processado algumas vezes por “propaganda subversiva” através de seus livros. Ênio Silveira perdeu muitas edições, muito dinheiro em obras que eram consideradas ofensivas ao código político e moral vigente.

Mesmo diante de um cenário de opressão, Ênio foi capaz de observar e se dedicar a vários aspectos da produção editorial. Com a intenção de também fidelizar e vender mais de seus livros, cria o Clube dos Amigos da Cultura, onde oferecia descontos nos livros da editora, a partir de uma taxa de associação. Esteticamente, como relata em seu livro Maria Celeste Mira “Momentos do Livro no Brasil”, Ênio instituiu o uso da brochura aparada, que seria ter as páginas do livro já abertas, sem a necessidade de se passar uma espátula nelas além de ter sido um dos fundadores em 1946 da Câmara Brasileira do Livro (CBL). Tal acontecimento foi extremamente importante para a união da categoria. Ênio também chegou a ser presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), instituição importante na proteção e no fomento do mercado editorial no Brasil.

Direta ou indiretamente as referências de profissionais da edição citadas de fato contribuíram para a formação de um mercado editorial no Brasil e de inspiração em como entendê-lo para as gerações futuras a esse período, no sentido de como atuar no mesmo e em como muitas vezes é necessária certa dose de arrojo para que o livro produzido tenha atendido todas a suas necessidades.

Episódios e personagens importantes como os que foram citados ajudaram na construção do mercado de edição de livros no Brasil e ajudaram a contextualizar superficialmente o presente trabalho, a cena editorial brasileira, o início da produção de livros em solo brasileiro, a edição das obras, pinçando alguns dos nomes e fatos marcantes no início e meio do século XX e que, serviram de base para a construção do universo editorial no Brasil, onde a Cosac Naify surge. As referências básicas de estofa na prática editorial tornaram possíveis que casas editoriais como a de Charles Cosac e Michael Naify e tantas outras surgissem, atuassem e, de alguma forma, revolucionassem a produção editorial.

CAPÍTULO 1: Cosac Naify e sua unicidade: livro como objeto de arte

Charles Cosac

Charles Cosac nasceu no Rio de Janeiro em 1964. Filho dos imigrantes sírios Mustafá e Vitória Cosac, dedicaram-se ao ramo da mineração de ferro, manganês, bauxita e quartzo ao instalarem-se no Brasil (Ilustrada, 2007).

Muito sensível e interessado em artes, aos 13 anos, Charles ingressou na Escola de Artes Visuais do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O fato de ter sempre sido cercado por belos cenários, contribuiu para que desde novo tivesse um olhar esteta diante do mundo, como revela em entrevista “Charles Cosac: ética e estética da Cosac Naify”, podcast 195 – Rio Bravo, concedida em 2013.

Em poucos meses realizando o curso, Charles descobriu que realmente gostava de artes, de visualidade, porém não tinha talento para criação. Fato constatado, ele decide estudar Desenho Industrial, mas acaba por ser reprovado no teste de aptidão técnica.

Essa negativa acabou por encaminhar Charles a dar seguimento aos seus estudos na Inglaterra. Desse modo, ele partiu para a Inglaterra, onde viveu muito anos, só retornando ao Brasil aos 32 anos. Estudou Matemática e na parte final do curso o estendeu para Administração. Após o bacharelado, fez um curso de pós-graduação na área das artes.

Criação da coleção de arte latino-americana na Universidade de Essex

Sequencialmente, decide dar continuidade aos seus estudos e opta por realizar seu mestrado em Teoria e História da Arte pela Universidade de Essex.

Após o mestrado, Charles decide fazer o doutorado na Universidade de São Petersburgo, na Rússia. Seu tema de investigação foi arte russa, mais especificamente o início do abstracionismo no país (1905-1915) e o objeto de investigação foi a pintura “Quadrado Negro Suprematista” de 1915, do artista Kazimir Malevich. Tal obra é considerada um marco do vanguardismo russo.

O suprematismo é uma corrente de pintura abstrata, criada por Malevich na segunda década do século XX. Se baseia na combinação de superfícies multicolores de básicas formas geométricas formando composições assimétricas. O suprematismo foi amplamente utilizado na produção de cartazes, bem como na arquitetura, no design e na cenografia. (Romendik & Manáev, 2013)

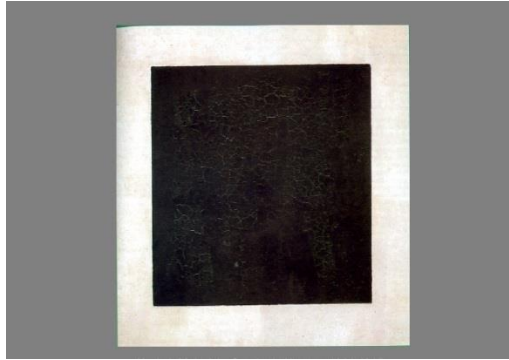


Figura 02: Quadrado Negro, c. 1914-1915, óleo tela, 79,5x79,5, Moscou: Galeria Tretiakov

Ao observar os passos da trajetória acadêmica de Charles pode-se notar a característica de seu olhar esteta, muito próximo sobretudo de expressões no campo das artes plásticas, diante de suas escolhas para investigação. Seu gosto pela arte russa não competiu com o apreço que nutria também pela arte produzida no Brasil, como veremos adiante.

Em 1993 foi fundada uma coleção de arte latino-americana dentro da Universidade de Essex.

Segundo o catálogo comemorativo de 20 anos da coleção 2012, explica-se a importância e a participação de Charles no início da coleção e nas doações feitas entre os anos de 1994 a 1997 para o acervo (foram sete obras incluindo artistas como Siron Franco, Tunga, Alex Fleming entre outros).

So, in 1993, when one of our students, Charles Cosac (who went on to found the Cosac Naify publishing house in Brazil), offered to donate a work art that we could use in our teaching, we accepted with enthusiasm: we decided this could be a start of a dedicated collection of Latin American art that could support our teaching and generate research. The word was a painting by Brazilian artist Siron Franco: *Memória*, 1990-1992 (University of Essex, 2016).



Figura 03: Dados da obra à esquerda: artista: Siron Franco(1947 -) Radiografia brasileira, 1996 Brazilian X-ray Installation. Dados da obra à direita: artista: Siron Franco. Obra: *Memória* (1990-1992) Memory Mixed media on canvas, Painting Fonte da imagem: <http://www.escale.org.uk/collection/artists/siron-franco/AUTH176/radiografia-brasileira/O272>

http://www.escale.org.uk/collection/artists/siron-franco/AUTH176/memoria/O1_Ambas foram doadas ao acervo da Universidade de Essex por Charles em 1996 e 1993 respectivamente.

Ao concluir o mestrado, Charles candidata-se ao curso de doutorado dentro do mesmo tema. Entretanto, havia o obstáculo da língua a ser ultrapassado, uma vez que não falava russo e, escrever sobre um tema do país sem saber sua língua matriz acabaria por rebaixar a qualidade de sua produção acadêmica a um nível inferior. Esse impasse o faz partir para a Rússia na intenção de aprender o idioma e assim dar seguimento à sua pesquisa. Lá viveu por pouco mais de um ano, chegando a conclusão de que não conseguiria aprender o russo formal instrumental necessário pela academia em tempo hábil. Chegou a dar aulas de inglês na Universidade de São Petersburgo, no departamento de Filologia além de ter vivido com intensidade a cultura russa da forma mais profícua possível durante esse período.

O primeiro contato com a edição de livros

Charles estava seguindo todos os estágios de uma vida acadêmica formal quando, ainda em São Petersburgo, surge seu primeiro contato com o universo da produção editorial.

A amizade com artista plástico Siron Franco teve início, de acordo com a matéria publicada pelo jornal Folha de S. Paulo em 13 de janeiro de 1998, em 1985, quando Charles viu um quadro do artista do artista em uma galeria em Belo Horizonte que o impactou, tanto que acabou por comprar não só ela, intitulada “Personagem Indeciso” como mais dois outros trabalhos do artista. Nessa época, trocaram telefones e não deixaram de manter contato. O laço de amizade estabelecido viabilizou a parceria o artista futuramente na produção de um livro patrocinado sobre a carreira artística de Siron. De acordo com o site de do artista, o livro apresenta:

abordagem extensa sobre sua pintura, comentários especializados sobre determinados quadros, sobre as principais séries e sobre sua vida artística. Editado em 4 cores nas reproduções das obras, com textos de Dawn Ades, Ferreira Gullar, Charles Cosac e Jô Frazão, a publicação tem 240 páginas e capa dura. Formato: 32 x 23 cm (Siron Franco - Site Oficial, 1999).

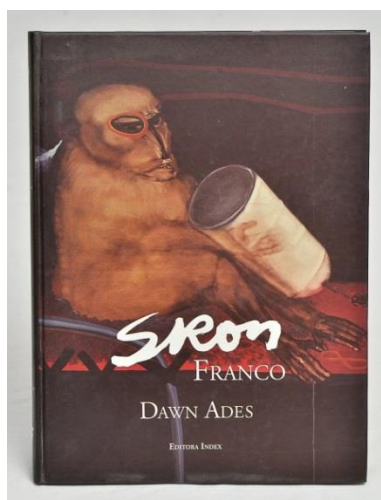


Figura 04: Capa do primeiro livro no qual Charles trabalhou como editor e organizador cujo título é “Siron Franco / Figuras e Semelhanças Pinturas 1968 – 1995”. Fonte da imagem: <http://www2.uol.com.br/sironfranco/livros.htm>

Charles é convidado a produzir o livro e, desse modo, interrompe seu curso de doutorado e passa a se dedicar integralmente ao livro de Siron Franco. Esse foi seu primeiro contato com edição de livros. Ele relata que foi uma experiência remota, mas muito gratificante. Por conta desse projeto editorial, Charles retorna ao Brasil para a realizar a pesquisa necessária e a produção do livro, que é editado em 1995 com o título “Siron Franco / Figuras e Semelhanças Pinturas 1968 – 1995”, pela editora Index.

O resultado final foi tão bem recebido que em 1996 Charles muda-se definitivamente para São Paulo e planeja por em prática seu plano de abrir sua própria editora.

Mesmo com as incertezas de se lançar em um ofício completamente novo, Charles se encanta com a produção e edição de livros e decide investir na ideia de o fazer profissionalmente, montando um negócio onde fosse possível realizar esse desejo. Graças ao contato com Siron Franco e a experiência vivida editando seu livro, Charles pode constatar que de fato amava o mundo das artes, porém o caminho da academia e da curadoria de arte não eram atraentes e compatíveis com seus desejos. Como editor encontrou o caminho onde esse contato era possível e viável de se estabelecer.

Charles afirma que Siron Franco foi o seu padrinho como editor de livros. Por ele, retornou ao Brasil e revolucionou sua trajetória profissional e, a partir desse primeiro contato com produção de um livro, decidiu abrir sua casa editorial, aceção mais apreciada pelo mesmo. Sobre sua relação com os livros, Charles declarou em entrevista via telefone concedida a mim que muitas das obras editadas eram escolhidas mesmo por um gosto pessoal, e todos estavam de alguma forma relacionados ao universo das artes:

Muitos livros eu fiz porque desejei fazer, por um desejo pessoal. Nesse caso eles eram feitos com recursos pessoais, nunca usei recursos da editora. Eu trabalhei essencialmente em monografias, em livros de artista e parcialmente em livros sobre teoria da arte.

Outra figura que apesar de não ser brasileira foi citada como influência direta de modelo de editor de livros pelo qual Charles foi inspirado, como o mesmo revela em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* em 20 de abril de 2013 aos jornalistas Antonio Gonçalves e Maria Fernanda Rodrigues, foi o editor americano George Brazillier. Em suas palavras, Charles revela que Brazillier tinha uma visão “extraordinária, competente, ousada e particular”. Brazillier foi o editor que Charles queria ter sido.

George Brazillier buscou em sua carreira editar livros da alta literatura, livros de arte e também de autores estrangeiros desde o início de suas atividades no ramo, iniciada com o clube dos livros em 1941 o que em 1955 tornou-se uma editora que funciona ainda nos dias atuais, hoje administrada pelo filho de George, falecido em março de 2017 aos 101 anos. Segundo o site da editora Brazillier:

The firm is famous for its art books on painters such as Pablo Picasso, Will Barnett, Henri Matisse, Red Grooms, Philip Guston, and George Inness. In addition to timely and beautiful visual books, George Brazillier, Inc.'s reputation has been built on publishing serious literary works and works of art history, architecture, and criticism.

Michael Naify

O sócio mais distante dos holofotes, Michael Naify pertence a uma família bilionária de origem libanesa que atua no ramo do entretenimento nos Estados Unidos e também atua como membro do conselho em instituições educacionais e com fins lucrativos da Escola Internacional de Florença, o Museu de Arte da Universidade de UC Berkeley, Todd-AO Corporation e agora, SFAI, segundo consta no site da San Francisco Arts Institute. É amante e colecionador de artes. Sua vida sempre foi afastada dos holofotes. Não foi possível localizar nenhuma declaração pública sobre as atividades profissionais exercidas ou alguma declaração sobre as atividades desempenhadas na editora que fundou com seu cunhado.

Michael, assim como Charles, também é um entusiasta da produção artística brasileira no mercado internacional. Conheceram-se em Londres durante período universitário. Michael estudava História da China quando ficaram amigos. A proximidade e o sentimento de fraternidade chegaram ao ponto de Charles nutrir um carinho especial pelo pai de Michael, o magnata Marshal Naify. Os laços afetivos estreitaram-se ainda mais quando Michael casou-se com Simone Cosac, irmã de Charles. Simone e Michael Naify tem três filhos.

Simone possui atualmente uma empresa na Itália que produz perfumes. Michael atua como empresário e tomou a frente um projeto audacioso onde restaurou uma vila na Itália, propriedade historicamente significativa do estilo florentino Belles-Artes Renaissance, incluindo palazzos Medici e Strozzi em torno da cidade de Florença (Wilson, 2015; San Francisco Art Institute, s.d.).

A parceria

O nome Cosac Naify surgiu da junção do sobrenome dos sócios Charles Cosac e Michael Naify. Segundo Charles relata em entrevista concedida aos jornalistas Antonio Gonçalves Filho e Maria Fernanda Rodrigues para o jornal *O Estado de São Paulo* em 20 de abril de 2013, “no início houve um entendimento dos três: meu, do Michael e da Simone. Eles moravam em Florença e Simone participou dos primeiros anos, acompanhando a impressão, que era feita na Itália. No começo teve um sabor familiar.”

Michael e Simone foram sócios majoritários de Charles desde o início, em 1997. Na divisão dentro da editora, como negócio, ambos tinham responsabilidades em setores específicos. Michael desempenhava o papel de esteio financeiro.

O casal Michael e Simone, durante a fase inicial, por vezes sugeriram a compra de direitos para publicação de alguns livros infantis que por alguma razão lhes agradassem, como foi o caso de “A Árvore Generosa” de Shell Silverstein com tradução de Fernando Sabino. Um livro sensível que aborda a relação que um menino e uma árvore

estabelecem ao longo da vida e todas as elocubrações sobre temas como amizade, responsabilidade e ecologia que esse laço entre eles pode despertar.

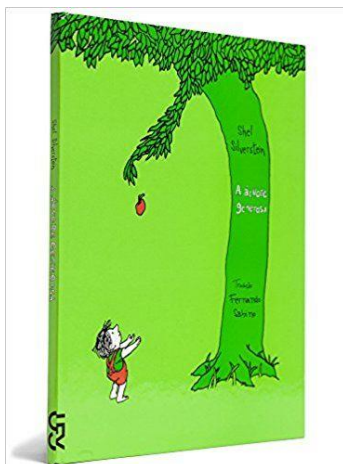


Figura 05: Livro: A árvore Generosa. Autor: Shell Silverstein Fonte da imagem: Amazon

Dav Pilkey e sua coleção “As aventuras do Capitão Cueca” criada em 2000, teve sua obra traduzida para 22 idiomas e mais de 70 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, sendo meio milhão deles no Brasil (Cazarin, 2015), era editada pela Cosac Naify.

Foi, de fato, uma aposta arriscada (se pensarmos no foco inicial da editora em um catálogo voltado para as artes) e que, sem dúvida, abriu portas para um campo editorial no qual a Cosac acabou por ser muito bem-sucedida, tanto em termos de venda como em prestígio mercadológico que foi o universo da literatura infantojuvenil.



Figura 06: Exemplares da coleção “As aventuras do Capitão Cueca”. Autor: Dav Pilkey Fonte da imagem: Amazon

Simone Cosac Naify escreveu o livro infantil “O tapete de Maria” em 2005 e o publicou na editora. De acordo com a sinopse o livro relata, com o auxílio dos desenhos de Marta Manetti, a história de “um jovem casal que se separa no meio da guerra, mas que ainda está unido pelo amor”.



Figura 07: Livro: O tapete de Maria. Autora: Simone Cosac Naify. Fonte da imagem: Amazon

De acordo com Charles em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, depois de cerca de cinco de fundação da editora, sua irmã Simone perdeu o interesse e vontade em participar das atividades editoriais. Desse modo, sua presença na editora acabou deixando de existir. O aporte de dinheiro colocado na editora era feito oficialmente pelo Banco Central do Brasil e que, durante todos esses anos de sociedade, quando precisou de ajuda monetária, recorreu ao sócio e cunhado, que prontamente o atendeu e o ajudou a sair das crises.

A editora Cosac Naify fixou-se na cidade de São Paulo, apesar de Charles ser natural do Rio de Janeiro. Assim o fez por justamente ter ficado encantado pela cidade desde seu regresso da Inglaterra, durante as pesquisas que realizou para o livro de Siron Franco. Em entrevista concedida por telefone, em agosto de 2017, Charles revela acreditar que a Cosac Naify deu sim um impulso no visual no mercado editorial e que ela inspirou outras editoras. “Eu jamais citaria nomes”, disse, “Eu também me inspirei em muitas coisas”, finalizou.

Dessa forma, a Cosac Naify nasce e inicia suas atividades editoriais em 1997 na cidade de São Paulo, mais especificamente na rua General Jardim número 770, onde por lá desenvolveu suas práticas editoriais por dezenove anos, empregando cerca de 110 funcionários.

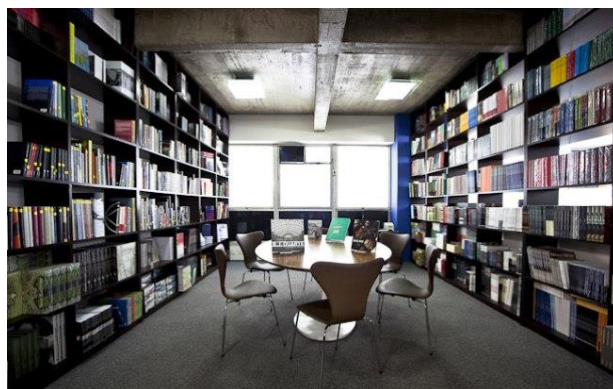


Figura 08: Instalações da editora. Fonte da imagem: acervo do extinto site da editora

Tunga e Cosac Naify: início, meio e fim

Para Charles Cosac:

Dez anos depois (referindo-se ao livro “Barroco de Lírios”), ainda penso ser esse o mais belo livro realizado pela editora. Ele foi nossa pedra fundamental. Apontou visualmente o ‘delírio’ que se almejava editorialmente viver. ‘Delírio’ esse que se repete a cada nova publicação (citado em Tunga, 2012).

A declaração dada pelo idealizador e um dos donos da Cosac Naify quando a mesma completava dez anos de funcionamento no mercado editorial, revela muito sobre o norte por ele idealizado e trilhado: a vontade de fazer livros considerados objetos de arte e que enalteçam esse campo da expressão humana, tudo levado a máxima potência e sendo realizado de uma forma até então inédita no Brasil.

Lançar mão do conceito desenvolvido por Stephen Bury sobre o livro de artista encaixa bem na parceria estabelecida entre Charles Cosac e Tunga na concepção tanto de Barroco de Lírios como, dez anos depois, da criação da Caixa Tunga. Para Bury, o livro de artista é um “livro ou objeto em forma de livro, sobre os quais, na aparência final, o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como obra de arte (citado em Vulpin, 2016).” O livro é considerado um objeto de arte e a exploração da sua própria ideia e interpretação do que é um livro pode ser levada ao extremo do experimento de poéticas, subtextos e discursos que essa expressão possa abrigar. Ele pode assumir um papel de mais exclusividade, por ser mais complexo em execução e, portanto, ter sua reprodução em larga escala muito onerosa. O livro de artista transita entre os campos da literatura e da produção visual. O leitor\observador é capaz de se relacionar com a obra em várias instâncias, não somente com a sua leitura.

A primeira obra lançada pela editora Cosac Naify em 1997, comentada anteriormente, chama-se “Barroco de Lírios”, do artista plástico pernambucano, Tunga.



Figura 09: Livro: Barroco de Lírios. Autor: Tunga. Fonte da imagem: acervo do extinto site da editora

Tunga foi uma figura célebre dentro da história da editora. Charles inclusive o considerava padrinho de sua casa editorial, além de sempre ter sido fascinado por sua produção artística, mesmo antes de imaginar editar livros e de quem, aos poucos, tornou-se grande amigo.

Tunga é o apelido dado a Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão. Nascido em 1952, ele foi um dos principais artistas contemporâneos do Brasil, tendo inclusive algumas icônicas obras suas expostas permanentemente no Instituto Inhotim, localizado no interior de Minas Gerais no Brasil e considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina. O artista e Charles tinham laços fraternos, tanto que vivenciaram essa amizade muito proximamente, até o fim com a morte do artista, em 2016.



Figura 10: Pavilhão Tunga *True Rouge*, Inhotim Minas Gerais, Brasil. Fonte da imagem: Pinterest

“Barroco de Lírios” ganhou destaque imediatamente por sua produção lançar mão de recursos poucos utilizados pelas casas editoriais até então. A obra contém mais de dez tipos diferentes de papel, duzentas imagens, com destaque para a fotografia de uma trança que ao ser desdobrada alcança um metro de comprimento. A proposta da obra era fazer um retrospecto dos principais trabalhos do artista realizados entre os anos de 1981 e 1996.

Uma das edições mais audaciosas do mercado editorial brasileiro, o livro traz encartes e transparências. Segundo consta no extinto site da editora foram utilizados "recursos como a fotografia de uma trança que, desdobrada, chegava a um metro de comprimento". A estética do livro causou impacto e, de alguma forma, já previa a intenção que a editora tinha na concepção e produção de seus livros. Um novo olhar sobre a produção editorial brasileira surge nesse instante.

Quando a Cosac Naify completou dez anos em 2007, Charles decidiu celebrar editorialmente a marca alcançada. Tunga concebeu o projeto comemorativo, que teve direção de arte de Lilian Zaremba e desenho gráfico de Irene Peixoto e Bernardo Aragão. A Signorini Produções Gráficas foi a empresa responsável pela produção do material, denominado “Caixa Tunga”.



Figura: 11: Caixa Tunga. Fonte da imagem: <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2012/04/30/tunga/>

O material teve tiragem de apenas 500 exemplares, um estojo com sete peças (um cartaz e seis livros) todos eles numerados e assinados, cujo destino final não seriam as livrarias e sim instituições das áreas de educação e cultura. A editora também disponibilizou uma versão eletrônica do projeto em inglês e em português no site, na época do lançamento.

Em entrevista veiculada no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 21 de novembro de 2007, Tunga revelou sua proposta do trabalho ao jornalista Marcos Augusto Gonçalves: “Não me considero um artista da década x ou y, mas dez anos são um tempo bom de maturação. Esse livro reúne uma visão ampla de um programa de trabalho desenvolvido em lugares e países diferentes, em momentos diferentes.”

A empresa responsável pela produção do material deixa um depoimento em seu site sobre como foi desafiador buscar atender todas as especificidades que o projeto apresenta:

A diversidade de produtos, cada um com seu formato, material e recursos de enobrecimento, exigiu um trabalho de verdadeiro garimpo: onde encontrar em São Paulo uma gráfica que imprimisse no formato 85 x 120cm? Como reproduzir uma tira de quadros de um filme, originalmente gravado em vídeo (portanto sem quadros!), de forma que no manuseio se tivesse a sensação de tocar o próprio rolo de filme encartado no livro? Como reproduzir um documento antigo, com suas marcas de durex, manchas amareladas pelo tempo e bem sujinho usando papel e tinta novinhos? Onde produzir um estojo em papelão empastado, com corte especial e fechamento por ímã, resistente o suficiente para acondicionar tantas peças sem deformar e sem parecer grosseiro? Etc etc... Isso sem contar a responsabilidade de reproduzir com fidelidade obras de arte e instalações, expostas originalmente nas mais diversas condições ambientais, desde galerias climatizadas até o meio do mato! Mas, afinal, o resultado compensou todos as energias e esforços empenhados no processo. (Tunga - Caixa de surpresas ou caixa de Pandora?, 2014)

A produção da Caixa Tunga exemplifica como a Cosac Naify buscava não limitar a potência criativa do artista. O resultado desejado era conceber a materialidade do livro da forma mais próxima ao desejo do mesmo. Todas as decisões que envolvem a produção conceitual e gráfica do livro eram discutidas internamente e intensamente, em

reuniões (denominada internamente como “reuniões de conceito”) com toda a equipe envolvida. Inclusive, essa postura implicou muitas vezes em desajustes dentro da editora, do ponto de vista financeiro principalmente. Equacionar a imaginação e a intenção do autor com um projeto editorial viável para o mercado editorial brasileiro mostrou-se ser desde o início, ser o maior desafio da editora.

Como o fechamento de um ciclo, Charles revela em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* no dia 28 de novembro de 2015, que o último projeto editorial a ser realizado por ele seria mais um livro sobre Tunga. A obra estava em preparo e não havia muitas informações sobre como seria feita a sua conclusão. Em entrevista concedida via telefone em 25 de agosto de 2017, Charles expõe:

O livro (sobre o Tunga, último da Cosac Naify) está sendo feito. O Tunga criou muitos neologismos, tenho que trabalhar com dicionários etnológicos, é muito difícil. O cotejo tem sido muito penoso. O texto é bem familiar para mim porque o livro está no prelo há muitos anos. O texto foi escrito originalmente em inglês por Katia Lampert. O Tunga, como é muito fácil, exigiu que traduzíssemos para o francês para que ele pudesse ler, porque ele se negava a ler em inglês. Uma coisa inacreditável. Daí juntou a doença dele, o livro ficou em suspenso, mas agora está saindo do forno. Não estou correndo.

Início da Cosac Naify: o desejo em se mesclar palavra e imagem

“Credito 95% do sucesso inicial desta editora aos artistas com quem trabalhei e que generosamente emprestaram-nos belas linguagens visuais”, afirma Charles Cosac (Tunga - Caixa de surpresas ou caixa de Pandora?, 2014).

A declaração acima dada por Charles Cosac reforça mais uma vez o DNA que ele e sua equipe editorial adotaram para a editora desde o início de suas atividades até seu encerramento: o apreço pela visualidade.

Os primeiros anos (entre os anos de 1997 a 2000) foram intensamente voltados ao universo das artes plásticas e da edição de monografias, que por sua vez tornariam-se livros de referência numa área onde a publicação era escassa. Com o passar dos anos o rigor estético permaneceu de alguma maneira presente, mesmo nos trabalhos editoriais voltados a outros ramos do conhecimento. A primeira fase da editora é reconhecida por essa postura, que não deixa de ser um pouco herdada do próprio Charles, uma vez que desde muito novo, sempre foi apreciador das artes plásticas. A editora Cosac Naify, logo em seus primeiros anos de atividade, buscou trabalhar com a edição de monografias de artistas contemporâneos ligados ao ramo das artes visuais.

Abaixo, algumas capas de livros editados nos primeiros três anos de atividade da editora. A meu ver eles ilustram com clareza as características imagéticas e editoriais dos primeiros anos de vida da editora, entre 1997 e 2000, a título de informação visual.



Figura 12: Créditos das obras em seqüência: Antropologia da Face Gloriosa. Autor: Arthur Omar (1997); Leonilson, Use E Lindo, Eu Garanto. Autor: Ivo Mesquita (1997); Título: Amilcar de Castro. Autor: Rodrigo Naves (1997); Título: Antarctica Artes Com A Folha. Autor: Vários autores (1998); Título: Leda Catunda. Autor: Tadeu Chiarelli (1998); Título: Ela Que Não Está. Autor: Daniel Senise (1998); Título: DaCosta. Autor: Paulo Venâncio Filho (1999); Título: M. Officer. Autor: Carlos Miele (1999); Título: Neoconcretismo. Autor: Ronaldo Brito (1999); Título: Barbie. Autor: Frédéric Beigbeder (tradução: Cássia Raquel da Silveira) (2000); Título: Cildo Meireles. Autor: Paulo Herkenhoff, Gerardo Mosquera, Dan Cameron (2000); Título: Se a lua pudesse falar. Autor: Kate Banks e Georg Hallensleben (2000).

As obras editadas recebiam atenção e muito critério nas escolhas feitas e na execução das mesmas, já na etapa de produção gráfica. O resultado dessa prática origina livros diferenciados, tanto pelo ponto de vista do conteúdo editado antes não ser contemplados nas edições como no ponto de vista da forma estética do livro, como tipo de papel, gramatura do papel, formato, tipo de impressão, entre muitos fatores. O resultado final era um produto que foi extremamente pensado, dando luz e espaço à produção editorial de artistas cujo trabalho fosse consistente e relevante.

Sobre a categoria de livro (monografias de artistas), Charles revela suas questões específicas sobre a concepção e edição desse tipo de conteúdo e declara:

O livro de arte, o livro de artista se tornou uma imposição. Você vê artistas que mal se formaram e que já tem livros. Eu trabalhei com artistas. Tínhamos que fazer fotocópias coloridas de jornal, de fotos, tínhamos que encadernar...era o kit-artista. Os artistas não tinham como se apresentar. O livro virou um fato: livro monográfico. Com o passar dos anos começamos a competir, não sentido negativo. Houve uma sobreposição entre o livro do artista e o site do artista. O site do artista é tão completo, lindo e maravilhoso. Comecei a ficar embaralhado. A primeira coisa que eu cortei foi a bibliografia. No momento que você imprime imediatamente sai um novo artigo, fica obsoleto. Pode ficar no ar (site). O livro já perdeu um pouco do conteúdo clássico dele. A monografia já não tinha bibliografia e também já não tinha

mais cronologia. Eu tive momento de crise, pensando se o livro monográfico ainda vale perto dos sites dos autores, tão completos. Antes de fazer um livro eu tentava fazer tudo o que o site não havia feito, mas isso era pouco para mim. Eu estava competindo com um computador e isso me fazia sentir obsoleto.

Segundo informações encontradas no extinto site da editora, artes plásticas (livros sobre artistas e livro sobre crítica de arte) foi de fato o primeiro assunto a ganhar destaque e a ser produzido. Foram “mais de cinquenta monografias sobre artistas brasileiros, clássicos da crítica de arte nunca antes traduzidos para o português” (A Editora - História, 2009).

O funcionamento da Cosac Naify era algo particular. Segundo Charles, a editora vivia a vida do livro, não vivia a vida editorial. Isso significa não pautar a produção dos livros em necessariamente cumprir um prazo, ter uma agenda ou atender uma data determinada (o que normalmente ocorre dentro das editoras). Muitas vezes interrompia-se a produção de um livro por não ter se chegado em um consenso sobre qual cor utilizar em uma determinada capa. Eram dilemas reais vividos internamente na editora e com toda equipe. O nível de detalhamento, de obstinação em buscar o que melhor atendesse cada livro tornava a Cosac Naify um lugar único em se produzir livros no Brasil. Nada era feito sem que antes muitos aspectos fossem considerados. Esse rigor acaba por se caracterizar tanto positiva quanto negativamente a editora.

Positivamente porque foi a execução de trabalhos tão meticulosos e descolados da proposta trivial que trouxe à editora o prestígio junto ao público e o respeito dos concorrentes de mercado, além do reconhecimento ter sido ratificado também com o recebimento de prêmios literários nacionais e internacionais.

O lado negativo dessa característica era o fato dessas escolhas contribuírem para que o custo do processo editorial fosse mais alto que o custo dos demais concorrentes, acabando por deixar o livro com um preço final mais alto que os livros feitos pelas outras editoras, o que era problemático.

Observando suas características, trajetória e projetos editoriais desenvolvidos que revolucionaram o mercado editorial brasileiro, nota-se que muito da Cosac Naify acaba por mesclar-se, às próprias características pessoais de sua figura-chefe: Charles Cosac. Não só por ter parte do nome, mas por eleger assuntos, elencar artistas no catálogo, pelo esmero em buscar o melhor resultado final possível. A intenção era que imagem e palavra conseguissem coexistir da melhor forma possível. Charles diz: “Acho que a editora se inspirou muito na minha pessoa. Eu tenho uma coisa meio teatral. Minha casa talvez seja meio teatral, muito cenográfica. Sinto que isso se alastrou para o espírito da editora. Tudo era uma grande questão visual. (TVPUC, 2017)”

Já com o início das atividades da editora, Charles revela que não possuía um plano de negócio claro em sua mente. Apesar de sua formação em matemática e administração, não possuía experiência nesse ramo. Essa falta de habilidade em lidar com os números dentro da editora sempre foi obstáculo na busca por uma vida financeira equilibrada e minimamente sustentável.

Charles revela que a editora tinha um perfil familiar, de poucos funcionários. O fato de ser a primeira experiência profissional de muitos da equipe, como do próprio Charles, nos leva a pensar que muitas ideias e condutas dentro do mercado editorial foram testadas sem experiência prévia. Graças ao dinheiro que ambos os sócios depositavam na editora, era possível conceber o livro com a liberdade e arrojamento conceitual que Charles e toda a equipe editorial faziam. Esse ‘frescor’ na maneira de conceber e editar livros tornou a editora livre o suficiente para ‘pensar fora da caixa’ e, com isso, agregar conceitos à edição de livros no Brasil até então não existentes (TVPUC, 2017).

CAPÍTULO 2: Estrutura interna da editora

Gestões:

- Augusto Massi

Os anos iniciais de funcionamento da editora foram importantes pois foram neles onde construiu-se sua identidade. A ampliação do catálogo de temas a serem editados aconteceu de forma gradual. O objetivo nunca foi abrir mão do rigor estético e em sintonia com o texto.

O universo das artes foi o norte inicial porém Charles decidiu avançar e dedicar tempo e espaço para projetos que contemplassem outras áreas do conhecimento.

Para tomar esse passo, Charles contou com a ajuda, dedicação e competência de um nome que com certeza marcou a editora pela grande contribuição prestada: Augusto Massi, escritor, crítico, poeta e professor de literatura da Universidade de São Paulo. Massi foi convidado por Charles a colaborar com a editora e por lá ocupou postos de editor chefe, diretor editorial e presidente da editora.

Pela importância de Augusto Massi na construção e desenvolvimento da editora, busquei contato a fim de ter acesso sobre como foi viver essa experiência. Infelizmente o professor não se sentiu confortável em fazê-lo, declinando o convite.

A consistência e relevância de seu papel dentro da Cosac Naify é inegável e reconhecido pelo próprio Charles.

Massi trabalhou durante dez anos, marcando uma era muito profícua em termos de desenvolvimento e ampliação de catálogo e de solidificação da personalidade da Cosac Naify dentro do mercado dos livros.

O professor, antes de trabalhar na Cosac Naify, já tinha experiência no ramo editorial. Um dos projetos merece breve nota: Massi participou no final da década de oitenta e início da década de noventa da organização e reunião de uma das coleções de poesia mais representativas da literatura brasileira, denominada Claro Enigma, publicada na época pela livraria Duas Cidades.

Além dessa experiência editorial de valor e contribuição inestimáveis à cultura brasileira, Massi também organizou debates sobre o tema com os autores publicados na coleção, além de outros nomes e também editou revistas de poesia e de literatura ao longo de sua carreira.

Massi revela que ele foi convidado a colaborar com a editora nos últimos meses de 2001. A ideia de Charles era que ele realizasse uma abertura para a edição em outras áreas, entre elas, a literatura. Aos poucos, o professor afirma que procurou estabelecer uma linha editorial que desse destaque, entre muitas áreas, a autores de língua espanhola e que fossem, principalmente, da América Latina. Massi também afirma na publicação

que “um dos objetivos da editora é formar novos leitores, criar um espaço de debate, estabelecer um diálogo com outras culturas” (Vieira, 2010).

Segundo entrevista concedida por Charles à Revista *Carta Capital* em 23 de agosto de 2007, sua editora era “um João-bobo. Massi lhe deu esqueleto, pés” (Menezes, 2007).

Charles confirma a importância do trabalho de Massi dentro da editora:

O projeto (da editora) é do Augusto. Grande parte da Cosac Naify era ele e depois da saída dele, que foi muito tumultuada, a gente viveu de projetos que ele havia engatado. Eu jamais disputaria, tiraria, seu mérito. Acho que o Augusto pensava a editora como um todo, enquanto eu estava muito preocupado com a liberação, com o pontual. Quem pensava o todo era o Augusto (Comunicação pessoal, 2017)

A gestão de Massi foi importante para que a editora se diversificasse sem perder a qualidade e identidade e muito menos deixar de lado o rigor no design dos livros, aspecto muito defendido e de grande relevância para Charles e que, de alguma maneira, também foi visto com grande importância por Massi, que veio de experiências editoriais anteriores muito ricas.

Novas práticas e expansão do catálogo

Em depoimento dado ao mestrando Leonardo Nóbrega da Silva (2015), Massi declara quais foram as suas prioridades dentro da Cosac Naify em seus dois primeiros anos de trabalho:

A primeira delas: tratei de aumentar consideravelmente o número de lançamentos. No primeiro ano, demos um salto de vinte e poucos lançamentos para uns setenta. No ano seguinte, um novo salto, ultrapassamos cem títulos novos. E isso com a mesma quantia de dinheiro que havia sido empregada nos anos anteriores. A segunda delas foi mudar o critério de contratação. A editora começou a crescer e a ganhar certa visibilidade.

A expansão de temas explorados pela editora, que passou a editar livros de literatura brasileira e universal, antropologia, arquitetura, infantojuvenis, autores contemporâneos aconteceu sempre muito ligado ao visual e ao artístico. Dessa forma, a identidade marcante da editora foi transmitida para outras temáticas que vieram a ser editadas. Além dessa prática, Massi também tinha uma postura editorial muito clara: a de publicar autores desconhecidos e mais radicais (sabendo do risco comercial que essa atitude envolve) e também os nomes clássicos.

À Revista *Caracol* (Vieira, 2010), Massi revela:

De certa forma, a Cosac Naify vem construindo o seu catálogo com obras clássicas e modernas, que não figuram como lançamentos e não exigem que participemos de leilões, disputas etc. Graças e essa política temos conseguido desfrutar de algum prestígio junto às editoras e aos agentes literários.

O perfil de leitor que compra os livros da Cosac Naify eram, segundo dado de Massi, composto por três tipos: “o leitor que culto, na faixa entre 30 e 60 anos, que sempre gostou de ler boa literatura, o leitor dito universitário e o que está sendo iniciado, introduzido e formado”. As apostas editoriais feitas iam de encontro ao que esse público desejava consumir, e, dessa forma, viabilizava, tiragens de 3.000 a 5.000 exemplares.

Tradução

Na tradução de obras literárias a Cosac Naify adotou uma postura interessante: era costume investir não só em uma tradução feita diretamente da língua mãe, o que diminuía muito os problemas e ruídos que essa tarefa pode reservar, como também era prática agregar ao livro textos de apoio que somem valor e conhecimento ao leitor.

Convidava-se especialistas e críticos renomados para escrever as peças textuais periféricas que acompanham o livro como orelhas, quarta-capa, prefácio, introdução, posfácio, fortuna crítica, apêndice, ensaio, entrevista entre outros. Intelectuais eram chamados para fazer a curadoria de coleções editadas. Essa prática fez aumentar a dedicação da editora em fazer livros de interesse acadêmico e obras de referência. Uma estratégia que consegue alcançar um resultado positivo junto ao seu público.

A prática de tradução de obras clássicas direto da sua língua de origem foi uma das posturas adotadas. Para exemplificar podemos citar o tratamento dado à literatura clássica russa (o idioma foi muito explorado pela editora), por conta da paixão e da trajetória acadêmica de Charles. A obra de Tolstói foi traduzida do original pelo professor, tradutor e escritor brasileiro Rubens Figueiredo.

Rubens Figueiredo tem como particularidade no exercício da tradução o cuidado em manter as características linguísticas das obras da língua mãe. Questionado sobre o papel da tradução, revela:

A tradução é uma experiência interessante porque nos dá a oportunidade de pôr em questão a ideia do caráter definitivo de uma obra, de um conto. Nada é eterno, o que importa é que o livro nos diga alguma coisa no momento que a gente está vivendo (Benevides, 2015).

O professor concedeu gentilmente uma declaração via e-mail em 6 de fevereiro de 2017 sobre sua experiência em trabalhar colaborador para a Cosac Naify.

Minha participação na Cosac foi muito indireta. Um dia recebi um telefonema de Augusto Massi, que eu havia conhecido no Rio, meses antes, e que estava começando a dirigir a editora.

Ele queria que eu traduzisse um livro de Fielding. Não me animei. Em troca, propus uma tradução do russo. Era um livro de contos de Tchekhov que eu vinha planejando havia algum tempo, nos finais de semana. Tinha quase toda a ideia traçada. Na verdade, eu nunca havia traduzido um livro inteiro do russo, apenas contos e poemas, numa revista meio marginal, que

Massi conhecia. No entanto, eu já havia traduzido muitos livros do inglês, portanto tinha certa prática. Lembro que ele parou um instante, calado, ficou pensando na minha proposta, e acabou aceitando. Feito e publicado o livro, com a ajuda de outro editor, Samuel Titan, a coletânea agradou bastante e recebi até uma carta de Boris Schneiderman. Seguiram-se outros dois livros, até que a editora me propôs traduzir Anna Kariênina (em 2005). A novidade importante, nesse caso, é que ofereceram uma fração de direitos autorais para o tradutor circunstância raríssima no Brasil na época e, creio, de grande relevância. Daí em diante, alguns livros que traduzi tiveram as mesmas condições, mas outros não. A equipe editorial foi mudando e, vista de longe, a editora parecia estar ficando mais organizada (naquele início, cheguei a traduzir livros sem assinar nenhum contrato). Ao longo de tantos anos, creio que só estive na editora duas vezes. Uma circunstância que também me parece importante. Convidaram-me para dar uma espécie de palestra para todos os funcionários sobre Anna Kariênina e, depois, Guerra e Paz. Percebi que havia muito envolvimento naqueles projetos, da parte de quem lá trabalhava. Fora isso, o que posso ressaltar é que só conheci o dono da editora, Charles Cosac, depois que ele anunciou o fim dos trabalhos da empresa. Creio que sua personalidade forte e incomum explica em boa medida o que foi a editora e o que ela realizou e significou. Imprevisível, generoso, desconcertante, de uma sinceridade fora dos padrões, creio que isso se refletiu na personalidade da editora, ao longo do tempo (Comunicação pessoal, 2017)

A declaração de Rubens Figueiredo mostra como a editora começa com intenções de práticas não tão presentes no mercado editorial, ainda sem uma sistematização clara (como o fato de realizar tradução sem contrato assinado). Com o tempo a relação foi se profissionalizando.

Rubens consegue revelar aspectos significativos da editora, como a prática de tratar textos clássicos com esmero, tendo como ponto inicial a realização da tradução a partir da língua de origem, conduta essa nem sempre muito utilizada pelas editoras. Essa postura já a diferencia das editoras concorrentes e faz com que ganhe respeito e prestígio dentro do próprio mercado bem como junto aos seus leitores.

Parcerias estabelecidas

A Cosac Naify nessa altura conseguiu estabelecer parcerias editoriais muito proíficas tanto para a editora como a título de registro documental de várias esferas da cultura brasileira. Essa implementação com certeza contribuiu para o crescimento e prestígio da editora e de seu catálogo. Algumas das instituições que a Cosac fez associação (coedição) para a produção de livros:

- Fundação Iberê Camargo

A editora e a Fundação realizaram juntas coedições de obras relacionadas à arquitetura e artes em geral. A título de registro, segue o destaque de duas obras.

Primeiro seria o livro bilíngue organizado pelo arquiteto português Álvaro Siza, “Fundação Iberê Camargo” publicado em 2008 segundo material promocional de divulgação da Fundação, “inteiramente dedicado à nova sede da Fundação Iberê

Camargo, inaugurada em maio de 2008 em Porto Alegre e concebida por Álvaro Siza.” O prédio construído por Siza possui um grau de simbolismo por ser a primeira edificação no Brasil concebida para abrigar o acervo de apenas um artista, Iberê Camargo. A obra contém muitos registros fotográficos, croquis e desenhos técnicos sobre a construção do prédio e todos os recursos utilizados na edificação.



Figura 13: Livro: Fundação Iberê Camargo. Organizador: Álvaro Siza. Fonte da imagem: Amazon

Outra parceria entre a Cosac Naify e a Fundação que merece destaque é a obra “Cem Anos de Iberê” de Iberê Camargo editado pelo crítico de arte Luis Camilo Osório. Nele é contada a trajetória de um dos artistas brasileiros mais produtivos do século XX. Lançado em 2014, a edição do livro é primorosa: capa dura e conta com a seleção de muitas ilustrações, principalmente pinturas do artista.



Figura 14: Livro: Cem anos de Iberê. Organizador: Luis Camilo Osório. Fonte da imagem: Amazon

- (ABMIC): Associação Brasileira Mostra Internacional de Cinema

Com sede na cidade de São Paulo, a instituição promove anualmente a exibição de uma série de títulos cinematográficos pelas salas de cinema, museus e espaços culturais da cidade, além de exibições gratuitas e ao ar livre. Filmes contemporâneos são selecionados e exibidos, na intenção de “apresentar tendências, temáticas, narrativas e estéticas”, segundo site da associação (2016). A parceira promoveu a edição conjunta de dezessete livros, muitos deles inclusive caracterizam-se por serem obras de referência. Os livros compunham a coleção ‘Mostra Internacional de Cinema’.

Segundo o extinto site da editora, os livros são “fartamente ilustrados, as edições trazem ainda filmografias completas” além de apresentarem análises sobre o estilo do diretor e sua filmografia.

A coedição sobre um dos mais importantes diretores do cinema português, Manoel Oliveira foi feita graças a essa parceira entre as entidades.

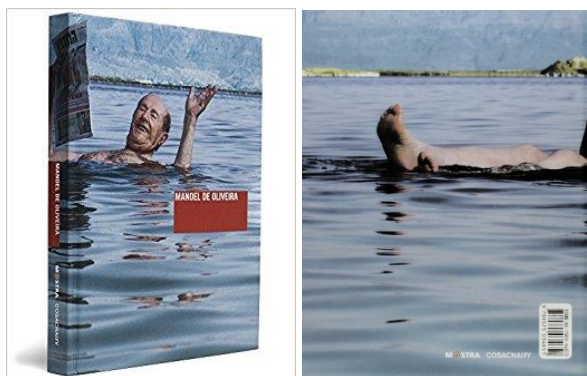


Figura 15: Livro: Manoel de Oliveira. Organizador: Leon Cakoff. Fonte da imagem: Amazon

Nele, o organizador da ABMIC Leon Cakoff entrevista o diretor Manoel Oliveira. Nesse registro, Oliveira revela suas percepções sobre o mundo da arte e da estética, além de dar um testemunho lúcido sobre a vida. Junto a esse rico material, a edição traz ensaios do pesquisador João Bénard da Costa, do crítico brasileiro Inácio Araújo e da professora Leyla Perrone-Moisés. Na mesmas obras ainda foram disponibilizados textos assinados pelo próprio diretor, finalizando com informações sobre sua filmografia, pesquisada por Orlando Margarido.

Outros diretores contemporâneos de destaque também foram contemplados com coedições como a citada, proveniente de países como Irã, Rússia e Israel.

Outra obra que merece destaque foi o livro “Jogos para atores e não atores”, do diretor, autor e teórico de teatro brasileiro Augusto Boal, criador da metodologia do *Teatro do oprimido*, conhecida por aliar teatro a ação social.

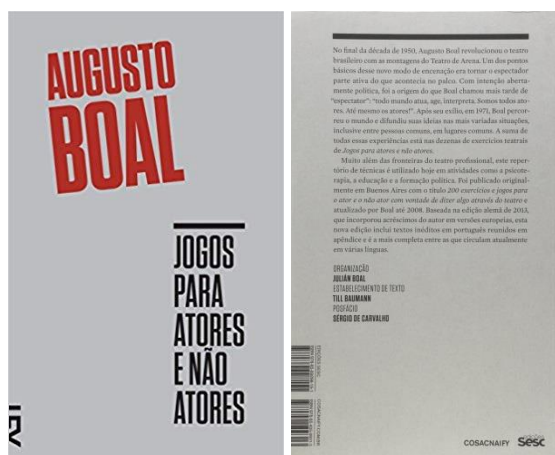


Figura 16: Livro: Jogos para atores e não-atores. Autor: Augusto Boal. Fonte da imagem: Amazon

O livro reúne todas as experiências vividas por Boal em suas viagens pelo mundo, divulgando suas técnicas e exercícios teatrais. O livro já havia sido editado e publicado anteriormente no Brasil (pela editora Civilização Brasileira) e outros países, porém, a coedição com a Cosac Naify conta com um design limpo, capa flexível no formato 22,8 x 14 x 2,4 cm, além de trechos inéditos do autor, tornando-se a versão mais completa dentre as demais publicadas em várias línguas, além de ter sido organizado pelo seu filho Júlian Boal e de ter o posfácio escrito por Sérgio de Carvalho.

- Sesc

O Serviço Social do Comércio (Sesc) do estado brasileiro de São Paulo estabeleceu uma parceria editorial com a Cosac Naify coeditando livros sobre o universo da literatura, do teatro e do cinema. Sobre essa parceria, concebeu-se uma coleção denominada Ópera Urbana.



Figura 17: Coleção Ópera Urbana.

A coleção buscou criar uma nova proposta de entendimento de endereços tradicionais da cidade de São Paulo para jovens leitores. Segundo consta no site do Sesc, o objetivo da coleção era “traçar um perfil inovador de espaços urbanos conhecidos, reproduzidos no texto e nas ilustrações com todas as suas cores, ritmos, pulsações...” (Reinventando o perfil dos espaços urbanos, 2013).

Desse modo, a coleção acaba por homenagear a maior cidade do Brasil, ao elencar e tornar cenário das tramas espaços presentes não só em São Paulo, mas na maioria das cidades, como cemitério, parque de diversão, avenida principal entre outros. Buscou-se dessa forma estimular o conhecimento através de um ritmo ágil de narração por parte dos autores, dentro de uma estética moderna por parte dos ilustradores, a fim de estabelecer uma nova proposta de interação e de entendimento desses espaços urbanos tradicionais e proposta ao público jovem leitor. Como consta no site “texto e ilustrações integram, assim, em um projeto gráfico inteligente e original”.

O projeto gráfico da coleção compreende a ideia contida no título da coleção. Como em uma ópera, cada livro vem acompanhado de um libreto. Nele reuniu-se informações e serviços variados sobre o espaço urbano explorado. Também constam fotografias,

referências literárias e cinematográficas, indicações de sites e sugestões de roteiros de passeios.

Além dessa proposta editorial extensa em possibilidades de disseminação de conteúdo, os editores da coleção criaram um site onde nele era possível ao jovem leitor publicar nele experiências e visões sobre a cidade, através de textos e fotografias e, desse modo, uma interação mais imediata.

Outro fruto dessa parceria entre as entidades foi a obra feita em homenagem aos 80 anos do cineasta e documentarista brasileiro Eduardo Coutinho. Com o nome do próprio homenageado, a obra de referência abriga ensaios, entrevistas e textos críticos escritos por Coutinho. Fora esse material, na segunda parte do livro, depoimentos de colaboradores do cineasta foram reunidos, buscando destrinchar como se dava a dinâmica de trabalho com o diretor. A terceira parte é composta por uma fortuna crítica e por textos escritos por nomes de referência na área do cinema sobre sua extensa filmografia. Um livro completo sobre essa figura tão importante para o cenário cultural brasileiro, servindo como referência para os que desejam conhecer e estudar sua produção artística. Livro adotado ou de referência a característica de muitos dos livros do catálogo da editora inclusive.

A obra reforça uma estratégia marcante da editora: buscar reunir ao texto central, materiais igualmente interessantes e que edifiquem o leitor, potencializando sua experiência literária.



Figura 18: Livro: Eduardo Coutinho. Organizador: Milton Okata. Fonte da imagem: Amazon

- Faap

Nesse caso, a Cosac Naify estabelece uma parceria editorial com uma instituição de ensino superior de São Paulo, a Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Juntos, em 2005, realizaram a fotobiografia de Paulo Autran, uns maiores atores brasileiros, estrela de primeira grandeza no cenário cultural nacional. “Paulo Autran: Sem Comentários”, reúne 127 imagens acompanhadas por ensaios críticos e comentários do próprio ator, que agregam personalidade e proximidade do autor com o leitor. Grande parte das fotografias que ilustram os livros foram retiradas do acervo pessoal do artista, fotografias essas que foram escolhidas por Autran conjuntamente com seu produtor

Germano Soares Baía. A responsável pelo projeto gráfico do livro é a designer da Cosac Naify, Luciana Facchini.

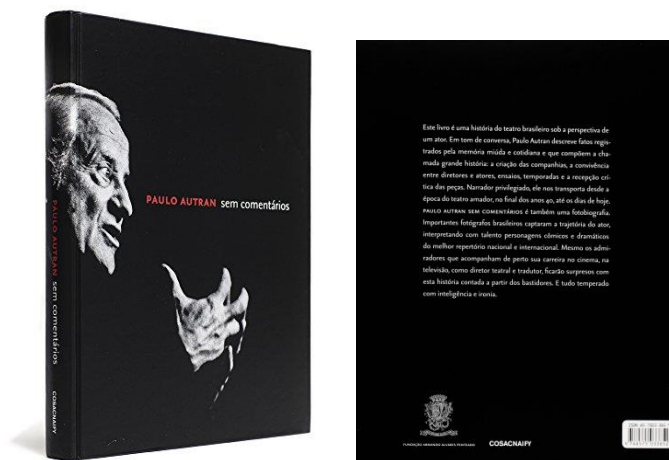


Figura 19: Livro: Paulo Autran: Sem comentários. Autor: Paulo Autran. Fonte da imagem: Amazon

- Instituto Goethe

Da parceria estabelecida entre a Cosac Naify e o Instituto Goethe, órgão que promove o idioma e a cultura alemã em vários países no mundo, originou-se obras como a coleção “Pensamento Alemão No Século XX” (que inclusive foi publicada em formato de livro de bolso pela editora, dentro da Coleção Portátil) composta por três volumes e organizada por Jorge de Almeida e Wolfgang Bader em 2009. O primeiro volume reúne onze textos de especialistas brasileiros na obra de grandes pensadores alemães do século passado como Martin Heidegger, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Theodor Adorno. O texto de cada colaborador conta com uma reflexão sobre como a obra do pensador citado foi recebida no Brasil. Além dessa reflexão, ao final da obra é possível contar com uma lista de referências bibliográficas onde o leitor que decidir aprofundar duas pesquisas sobre o autor estará amparado. O segundo volume do ciclo organizado pelo Instituto Goethe de São Paulo reúne textos de especialistas brasileiros que comentam a obra de pensadores como Carl G. Jung, Ludwig Wittgenstein. O terceiro volume foca nas artes e nas maiores expressões dessa vertente na cultura alemã no século XX: Franz Kafka, Thomas Mann, Bertolt Brecht, fora correntes como o expressionismo alemão e a escola de arquitetura Bauhaus, entre outros.

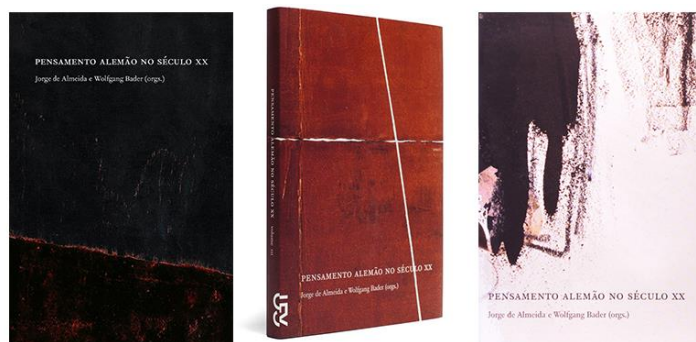


Figura 20: Coleção Pensamento Alemão No Século XX. Fonte da imagem: Amazon

Saída de Massi da editora

A participação de Augusto Massi na Cosac Naify foi concluída em 2011, sob o alvo de algumas críticas e desentendimentos entre ele e Charles, por questões relativas a diferenças de opinião quanto a gestão e administração financeira da editora.

À revista Massi declara:

Sempre fui grato ao Charles Cosac e ao Michael Naify pela extrema confiança depositada em mim nesses dez anos de convivência. Por isso, em vez de responder às críticas recomendo às pessoas interessadas que visitem o site da editora. Em 2001, quando entrei na editora, o catálogo tinha 80 títulos, a maioria de artes plásticas. Na minha saída, em abril de 2011, ultrapassava 830, contemplando as áreas de literatura, antropologia, arquitetura, história, design, infantil, cinema, fotografia etc. Mas longe de ser um mero editor, como presidente também criei várias parcerias, estabeleci uma política agressiva de vendas pelo site, dei maior visibilidade aos nossos livros nas principais livrarias do país, participamos de todos os planos do governo, vendemos direitos autorais para o exterior, etc. Por maiores erros que eu tenha cometido, estou seguro de que o catálogo deixado representa financeiramente um sólido patrimônio: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Emilio Salles Gomes, Lucio Costa, Paulo Mendes da Rocha, Davi Arrigucci Jr., Ana Maria Machado etc. Todos os profissionais da área sabem que, para ter um catálogo desse porte, e preciso passar pelo crivo dos agentes literários, das livrarias, dos intelectuais, dos artistas, da imprensa e, principalmente, dos leitores. (A versão de Massi, 2012)

O legado deixado por Augusto Massi em termos de estilo, de escolhas de catálogo, de conduta de trabalho e tantos importantes aspectos na Cosac Naify é inegável e muito palpável, como pode ser comprovado tanto em números como em reconhecimento e prestígio no meio editorial e junto ao público leitor. Suas características e práticas continuaram impressas mesmo com sua saída.

O professor gentilmente respondeu ao e-mail enviado por mim e respondido em 27 de janeiro de 2017, que buscava uma declaração sua para o trabalho, a fim de conseguir aqui construir da forma mais plural e completa possível, as fases, a construção, a colaboração e o universo da editora Cosac Naify. Ele infelizmente não quis dar nenhuma declaração. Preferiu o voto de silêncio, como ele mesmo diz, e deixar o tempo passar. No entanto, de sua recusa, segue abaixo a posição de Massi e sentimento diante do trabalho desenvolvido na editora:

“A Cosac Naify foi uma experiência mais que editorial, ela foi uma experiência cultural extraordinária dentro do Brasil e fora dele. Pouca gente tem conhecimento da nossa repercussão, das vendas e dos prêmios internacionais que conquistamos. Tenho muito orgulho de ter liderado os melhores anos da vida da editora, ali pude construir uma editora como se fosse uma universidade aberta, livre, de ponta, contemplando todas as áreas do conhecimento: arquitetura, cinema, dança, design, moda, música, teatro, literatura infantil, etc. Reuni em torno dela muitos intelectuais: Davi Arrigucci Jr (Literatura), Carlos Martins (Arquitetura), Ismail Xavier (Cinema), Rubens Fernandez Jr. (Fotografia), Fernando Novaes (História). Pretendo escrever um longo ensaio sobre esta etapa da minha vida. Onde possa apresentar livremente e sem nenhum sentimento mesquinho ou sensacionalista a visão global que formou e informou a

editora nos anos que a dirigi. Hoje me encontro inteiramente dedicado a vida literária e universitária. Não gostaria de falar nada sobre a Cosac Naify.

- Cassiano Elek Machado

Cassiano Elek Machado é jornalista, trabalhou em jornais, revistas, além de em 2007 ter sido curador da Flip, a Feira Literária de Paraty, no Brasil. Trabalhou de fevereiro de 2008 a abril de 2012 como diretor editorial na Cosac Naify, informação que consta em seu perfil profissional no site LinkedIn (2017). Como responsabilidades do cargo assumido, era de sua incumbência a escolha dos títulos a serem editados e a supervisão da produção final de todos os livros publicados (cerca de 90 títulos/ano). Cassiano também representou a Cosac Naify em feiras de livros nacionais e internacionais esse período.

Em sua gestão, houve uma remodelação no site de vendas de livros da editora. O endereço virtual possuía uma estética limpa e ágil, com a elencagem de assuntos organizados de modo a facilitar o acesso à informação que se deseja checar. Outro ponto muito importante surgiu nessa altura: a criação do blog da Cosac. Autores foram convidados a serem colunistas no espaço virtual.



Figura 21: Captura de tela do site da editora Cosac Naify



Figura 22: Captura de tela do blog da editora Cosac Naify. Fonte da imagem: <http://aqualelis.blogspot.pt/2012/06/>

Cassiano revela que o segredo para se ter redes sociais acessadas pelo público é oferecer material exclusivo. Como exemplo, ele cita o convite feito à autora da própria Cosac, Carol Bensimol em relatar no blog da editora sua experiência vivida ao percorrer ruas de Paris. Sobre isso o diretor editorial fala: “Não pensamos na página como um espaço de vendas, é um lugar de relacionamento”.

Em 2010 o portal da editora completou um ano de existência e sofreu reformulações a fim ampliar e oferecer conteúdo exclusivo sobre os livros do catálogo, além de promoções, sorteios e descontos, e, dessa forma, atrair e fidelizar mais leitores.

Sobre a colaboração de Cassiano à editora, Charles Cosac acredita que poderia ter sido mais explorada:

O Cassiano Machado seria uma pessoa com quem o Augusto Massi dirigiria a editora. Ele era uma pessoa mais moderna, mais relacionada. Infelizmente ele não teve oportunidade de mostrar a sua capacidade. Augusto o podava muito, dava e tirava a liberdade. Era uma situação constrangedora e tensa, porque, na verdade, com a saída de Massi, o herdeiro seria o Cassiano, mas a editora estava na onda da Florencia Ferrari, ela era a verdadeira aluna do Augusto. O Cassiano foi uma figura importante. Coisas que o Augusto jamais teria feito, como o livro do Pelé. O Cassiano tinha um lado mais *pop*. Ele poderia ter ajudado muito mais do que ele ajudou. Se ele tivesse tido mais liberdade. Com a saída do Augusto Massi seguiu a Florencia Ferrari, que seguiu a linha que o Augusto havia traçado. (Cozer, 2010)

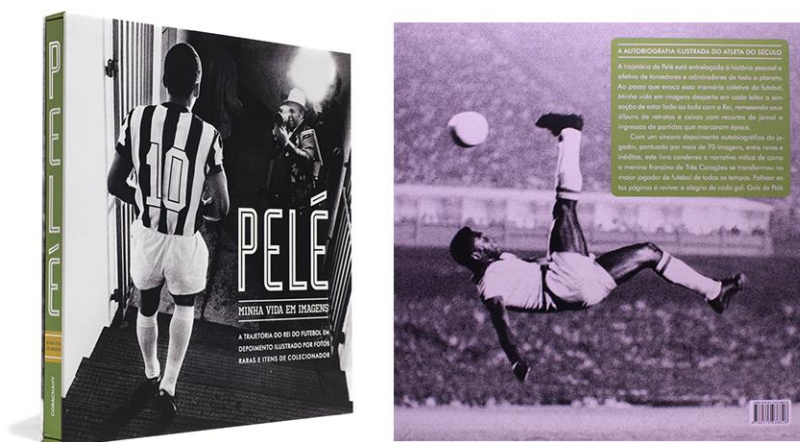


Figura 23: Livro: Pelé: minha vida em imagens, editado por Cassiano Elek Machado. Fonte das imagens: Amazon

- Bernardo Ajzenberg

Escritor, tradutor e jornalista, Bernardo Ajzenberg trabalhou na Cosac Naify entre os anos de 2010 e 2014 como diretor executivo.

Ele revelou em contato via e-mail em 6 de junho de 2017 que seu foco nesse cargo era buscar viabilizar e dar suporte em termos financeiros os projetos dos editores. Eram eles os responsáveis pelas escolhas dos títulos a serem publicados.

O controle de publicação de lançamentos da editora era feito de forma bem detalhada e nele constava a meta do ano vigente e também dos anos seguintes. O orçamento anual era definido entre os meses de outubro e novembro do ano precedente. O cronograma era acompanhado com intensidade pela diretoria e remanejado conforme o andamento da produção dos livros, explica Ajzenberg.

Sobre a experiência profissional vivida dentro da Cosac Naify, Bernardo relata:

Representou um aprendizado, especialmente no relacionamento com o mercado livreiro, com gráficas, distribuidores e autores. Pude constatar que os problemas nesse setor, por mais que ele tenha especificidades por se tratar de uma produção de caráter cultural, não são tão diferentes, em termos humanos e comerciais, do que os demais.

Fiz algumas perguntas para o editor por e-mail. Segue o registro de nosso contato.

P: Havia algum planejamento para a publicação dos livros?

R: Havia uma planilha bastante detalhada que trazia os lançamentos previstos para o ano e também para os anos seguintes. O orçamento anual era definido entre outubro e novembro do ano precedente. O cronograma era acompanhado com intensidade pela diretoria e remanejado conforme o andamento da produção dos livros.

P: Como era a sua relação com a tradução e com a edição dos textos?

R: Eu não participava diretamente desse processo. Minha função, como diretor-executivo, é cuidar mais da parte administrativa e financeira, dando suporte para o Editorial.

P: Como foi a experiência de trabalhar em uma editora que desde o início da sua história se destacou das demais no mercado editorial brasileiro por tomar o norte firme em investir na publicação de textos de qualidade de projeto gráfico arrojado?

R: Representou um aprendizado, especialmente no relacionamento com o mercado livreiro, com gráficas, distribuidores e autores. Pude constatar que os problemas nesse setor, por mais que ele tenha especificidades por se tratar de uma produção de caráter cultural, não são tão diferentes, em termos humanos e comerciais, do que os demais.

P: Poderia dizer quais foram os projetos editoriais que foram mais importantes e marcantes?

Resposta: O mais importante foi ajudar a viabilizar economicamente a publicação de duas obras: Guerra e Paz (Tolstói) e Linha do Tempo do Design Gráfico Brasileiro (Chico Homem de Melo e Elaine Ramos).

P: Como funcionava a inscrição nos editais de compra que o governo realiza?

R: É um processo trabalhoso e complexo, com formulários e produção de dados exaustivos, que eu, como diretor-executivo, supervisionava. Havia uma equipe do departamento Comercial que cuidava disso. Esse processo se inicia com a escolha interna, pelos editores e o Comercial, das obras a serem propostas aos diferentes programas.

P: O e-book já era um formato que estava sendo desenvolvido e pensado nos livros da editora ou ainda era inexplorado?

R: Quando entrei (final de 2010), era uma ideia, um desejo que havia. Conseguimos viabilizá-lo a partir de 2012.

P: Poderia apontar algumas características do catálogo geral da editora, aspectos que você ache interessante em relatar?

R: Prima pela qualidade gráfica e de design. Foca sobretudo nas diferentes formas artísticas e na produção científica da área de Humanas.

- Florencia Ferrarri

Sua formação foi voltada ao ramo das Ciências Sociais, cursada na Universidade de São Paulo. Ganhou especialização no ramo da antropologia, onde desenvolveu seus estudos de mestrado e doutorado, além de ter sido uma das fundadoras a extinta revista acadêmica “Sexta-feira”, Florencia Ferrarri obteve dentro da Cosac Naify todo o aprendizado sobre o universo editorial.

Entrou em 2003 como assistente editorial, inicialmente para editar uma obra do antropólogo Eduardo Viveiro de Castro, um sucesso no nicho da antropologia o livro de ensaios chamado “A inconstância da Alma Selvagem”. Ocupou o posto por um ano e logo foi convidada por Augusto Massi a assumir o cargo de editora, posto que ocupou durante quatro anos.

Nele, exercia atividades como a escolha dos títulos a serem publicados, relacionamento com autores e todos os demais colaboradores necessários para a produção de um livro (tradutor, preparador de original, revisor técnico, revisor ortográfico, pesquisadores entre outros). Também discutia o conceito do projeto gráfico do livro, de comunicação e marketing, além da organização de eventos para divulgação e negociação de contratos com autores e possíveis envolvidos.

Adiante, assumiu o posto de coordenadora editorial da área de antropologia onde ficou por quase quatro anos e na fase final de sua experiência na editora assumiu a diretoria editorial após a saída de Bernardo Ajzenberg em 2012 e ficou até o encerramento das atividades da editora em 2015. Toda sua vida profissional editorial foi desenvolvida dentro da Cosac Naify.

Em entrevista concedida (2012), Florencia revela seu total engajamento ao assumir a posição de diretora editorial e conseqüentemente, todos os desafios que esse cargo implica. Muito otimista, ela revela que ao assumir o posto em 2012 que tinha como plano repensar o conceito dos livros, que para ela essa seria mais uma questão crucial que a própria restrição orçamentária. “Há uma leitura superficial de que nossos livros são caros. O problema não é fazer livros caros em si, mas fazê-los para um estudante que não pode pagar por eles. Temos de saber qual o uso final do livro que oferecemos.”

Florencia respondeu via e-mail sobre qual projeto editorial que tivesse feito parte na editora mais a inspirou e a entusiasmou e, sobre esse assunto, respondeu:

Fiz muitos projetos que me deram muito prazer na Cosac Naify: o primeiro deles, o “Inconstância da alma selvagem”, as Mitológicas, a monografia do León Ferrari, meu avô, entre muitos outros. Um dos últimos projetos que eu fiz, “O mundo de Jia Zhangke” foi particularmente prazeroso porque envolveu assistir a quase todos os filmes do diretor chinês, conhecê-lo e a sua protagonista Zao Tao com quem é casado, quando vieram para a homenagem que a Mostra (de Cinema de São Paulo) fez, discutir o livro e os textos com Walter Salles Jr. e o crítico de cinema Jean Michel Frodon, enfim, foi um desses projetos que você entra sem saber nada e sai conhecendo um mundo inteiro não só do cinema, mas de história, etnografia, política, sobre as mudanças sociais na China da perspectiva muito pessoal desse diretor. (Comunicação pessoal, 2017)



Figura 24: Títulos favoritos editados por Florencia Ferrari: Inconstância da alma selvagem, as mitológicas e O mundo de Jia Zhangke

- Logomarca da editora



Figura 25: Logomarcas da editora Cosac Naif ao longo dos anos

No sentido horário à imagem acima mostra as logomarcas da editora, que sofreu mudanças ao longo dos seus dezenove anos de existência. Começou com o nome dos fundadores como palavras distintas, conectadas apenas pelo ‘&’ comercial. A fonte tipográfica adotada possuía serifas e contava com um ar mais clássico.

Com o passar dos anos, o nome dos sócios fundadores fundiu-se na logomarca, o que, simbolicamente, parece ser significativo. A cor preta manteve-se, porém, a fonte tipográfica sofreu uma mudança radical: passou a ser sem serifas e com traços mais retos.

Adiante, mais uma novidade: a desconstrução com cortes e o rebatimento ao contrário do nome. A logomarca se transformou em um símbolo mais gráfico e conceitual. A legibilidade não foi uma característica a ser mantida, houve uma transgressão nesse sentido. O impacto, que não deixa de carregar em si uma leitura, foi o caminho por eles adotado. Essa ‘brincadeira’ e diluição do nome da empresa, sua fragmentação, acabou por transparecer uma vontade de desconstrução do símbolo, a busca por uma neutralidade e uma vontade de interferir imagetivamente cada vez menos na arte da capa, funcionando como uma espécie de anti-venda, de anti-auto-propaganda. Porém, nem mesmo a inegibilidade impedia a editora de ser reconhecida pelo público, o que mostra a força interna no caminho que decidiu trilhar estética e ideologicamente.

A Cosac Naify, em seus últimos anos de atividade, utilizava mais na composição da capa de seus livros a logomarca vertical cujas iniciais de cada um dos sócios aparecia rebatida, era aplicada na parte de baixo na lombada dos livros.

- Departamento de Direção de Arte

Justamente pela importância dentro da construção da identidade da marca editorial, destaco adiante alguns aspectos que tratam desse assunto. O design gráfico sempre foi um tema de peso na concepção do projeto editorial na Cosac Naify.

Muito desse destaque deve-se ao fato da editora ter iniciado sua carreira com projetos para livros de arte, livros esses onde é possível o trabalho mais aprofundado dos conceitos de design nesse tipo de mídia tão antiga e versátil como é o livro.

Elaine Ramos foi diretora do departamento de direção de arte da Cosac Naify, cargo que assumiu em 2010, resultado de uma história de 15 anos de trabalho na editora. Em entrevista concedida ao site Idea Fixa em 2014, Elaine afirma que o norte da editora era enxergar o livro como objeto de design. Além disso, a designer revela acreditar nas muitas possibilidades de exploração do livro dentro desse universo.

Livros têm um potencial inesgotável para serem trabalhados com design, porém isto é pouco utilizado. Trata-se de um suporte para dialogar com o conteúdo literário. Cada mídia tem suas particularidades e características. Embora livros sejam articulações que têm contato com as mãos e possuem cinco campos a permitirem diferentes visões, os tomos se resumem à

retângulos a serem preenchidos pelos ilustradores ou capistas por questão mercadológica. O ritmo, forma, peso, volume e textura acabam ficando de lado. (Luiz, 2014)

Em entrevista concedida via e-mail em 13 de junho de 2017, Elaine revela qual obra produzida na editora mais teve significado:

difícil responder essa pergunta, eu gosto de muitos projetos, e cada um tem motivos diferentes. Mas, tendo que escolher apenas um, eu escolheria a “Linha do tempo do design gráfico no Brasil”.



Figura 26: Livro A linha do tempo do design gráfico no Brasil, o livro predileto de Elaine Ramos. Fonte das imagens: Amazon

Esse livro foi um projeto ao qual eu me dediquei por três anos, com o Chico Homem de Melo, um professor muito querido e importante na minha formação. Fiz com ele a pesquisa e a seleção, e depois ele fez os textos e eu o projeto gráfico. Portanto foi um livro em que tive um envolvimento muito profundo, pois produzi também o conteúdo. A versão final ficou com 1700 imagens, mas passamos por mais de 8 mil peças gráficas, o processo foi um grande aprendizado. Escolho ele também pelo legado que esse projeto deixa para a disciplina do design gráfico. (Comunicação pessoal, 2017)

No comentário de Elaine podemos observar indícios sobre como funcionava internamente a editora: o tempo de produção de um livro dentro da Cosac Naify era muito dilatado, chegando a levar anos para a conclusão, quando o normal são meses. Essa prática tornava o equilíbrio das contas da editora uma questão delicada de se administrar. O tempo de elaboração de um livro (início, meio e fim) impacta o custo de produção de um livro diretamente.

Sobre o fim das atividades da editora, Elaine descreveu o episódio como “trágico”, em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* (2015), apesar de conseguiu enxergar um lado positivo: “Hoje existem muitas editoras novas que tem cuidado com o design, um cuidado que não existia há dez anos. Isso tem a ver com a Cosac.”

O cuidado com o design trouxe para a editora frutos como o prestígio de leitores e também as premiações contempladas. Segundo consta no artigo “Cosac Naify: uma editora, um editor, uma ousada proposta gráfica e editorial” até 2013, o trabalho da editora já havia rendido mais de 50 prêmios nacionais e internacionais” (Gruszynski & Fialho, 2017).

Durante o processo de pesquisa, tive a oportunidade de conversar com profissionais que trabalharam na Cosac Naify. No setor do design, consegui depoimentos de duas designers: Flávia Castanheira e Luciana Facchini.

Flávia Castanheira:

Foi designer gráfica da Cosac Naify em dois momentos: 2006 e 2007 e entre 2012 e 2015. Em entrevista concedida via Skype em 24 de março de 2017, ela respondeu algumas perguntas sobre sua experiência de trabalho na editora.

P: É raro uma editora reservar internamente um setor que cuide da direção de arte dos livros e das coleções. Como foi trabalhar em uma editora com essa visão e estrutura?

R: Foi uma experiência ótima de trabalhar com a Cosac Naify. Havia muita liberdade e possibilidades. Existiam reuniões de conceito onde a equipe do editorial se unia a equipe do design para discutirem sobre o projeto, para que o editorial pudesse transmitir as informações para os designers. A reunião acontecia semanalmente. As informações sobre o livro, o texto e todos os detalhes eram discutidas nesse momento. O design escutava e depois eles tinham um tempo para apresentar a ideia. Às vezes aconteciam conversas com o departamento comercial nessa etapa (mais raro) ou mais adiante do design-editorial com o comercial.

P: Havia um orçamento estipulado para a elaboração do seu projeto editorial para o livro destinado?

R: Cada livro possuía uma planilha de custos. Eu tinha acesso a ela justamente para saber sobre os limites e controles de gastos. Os custos de um projeto eram sim uma preocupação da editora, principalmente nos últimos anos.

P: No livro “O passageiro secreto”, de Joseph Conrad, da Coleção Particular, você poderia descrever como foi o processo de trabalho?

R: Focar na cumplicidade entre os personagens foi o caminho escolhido. Vários testes de impressão foram feitos (o livro foi impresso na China, onde existe mais recursos gráficos), de gramatura de papel, de formato... A caixinha foi pensada para proteger o livro, já que o mesmo tinha um formato diferenciado, justamente pelo design já, com esse recurso, dar mais um dado, nesse caso, o sensorial, à história que o livro está contando.



Figura 27: Livro: O passageiro secreto. Autor: Joseph Conrad. Fonte das imagens: site da designer Flávia Castanheira

P: Algum outro projeto que tenha sido importante e que queira revelar sua experiência?

R: Contos completos Tolstoi. A Cosac Naify já havia publicado muitos livros do autor, e formatos diferentes. Muitas conversas e testes foram feitos e o caminho seguido escolhido foi seguir o padrão do box da obra Guerra & Paz do Tolstoi. Muitos estudos de formato, muitos testes e orçamentos feitos, o que acabou sendo um grande trunfo. As imagens do fotógrafo também foram exploradas da melhor forma, e acabou por dar um ar moderno ao livro, pelas técnicas fotográficas inovadoras para a época que foram tiradas.



Figura 28: Livro: Contos Completos. Autor: Liev Tolstói. Os volumes são em capa dura e ficam abrigados dentro de uma caixa, com ilustrações da Rússia. Fonte das imagens: site da designer Flávia Castanheira

Mary Poppins: O livro faz parte de uma coleção para livros clássicos infantis da editora. Foi cogitada a ilustração do livro ser feita pelo estilista Ronaldo Fraga. Muito sensível e que gosta muito de desenhar e topou fazer parte do projeto. Chegamos a ideia de que Mary Poppins era uma personagem muito arrumada, muito estruturada e queríamos essas características no design do livro, que transpareceu na lombada rebuscada, nos desenhos bordados e depois fotografados, na capa rebuscada para a edição especial com alça e bolsinha.



Figura 29: Livro: Mary Poppins. Autor: P.L. Travers. As 54 ilustrações em P&B do estilista Ronaldo Fraga foram costuradas em um tecido e depois fotografadas. Fonte das imagens: site da designer Flávia Castanheira

P: Qual o projeto foi significativo e o motivo?

R: O projeto dos Irmãos Grimm, por ser o meu retorno à editora. Trabalhei com cores, com tipos de papel e pantones. Foi ótimo trabalhar com o ilustrador J. Borges, uma parceria fluida.



Figura 30: Livro: Contos Maravilhosos, Infantis e Domésticos. Autor: Irmãos Grimm. Existem 12 combinações diferentes de cor de papel e tinta ao longo do livro. Foi usado o papel típico dos cordéis, de quatro cores diferentes que se alternam. O livro é de capa dura revestida em tecido, as as ilustrações feitas em serigrafia. Fonte das imagens: site da designer Flávia Castanheira

Ainda sobre esse projeto dos irmãos Grim Flávia revela que (2016):

O fantástico dos contos e das ilustrações é replicado através de um esquema de 12 combinações diferentes de cor de papel e tinta ao longo do livro. Foram usados papéis típicos das capas dos cordéis, de 4 cores diferentes, que se alternam a cada caderno, sempre impressos em duas cores especiais.

Ademais, o projeto ganhou os seguintes prêmios: Melhor Projeto Gráfico (2013); 10ª Bienal Brasileira de Design Gráfico da ADG (2013); I Prêmio Latinoamericano de Desenho Editorial Menção Honrosa Categoria Infantil (2014); Bienal Iberoamericana de Desenho Gráfico (2014); Prêmio Aloísio Magalhães – Biblioteca Nacional.

Luciana Facchini:

A designer trabalhou entre os anos de 2004 e 2009, sob a gestão de Augusto Massi, como designer interna da editora e gentilmente respondeu algumas perguntas em 21 de fevereiro de 2017, sobre sua parceria profissional e criativa com a Cosac Naify.

P: Como foi trabalhar em uma editora como a Cosac Naify?

R: Era um grande privilégio ter tantas pessoas envolvidas no processo de um livro. Todos queriam que o livro fosse surpreendente e original e estavam profundamente envolvidos nos percursos de criação, edição, gráfica, vendas/comercial, etc. A decisão do título ou coleção que seria lançada partia da área editorial. Os títulos definidos eram passados pela diretora de arte, Elaine Ramos, que na partir de então dividia os projetos entre os designers. Minha parte começava logo após a distribuição dos projetos entre os designers.

P: Como era o protocolo de trabalho na editora?

R: Eu lia o livro e o tempo de elaboração dependia do grau de expectativa em relação àquele título. Marcava-se uma data para apresentação do projeto, que era assistido pela diretora de arte, pelo editor responsável e pelo diretor editorial. Sempre muito debatido, depois de aceita a proposta, a produção gráfica entrava no processo para mostrar e/ou pesquisar soluções para o conceito apresentado, e também para orçar e verificar a viabilidade no preço de mercado esperado.

P: Havia um orçamento estipulado para a elaboração do seu projeto editorial para o livro destinado?

R: Não na minha época. Acho que posteriormente sim. Mas tínhamos uma boa noção de valor. E os orçamentos eram muito negociados com as gráficas.

P: Você pode descrever como foi o processo de criação que você desenvolveu nos livros “Alice no país das maravilhas” (Lewis Carrol), “Moby Dick” (Herman Melville) e “Lampião e Lancelote” (Fernando Vilela)?

R: “Alice no país maravilhas”, de Lewis Carrol (a Cosac Naify publicou uma versão normal e uma com tiragem limitada para colecionadores em 2010). Ganhou 2º lugar no Prêmio Jabuti em 2010 para melhor projeto gráfico com o livro de tiragem limitada para colecionadores (autoria minha e de de Paulo André Chagas).



Figura 31: Livro: Alice no país das maravilhas. Autor: Lewis Carrol. Fonte das imagens: site da designer Luciana Facchini.

A tradução do texto foi responsabilidade do professor Nicolau Sevcenko. Foi um processo extenso, de meses. De um modo geral é mais trabalhoso convidar um artista plástico – no caso da Alice era o Luiz Zerbini (artista plástico brasileiro) – para ilustrar, e muito surpreendente também. Ele mostrou algumas propostas mais abstratas no início do processo que não foram a diante. Depois surgiu essa ideia de cenários montados com baralhos da Alice que ele tinha comprado no exterior. O processo foi por aí. Depois de encontrado o caminho, o livro ficou parado em muitos momentos por falta de espaço na agenda do artista. No final, acabei indo ao seu atelier finalizar o livro junto com ele. O projeto gráfico é um projeto clássico, que aposta na tipografia alongada, imagens sangradas (quando extrapolam as margens), cantos arredondadas, características de baralhos. Surgiram duas versões no mercado: uma especial, com papel importado (Garda Pak Kiara) e capa mais ousada (sem título), dentro de uma caixa invólucro, com tiragem limitada que rapidamente se esgotou. E outra versão sem invólucro.

Em 2011 o artista plástico Luiz Zerbini falou sobre seu processo de criação para o clássico de Lewis Carrol em entrevista concedida a Ramon Mello (2011) para o site Saraiva Conteúdo.

Fui fazendo sozinho... O combinado é que seriam 12 ilustrações, mais uma abertura para cada capítulo, 24 no total. O primeiro capítulo que pensei foi o da Rainha de Copas, porque o baralho é um trabalho gráfico. Achei que esse era o começo porque conseguiria achar uma linguagem no universo do baralho. Mas nunca imaginei que faria o livro inteiro com baralho, nem com recortes. Peguei uma carta de baralho e montei a dama, recortei como se fosse um bonequinho.

Fiquei muito surpreso com o resultado, parecia uma figura cubista. Pensei: “Vou fazer o exército todo da Rainha de Copas!” Fiz, e fiquei muito feliz. Criei outro problema, era tridimensional, só complicava o livro. Pensei em colocar essas figuras no cenário. As cartas iam sugerindo muita coisa...(...) fui fazendo algumas maquetes. Depois fui fotografando.



Figura 32: Ilustrações de Zerbini para a edição especial de colecionadores de Alice no país das maravilhas, de Lewis Carrol feita pela Cosac Naify. Fonte das imagens: Jornal *O Globo*.

Livro: “Lampião & Lancelote”, de Fernando Vilela, publicado pela Cosac Naify em 2006. Ganhou o prêmio Jabuti 2007 para melhor livro infantil e 2º lugar para melhor capa. Também recebeu o prêmio FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) 2007 como melhor livro de poesia, melhor projeto editorial, melhor ilustração e escritor revelação. Recebeu uma menção honrosa do Prêmio Bologna Ragazzi 2007 na categoria *New Horizons*.



Figura 33: Livro: Lampião e Lancelote. Autor: Fernando Vilela. Fonte das imagens: Amazon

O projeto já chegou em mim bastante pronto. O autor Fernando Villela e o editor Augusto Massi já tinham fechado a sequência das imagens e texto. O formato enorme também já tinha sido predefinido. Meu papel foi escolher uma fonte que dialogasse com as xilogravuras do Fernando, para isso escolhi a Vendetta (desenhada por John Downer), fonte que tem um acabamento que parece talhada na madeira. E a composição do texto explorou as brechas e as linhas de forças marcantes das ilustrações. A maneira que está disposta o lettering na capa, sugere um duelo, de forma clean e elegante. O desafio foi grande na parte de produção gráfica, pois a tinta preta e os pantones

metalizados costumam se rejeitar quando sobrepostos, o que era determinante nas ilustrações: o pantone cobre representava o Lampião, o pantone prata o Lancelotti. Desafio resolvido pela equipe da produção gráfica da editora, comandada na época por Letícia Mendes.

Livro: “Moby Dick”, de Herman Melville. A Cosac Naify publicou em 2008 e ganhou o prêmio Jabuti 2009 para melhor capa.



Figura 34: Livro: Moby Dick. Autor: Herman Melville. Fonte das imagens: site da designer Luciana Facchini

Foi um projeto que durou meses de elaboração. Muita discussão, alta expectativa em relação ao projeto gráfico, pois queriam lançar uma edição "definitiva" do Moby Dick, com fortuna crítica, mapa ilustrando o trajeto do barco, etc. Não queríamos chamar ilustrador e nem queríamos usar imagem de baleia na capa. O editor do livro, Alexandre Barbosa de Souza, encontrou as ilustrações de 1874 que usamos no miolo do livro. Vi muitas referências de grandes projetos sobre Moby Dick e foi em um deles, (se logo abaixo o desenho de uma capitular desenhada por Barry Moser) que tive a ideia da capa: a tipografia pesada do título – Gotham – em briga com a onda sobreposta em silk. O miolo (mancha gráfica do livro) sugere o movimento do mar, ao fixar a margem de baixo somado a flutuações na altura da mancha de texto. Os títulos, assim com na capa, mergulham na mancha, variando a posição a cada capítulo.”

Insights:

A entrevista com as designers gráficas da Cosac Naify revela um pouco sobre como funcionava o processo de criação, elaboração e condução do projeto gráfico dos livros da Cosac Naify. O espaço de criação da editora atingia um status de certa sacralidade.

A complexidade do conceito, a busca por inovação eram elementos que compunham o estofado ideológico de referências e de posturas que a editora optou por adotar ao longo de seus anos de funcionamento. O aspecto visual e material do livro ser cuidado por um departamento especializado dentro de uma editora é algo incomum no Brasil, onde, cada vez mais essa etapa na produção do livro é entregue a profissionais terceirizados.

O departamento interno possibilita a criação e a manutenção de uma identidade visual genuína da editora. Uma linguagem pode ser desenvolvida, como foi o caso da Cosac, de maneira sólida e gradual. Uma equipe interna que dialoga o tempo que for necessário para se chegar ao bem melhor para cada livro editado era uma mais-valia poderosa. O fato dos livros não seguirem uma agenda restrita de lançamento, dilata o tempo de feitura. Isso com certeza onera o processo de produção do livro, mas também investiga e pesquisa a fundo as necessidades e características que cada obra separadamente tem e que merece ser atendido, tanto o tipo de papel utilizado, o tipo de fonte, a cor, o formato, a técnica de impressão que melhor cabe ao projeto, maneira com as informações são dispostas na capa, a mancha gráfica e tantas outras questões que compreendem a produção editorial.

O olhar atento de uma equipe multidisciplinar (o editor, o produtor gráfico, o design gráfico, o comercial, o marketing) participar desse processo também agrega essa unicidade aos livros produzidos pela editora, que deixou sem dúvida um legado de peso na história do design gráfico editorial brasileiro, bem como influenciou outras casas editoriais a agir e enxergar seus livros de uma forma mais desafiadora em seus projetos.

- Departamento Editorial

Miguel del Castillo

Foi editor da Cosac Naify e atualmente é responsável pelo acervo da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles. Trabalhou editando livros de arquitetura e fotografia. Miguel respondeu algumas perguntas sobre sua experiência em fazer livros na Cosac Naify.

P: Quais eram as responsabilidades do seu cargo na editora?

R: Comecei como assistente editorial do núcleo infantojuvenil da editora. Depois, virei editor dos livros de arquitetura e fotografia. Nessa última função, eu deveria acompanhar todo o processo do livro, desde a escolha do título, encaminhamento para tradução (quando estrangeiro), conversas com os designers sobre o projeto gráfico, edição do texto final e liberação de preparação e revisão, além de confecção e/ou encomenda de aparatos como quarta capa ou texto de orelha, prefácio/posfácio, bibliografia, índice onomástico etc. Enfim, pensar o livro como um todo. Os editores também colaboravam na divulgação do livro, fosse apresentando-o para a equipe de vendas ou pensando estratégias de divulgação junto aos profissionais de marketing e assessoria de imprensa.

P: Como atuava na escolha dos títulos que seriam editados?

R: Tínhamos uma reunião editorial semanal, na qual os editores levavam propostas e estas eram discutidas. Alguns títulos eram sugeridos pela própria direção editorial ou mesmo pelo Charles, o presidente. Mais para o fim da editora, fazia-se uma projeção de custos para o livro, para pensar se seria economicamente viável.

P: Havia uma meta de publicação e um orçamento anual estipulado?

R: Sim, também nos últimos anos havia um orçamento e uma quantidade de títulos mais ou menos definida.

P: Como funcionava o fluxo de trabalho na Cosac Naify?

R: Tínhamos uma reunião interna chamada "reunião de conceito", em que o editor do livro conversava com a direção editorial e com os designers responsáveis e a diretora de arte. O editor explicava do que se tratava, havia um *brainstorming*, e algumas reuniões depois os designers traziam a proposta para nova discussão. A edição era sempre feita pelos editores. A tradução, preparação e revisão, por colaboradores externos. Tínhamos uma rede e sempre éramos abertos a novos colaboradores nesse caso, fazia-se um teste antes. Eu costumava sempre dar um retorno para os preparadores e revisores, mesmo que com críticas. Com os tradutores, a conversa geralmente tinha várias idas e vindas, com as sugestões do editor, as respostas do tradutor, as réplicas etc., até se chegar a um texto final. Quando o autor era nacional, o editor trabalhava bastante o texto, antes ou depois da etapa de preparação.

P: Como foi a experiência de trabalhar na Cosac Naify?

R: Foi a minha escola. Tudo que sei sobre edição aprendi na Cosac Naify. Era um local instável às vezes, e quando você está por dentro de um lugar que tanto admira começa a ver algumas questões não tão boas, mas foi uma experiência muito proveitosa. Fiz muitos e excelentes amigos.

P: Você pode citar quais foram os projetos editoriais mais importantes para você?

R: Dos livros em que trabalhei, quando estava no infantojuvenil fiz parte da pesquisa iconográfica e compra de imagens para um livro chamado *Milfolhas: Uma história ilustrada do doce*, da Lucrecia Zappi, editado pela Isabel Lopes Coelho, que dirigia o departamento. O livro recebeu um prêmio importante na Feira de Bolonha, que nenhum brasileiro havia recebido. Depois, como editor, fiquei muito contente de publicar o livro *O futuro da arquitetura desde 1889 : uma história mundial*, tradução do livro de JeanLouis Cohen, que para mim é um marco da história da arquitetura recente. Também fiquei muito satisfeito com a tradução da biografia do Michelangelo, de Martin Gayford. Foram dois "calhamaços" trabalhosos e prazerosos de editar.



Figura 35: Livros editados preferidos de Miguel del Castillo

P: Como era a sua relação com os outros departamentos da editora?

R: Em geral muito boa. Fazia questão de circular bem e manter contato não só com o design, mas também com o pessoal do site, imprensa, produção gráfica, divulgação escolar e comercial.

P: Como foi a relação com o livros eletrônicos no seu departamento?

R: Começou a ser desenvolvido e pensado alguns anos depois que entrei. Inclusive, sugeri o primeiro livro que foi lançado apenas em e-book, feito a partir de um lançamento de arquitetura chamado *Koolhaas, Eisenman e o Brasil: diálogos supercríticos*. O livro era a transcrição da conversa que mediei no lançamento.

P: Poderia apontar algumas características do catálogo geral da editora, aspectos que você ache interessante em relatar?

R: Era uma editora inovadora. Para além dos livros de arte, que foram de fato algo revolucionário no cenário nacional. Os livros eram muito pensados, trabalhados, selecionados a dedo. A parte de literatura também ganhou destaque com a publicação de ótimas traduções de livros clássicos, sempre com grande aparato crítico. E a editora também procurou olhar para a produção ficcional contemporânea, com ótimos lançamentos latinos e alguns brasileiros também.

Lívia Deorsola

Lívia Deorsola trabalhou como editora na Cosac Naify, formada em Letras e em Jornalismo, é professora na Casa Guilherme de Almeida e também trabalha como tradutora. Sobre suas impressões, Lívia gentilmente respondeu algumas perguntas sobre como foi para ela a experiência de trabalhar na Cosac Naify.

P: Quais eram as atividades que você desempenhada dentro da editora?

R: Na Cosac Naify eu desempenhava as atividades tradicionais de um editor. Lia originais, coordenava a tradução, a preparação e a revisão dos textos, editava o texto em

si, conversava com autores e agentes literários, acompanhava os planos de marketing para os livros, sugeria títulos, recebia autores estrangeiros.

P: Como atuava na escolha dos títulos que seriam produzidos?

R: Tudo começava com a avaliação do catálogo da editora: era preciso levar em consideração a linha editorial para então pensar em quais livros poderiam se somar ao catálogo. É preciso ficar atento ao que estava sendo lançado fora do país dentro dessa linha, lendo revistas e jornais que pudessem apresentar novidades. Também recebíamos sugestões vindas de amigos editores, de leitores e de agentes literários. E, sim, havia liberdade de sugestões dentro da linha editorial. Se estávamos interessados em tal livro, apresentávamos a ideia em reuniões editoriais e debatíamos com os colegas.

P: Havia uma meta de publicação de livros a serem produzidos, havia um orçamento anual estipulado?

R: Sim, havia um orçamento anual, mas bem flexível, para o bem e para o mal. E também havia "espaços" na programação a serem disputados. Por exemplo: tantos de livros de poesia, tantos de prosa; dentro da prosa, tantos nacionais, tantos estrangeiros; dentro dos estrangeiros, de tal e tal país.

P: Como funcionava o processo interno de confecção do livro?

R: Depois de o livro ser contratado pela editora (no caso de uma obra estrangeira), procura-se um tradutor (o ideal, como disse acima, é que tenha algum tipo de afinidade com o autor). O tradutor tem um prazo estipulado pela editora para entregar o livro traduzido. Durante esse tempo, na Cosac Naify preparávamos uma reunião com os designers para falar sobre o livro – era a chamada “reunião de conceito”. Nessa reunião, o editor apresentava o livro e o autor, falava de suas principais características, para assim ajudar o designer a pensar em um projeto gráfico, em uma capa. Muitos dos designers liam o livro para o qual iam criar o projeto, o que era muito bom. Depois de recebida a tradução, encomendávamos a preparação da tradução: um colaborador externo que trabalharia o texto, observando questões de fluência, estilo, correção gramatical e aplicação das regras do manual de estilo da editora. Uma vez o texto preparado, o editor o relia, aceitando ou não as sugestões do preparador, e também ele próprio, o editor mexia no texto. Depois o texto já limpo era enviado para ser composto, isto é, para ser colocado dentro do projeto gráfico de miolo feito pelo designer. É então, com o texto composto, que uma prova impressa do livro é enviada para a revisão.

P: Como foi a experiência de trabalhar na Cosac Naify?

R: Foi uma experiência maravilhosa. Além de trabalhar de perto com profissionais de primeira linha, pude aprender a pensar fora dos parâmetros regulares do mercado.

P: O e-book já era um formato que estava sendo desenvolvido e pensado nos livros da editora?

R: Esta nunca foi uma prioridade da editora. Fomos lentos em entrar neste mercado e quando o fizemos, os e-books já haviam perdido a força inicial.

P: Poderia apontar algumas características do catálogo geral da editora, aspectos que você ache interessante em relatar?

R: Era um catálogo orgânico, cujos livros conversavam entre si. Era formado por clássicos, mas também tinha a vocação de arriscar, de lançar coisas menos óbvias.

Insights:

A experiência de ambos ao relatarem como foi trabalhar na editora revela uma participação integral, um entendimento holístico sobre a produção editorial dentro da Cosac Naify. Lá, a presença e envolvimento do editor em cada uma das etapas de pré-produção, produção e de pós-produção era a regra. A existência das reuniões de conceito semanais e todo o processo envolver outros setores da editora era a rotina adotada que resultaria na produção dos livros mais audaciosos até então feitos no mercado brasileiro.

Para Miguel e Livia, ter tido a oportunidade de fazer parte da Cosac os fez trabalhar o pensamento fora das diretrizes tradicionais que o mercado editorial seguia no Brasil. Poder trabalhar com os melhores profissionais de design e de texto era o melhor dos cenários. Tradutores competentes à disposição, revisores e preparadores capacitados, tornavam toda a preparação textual do livro tanto estrangeiro como nacional uma tarefa estimulante. Os prazos eram favoráveis, o que tornava possível a leitura de todo o material ser realizada por muitas pessoas da equipe, o que não acontece naturalmente no restante as editoras.

O equilíbrio na construção e percepção do próprio catálogo, onde havia espaço tanto para obras tradicionais, de formação como também para apostas mais disruptivas. Essas características eram exploradas tanto na proposta estética e como na conceitual onde cada livro tinha um pensamento e um trabalho por trás de sua existência no catálogo. Um hábito saudável e totalmente diferencial na Cosac Naif era o fato de muitos membros da equipe estarem envolvidos na produção de um livro, toda a equipe ter a oportunidade de ler o livro inteiro e refletir como atuar da melhor forma possível graças a sua área de ação. A realidade nas editoras, entretanto, é bem diferente: apenas os editores ou assistentes editoriais tem a chance de ler as obras integralmente.

O livro digital foi um tópico onde os editores divergiram de opinião e experiência. Miguel del Castillo chegou a trabalhar em parceria com Antonio Hermida na concepção elaboração de e-books enquanto que Livia Deorsola interpreta como tardia a inserção da editora no investimento em produção de livros eletrônicos, que muitos internamente não enxergavam como uma prioridade de fato.

Conflitos internos existiram, no entanto, no que compete ao setor editorial, o ambiente parecia ser mais tranquilo, se comparado aos setores que envolvem números, resultados, vendas.

- Departamento financeiro e comercial**Dione Oliveira**

Dione Oliveira ocupou o cargo de gerente administrativo e financeiro da Cosac Naify de 2015 até a editora encerrar suas atividades. Ele iniciou seu trabalho na Cosac em 2010, passou por alguns cargos e desempenhou certas atividades, entre elas o desafio de tornar o site o melhor canal de vendas da editora.

P: Quais eram as tarefas que você desempenhava quando entrou na editora em 2010 como analista comercial?

R: Em 2010, recebi o convite de uma pessoa, então gerente comercial na CN, com quem trabalhei anos antes na editora Campus Elsevier. Naquela ocasião, a gerente identificou a necessidade de ter alguém “bom” com os números e que soubesse transcrevê-los de maneira clara e objetiva para todos. A ideia era fazer com que o departamento comercial entendesse como estavam trabalhando e, principalmente, quais eram os impactos das vendas no resultado da empresa. Coube a mim levantar os números, organizá-los e colocá-los em pauta para discussão. No início, analisamos informações básicas como tiragem, venda e estoque. Com o tempo, avançamos para análises de meta de venda, venda realizada, qualidade da venda, *break even point* e alcance de estoque. Como analista comercial, além de colaborar nas atividades do dia a dia do departamento comercial, eu atuei fortemente no entendimento das vendas e o quão importante eram para a empresa como um todo. Mensalmente, disponibilizávamos números das vendas dos novos lançamentos, a posição do *break even point* e a qualidade da venda realizada. De certa forma, isso incomodou alguns colaboradores porque os números, principalmente os que se referiam à meta de venda dos lançamentos, não estavam de acordo com o esperado, mas as análises foram feitas corretamente.

P: Durante os anos de trabalho dentro da Cosac Naify quais foram os maiores desafios que você enfrentou?

R: Penso que um dos maiores desafios, e que acontece em muitas empresas, foi, e sempre será, levar aos colaboradores o registro dos números de venda e rentabilidade. Quando os números não eram bons, e quase sempre não eram num todo, há um desconforto generalizado e você (profissional) acaba sendo colocado à prova. Mas os números não mentem, o problema é que a realidade impressionou, negativamente, muita gente. Dizer para as pessoas que os números estão abaixo do esperado não é nada fácil, mas precisa ser feito. Basicamente, passei os seis anos de empresa apresentando números, alguns bons (poucos) outros nem tanto (muitos). O fato de os números não serem bons sempre me colocou desafios de conscientizar as pessoas da situação.

P: Como foi a experiência de trabalhar no funcionamento e na manutenção da loja virtual da editora? Quais eram os desafios e quais foram os resultados alcançados nessa atividade?

R: Fui

escolhido para gerenciar o site porque sempre fui bom com sistemas (ERP e afins) e Excel e já tinha conhecimento das margens de rentabilidade das vendas necessárias para a empresa. Isso ajudou muito controlar a rentabilidade das vendas. O site, por muito tempo, foi o canal de venda mais rentável da editora. O site, até então, não era um canal de venda explorado na CN. O então diretor comercial (Jaime Mendes) teve a louvável ideia de trazer a loja virtual para o departamento e alavancar as vendas. A partir de então, tínhamos a missão de fazer do site o melhor canal de venda da editora. Foi um sucesso contínuo. Saímos de um faturamento anual de R\$200 mil para R\$1 milhão, depois R\$2 milhões chegando a R\$4 milhões no ano. Realizamos esses números porque passamos a entender o cliente da loja virtual e aplicamos eficiência no atendimento dos pedidos. A partir daí as ações de marketing aumentaram significativamente nosso mailing de clientes. Basicamente, trabalhávamos com sazonalidades e criávamos ações esporádicas como aniversariantes, dia do professor, dia do livro etc.

P: Qual era o quadro encontrado na editora assim que você assumiu o posto de analista de planejamento estratégico?

R: Minha função era, principalmente, intensificar a necessidade de realizar vendas que atendessem, no mínimo, o ponto de equilíbrio de cada livro lançado. O problema é que, na ocasião, os números não acompanhavam a necessidade das vendas e acabou, de certa forma, ficando demasiadamente alto à sua realização. O mercado, infelizmente, não absorvia a demanda que precisávamos para ao menos cobrir o custo fixo de alguns livros. Isso se deu muito em função da crise.

P: Como foi desenvolvido o trabalho de reposição de mercado? Que tipo de metodologia foi utilizada para alcançar a viabilidade financeira da editora?

R: De fato, nunca conseguimos esse feito. Também por isso os sócios decidiram encerrar as atividades. De toda sorte, posso dizer que tentativas não faltaram, mas as mudanças sempre esbarram em questões culturais das empresas e, principalmente, à rejeição de colaboradores. A ideia, inicialmente, não era fazer da CN uma empresa rentável e sim minimizar as perdas recompondo o caixa. Funcionou por um período, mas a instabilidade da economia do país atrapalhou muito nossos planos.

P: Qual era a parcela de importância nas contas da editora de venda de livros por impulso, livros para o governo e, mais no final, de e-books? R:

As vendas de livro por impulso sempre foram o foco da CN. Posso dizer que, na maioria do tempo, contávamos com 100% dessas vendas para composição de caixa. Certamente, as vendas de governo sempre foram muito atrativas, tanto no sentido financeiro, quanto no de rentabilidade. O governo, via de regra, sempre pagou rapidamente após a entrega. O problema é que desde 2014, com toda essa turbulência econômica que o país tem vivido, os planos de governo foram praticamente interrompidos. Isso fez com que muitas editoras “apertassem o cinto”. A partir de então o mercado editorial vem sofrendo constantes baixas de vendas e, conseqüentemente, perdas irreparáveis acerca das finanças. Há ainda o impacto social quanto à redução de postos de trabalho em função da crise e da interrupção dos planos de governo. Quanto

aos e-books, a editora não teve tempo suficiente para alavancar as vendas. O projeto estava em fase inicial quando os sócios tomaram a decisão de encerrar as atividades.

P: Como funcionava essa distribuição de recursos entre os projetos?

R: A editora lançava em média 70 títulos por ano. O planejamento sempre ficou a cargo do editorial, adulto e infantil. Cabia a esses departamentos agregar novos lançamentos no catálogo da CN anualmente. Cerca de 30% do faturamento era realizado com esses novos lançamentos. Com o passar do tempo, esses lançamentos começavam a responder pelos 70% da receita. A partir da definição de quantos e quais títulos lançar no respectivo ano, a equipe de produção realizava o levantamento dos custos de impressão. Cabia à controladoria fazer os devidos ajustes quanto ao número final. Os projetos da CN sempre foram muito audaciosos, de qualidade superior ao que existe no mercado. Esse diferencial sempre fez com que a editora tratasse cada projeto separadamente. A distribuição de recursos não estava de fato relacionada a qual título seria produzido ou não. O custo total final do prelo selecionado é quem nos dizia se íamos adiante ou não.

P: Quais fatores você acredita terem contribuído para a decisão de Charles Cosac encerrar as atividades da editora?

R: Antes, gostaria de esclarecer que a editora sempre pertenceu a dois sócios, Charles Cosac e Michael Naify. Você colocou muito bem, “encerrar as atividades da editora”. Foi exatamente isso que aconteceu. Alguns veículos de comunicação aqui do Brasil falaram em falência. Jamais houve isso. A decisão foi tomada com serenidade, baseada em números e, principalmente, nas perspectivas do mercado. Quando há perda de rentabilidade, destruição de valor patrimonial, perda da margem exigida pelos sócios etc. o risco para eles aumenta consideravelmente. Meu perfil financeiro visa sempre a preservação do patrimônio e a maximização do valor para o acionista. Esse tipo de reflexão é fundamental para ter uma empresa economicamente sustentável. Quando tomamos a decisão, tínhamos os números e as informações necessárias para seguir adiante. A editora já não estava no mesmo ritmo após a interrupção das compras governamentais e o mercado passou a exigir mais das editoras (prazos, produtos consignados, pagamento de exposição dos livros etc.). Isso derrubou a margem do nosso produto que, por ser de qualidade, era considerado caro. Além disso, estávamos há dois anos sem reajustar preços. Isso é muito grave, mas não havia espaço diante da calamidade econômica e política no governo na ocasião.

Jaime Mendes

Jaime Mendes foi diretor do departamento Comercial da Cosac Naify. Ele respondeu gentilmente alguns questionamentos sobre o setor que desempenhava suas atividades.

P: Durante o tempo que passou trabalhando na Cosac Naify quais foram os maiores desafios enfrentados por você?

R: Definição das diretrizes comerciais da editora com relação a atendimento, desconto, prazo e tipos de comercialização. Criar processos para a execução das tarefas. Passar credibilidade para o mercado com relação à política comercial, que passou a existir, inclusive com redução de descontos abusivos que existiam. Mostrar para os outros diretores que era possível negociar sem abrir mão da margem e conseguir vender, pois os produtos eram bons.

P: Como eram negociados os espaços nas livrarias, os valores de consignação dos livros da editora? Havia divulgação nas livrarias e junto aos livreiros?

R: Não paguei por espaço nas livrarias. A consignação existia sim para as livrarias e distribuidores. A divulgação para os livreiros era feita com visitas em SP e por e-mail para os outros estados, além de algumas viagens.

P: Qual era a parcela de importância nas contas da editora de venda de livros por impulso, livros para o governo e, mais no final, de e-books?

R: Não tenho esses números à mão, mas acho que governo chegava a 20%. Quando saí no final de novembro de 2012, a venda de e-books ainda não tinha começado.

P: Você pode dizer quais foram os projetos editoriais que foram mais importantes para você?

R: Insisti muito na importância do aumento na linha de clássicos e em edições de uma mesma obra com versão luxo e outra mais simples. A de luxo com tiragem única, sem reimpressão. Assim, poderia ter um preço maior pela exclusividade. Também sugeri uma linha com edições de Bolso, donde surgiu a Portátil, idealizada por Cassiano Elek Machado, o Diretor Editorial.

P: Você tinha contato e responsabilidade no funcionamento e na manutenção da loja virtual da editora?

R: Quando entrei na Cosac a loja virtual estava alocada no Marketing. Com o tempo fui mostrando que deveria estar no Comercial, o que acabou acontecendo. Aos poucos foi implementado um calendário de ações e uma política comercial com relação a descontos e frete. Trabalhou-se também os clientes cadastrados como professores, um segmento importante visando as adoções. As ações de desconto foram preferencialmente para obras paradas, de baixo giro. Não havia necessidade de concorrer com o Canal Livreiro e, além disso, não é o desconto que garante a venda e, sim, o interesse, a necessidade do leitor pela obra. Quando saí da editora o site era o terceiro cliente em faturamento, somente atrás das livrarias Cultura e Saraiva.

P: Como se você se relacionava com os demais setores da editora?

R: Toda sexta-feira tínhamos uma reunião de diretoria. Eram dez pessoas. Uma estrutura muito grande. Eu opinava somente com relação a tiragem e preço de capa. As tiragens eram muito altas, geralmente a partir de 5 mil exemplares. Com o tempo fui mostrando que não existia mercado para tal, e elas foram diminuindo, de acordo com a expectativa para cada título.

P: Quais estratégias comerciais você criava e como elas eram definidas e colocadas em prática? Como foi desenvolvido o trabalho de posicionamento da editora no mercado?

R: Comecei por entender para quais clientes se vendia ou consignava, quais as condições comerciais de desconto, prazo, frete etc. Não existiam critérios e não se pensava no lado da editora. Conversei com os distribuidores, expliquei a necessidade de reduzir descontos e fretes. Entenderam, aceitaram e continuaram trabalhando. Bom para as duas partes. Controle na consignação com relação a quantidades consignadas e acertos frequentes. No mínimo uma vez ao mês. Sistematização no envio de informações sobre as publicações com a maior antecedência possível. Sem cadastro não há pedido. Em São Paulo estabelecer um roteiro de visitas aos clientes. Objetivo principal era levar informações que o ajudassem a vender. O pedido vem por consequência. Reuniões semanais com toda a equipe e não só com os vendedores. Melhoria da logística, que era um entrave, pois era muito demorada. Contratei um supervisor que entendia do negócio e, em pouco meses, a mercadoria saía do depósito em até 24h e com redução de equipe. Virou diferencial de mercado. Mas, principalmente, passei credibilidade comercial para o mercado, que já me conhecia do tempo da Zahar.

P: Saberia dizer qual foi o impacto real o crescimento no acesso à internet teve no marketing literário e na comercialização (cada vez mais multicanal) dos livros?

R: Com relação à comercialização o mercado do livro teve uma grande mudança em 1995 quando a Amazon começou a venda de livros pelo e-commerce. Isso aconteceu depois de 545 anos em que prevaleceu o formato editora/distribuidor/livraria física/cliente. Foi um divisor de águas. Hoje estimo que entre 30% e 40% das vendas de livros sejam feitas por algum site. A cada ano esse percentual vai aumentar e o mercado vai ter que se repensar. Aliás, já passou do tempo.

P: Como foi a experiência de trabalhar na Cosac Naify?

R: Foi um grande desafio; várias pessoas próximas alertaram que seria bem difícil. Mas foi muito positiva a experiência e deixei uma marca no mercado. Passar pela Cosac Naify e ter alcançado resultados positivos e diferenciados deu-me visibilidade. É possível ter projetos editoriais e gráficos diferenciados mais custosos e, mesmo assim, ter resultados positivos. É que o trabalho foi sendo desmontado aos poucos devidos a questões internas de poder, egos e vaidades. Em 2012 a editora não precisou de aportes financeiros e, salvo engano, fechou no azul pela primeira vez em 15 anos de história.

Fui demitido 30 novembro; antes já tinha sido demitido o Cassiano Machado, diretor Editorial. Depois outras pessoas foram saindo e terminou por ser anunciado o fechamento da editora em 30 novembro de 2015.

P: Quais fatores você acredita que contribuíram para a decisão do Charles Cosac encerrar as atividades da editora?

R: O motivo principal foi a editora não se pagar, isto é, despesa maior do que a receita. A razão principal foi a falta de uma boa gestão. No dia a dia não tratava com ele. Somente nas reuniões de Diretoria é que interagíamos.

Insights:

Buscou-se entender como funcionava o fluxo de venda dos livros (suas falhas e vícios) e a partir dessa análise, determinar a melhor estratégia de atendimento. A experiência profissional de Jaime Mendes e de Dione Oliveira ajudaram, cada um com suas ferramentas específicas, a que a nova metodologia fosse entendida e aceita não só pela equipe interna, mas como pelo mercado. Eles citam exemplos práticos como a melhoria do setor logístico (com menos pessoas tornou-se mais eficiente), o investimento no canal site para venda de livros e outras ações tornaram possíveis bons resultados pouco tempo antes da editora decidir encerrar as atividades.

Duas estratégias foram muito bem aplicadas na tentativa de sanar as contas da editora: uma foi o lançamento de uma coleção de livros em versão de bolso, em 2012 foi definitivamente um grande acerto, tanto do ponto de vista de nova frente de ação no catálogo da editora como em questão mercadológica: a possibilidade de alcançar um público maior por conta do preço mais reduzido desse projeto editorial.

Em 2012 surgiu a Coleção Portátil com esse fim: títulos clássicos e contemporâneos em versão bolso, a um custo menor. Os livros de luxo podem continuar a existir sem prejudicar as finanças da editora, usando o recurso da tiragem única e mais reduzida a um preço maior, o que acaba por valorizar e dar mais exclusividade à obra, como bem observou Jaime Mendes.

A estratégia seguinte foi enxergar o site como canal de venda eficaz e explorar suas potencialidades ao máximo, com políticas de desconto, frete, cadastro dos clientes e a entrega de sua gestão ao setor Comercial e não mais ao Marketing como era antes. Essa ação teve muito resultado, foi uma grande vitória para a editora, passando a ser o terceiro maior canal de venda dos livros.

O diálogo interno franco certamente foi um dos maiores desafios de se enfrentar nesses setores. Fazer com que uma equipe de criação enxergue as necessidades de ajustes, de mudança de práticas é delicado. Conseguir reduzir a margem dos descontos, reduzir o número da tiragem dos livros, investir no setor logístico da editora, tornando ele mais funcional foram conquistas importantes nesse cenário.

Ambos profissionais notaram a importância e a força que a venda pelo site pode significar em receita para a editora. Ações promocionais, datas comemorativas, cadastro de usuários, proximidade com professores e ações voltadas aos livreiros foram feitas e os resultados de vendas cresceram.

No entanto, muitos fatores negativos foram constatados como o cenário político e econômico no Brasil. O governo, maior comprador de livros, interrompeu todos os programas de incentivo e compra de livros. O dólar em alta, e, unindo-se a esse quadro, divergências internas configuraram um cenário problemático de se superar.

Infelizmente o destino final acabou por ser o encerramento das atividades editoriais, por escolha dos sócios.

- Departamento de livros digitais

Na gestão de Bernardo Ajzenberg surgiu a vontade de desenvolver a produção e venda de livros no formato e-pub. Em 2012 a produção de e-books teve sua oportunidade e espaço alcançado dentro da editora graças ao esmero de Antonio Hermida, coordenador de mídias digitais da Cosac Naify entre os anos de 2012 e 2015. Com formação em Ciências da Computação e em Letras, Hermida contou como foi enfrentar o desafio de implementar a produção de e-books na editora.

Antonio Hermida

P: Como foi a sua chegada na Cosac Naify e quais foram as suas impressões iniciais e expectativas?

R: A única certeza era que lidaríamos com as limitações tecnológicas dos formatos disponíveis e com uma série de expectativas tanto do público quanto de parte dos funcionários. Centralizamos a escolha de títulos, estudo de catálogo e o que viriam a ser os padrões definidos para as publicações. Passamos dois meses testando fontes, títulos e contratos e modelos de negócio em um ambiente controlado e esse período de incubação foi riquíssimo em aprendizado e desenvolvimento.

P: Como foi a experiência de trabalhar na Cosac Naify?

R: Como disse o Charles certa vez (em entrevista), o foco da editora, seu produto, era o livro impresso. E, nesse aspecto, foi desafiador implementar rotinas e, até mesmo, começar a construir uma mentalidade (dentro e fora da editora) de que o digital não entraria como subproduto do impresso. Para tal, escrevemos artigos para o blog da editora mostrando o que estávamos fazendo, deixando claro que não se tratava apenas de uma transposição de conteúdo, mas que havia estudo por trás das escolhas. De início, tanto o público quanto parte dos funcionários, esperavam pirotecnia no e-books, pensavam em algo mais para apps. Os textos e que escrevemos ajudou bastante a mostrar que nossa ideia era manter a qualidade sem ignorar as limitações tecnológicas

que os formatos digitais possuem. No entanto, via de regra, todos receberam bem a ideia e o colaboraram com o projeto, tanto os departamentos quanto o público em geral.

P: De que forma era estipulada a escolha para formulação de um livro digital do catálogo e como era a sua relação com os demais departamentos da editora?

R: Realizávamos reuniões semanais para definirmos os títulos que entrariam em produção. Inicialmente, buscamos equilíbrio entre literatura, teoria e infante (excluindo, num primeiro momento, os livros de arte). Chegávamos, cada um, com suas sugestões e argumentos e daí buscávamos um consenso sobre os títulos. Uma vez definidos, seguíamos uma rotina pré-estabelecida de verificação de direitos autorais, adaptações de design e conversa com os editores que haviam sido responsáveis pelas publicações.

P: Você poderia enumerar e descrever as etapas pelas quais o livro digital passa?

R: A primeira coisa após a reunião para definição de títulos era checar se a lista definida possuía adendo digital. Em caso negativo, correr atrás dos direitos autorais. O segundo passo é solicitar os arquivos de diagramação com a produção e, iniciar de fato a produção do e-book. Neste ponto, realizava uma conversão mais “crua” para checar a integridade e ordenação do conteúdo. Concomitante a isso, vinha a solicitação de ISBN e agendamento de data de publicação nas lojas (importante no caso de pré-vendas). Enfim, minha parte favorita, adaptação de design. Por fim, finalização, precificação, cotejo, criação de amostra e validação para upload.

P: Havia uma meta de publicação e orçamento dos livros digitais a serem produzidos e lançados por ano?

R: Havia, sim, mas não era tão rígida. Nossa meta era a publicação de 5 a 10 livros por mês, o cronograma variava de acordo com a complexidade dos títulos e do trâmite de direitos autorais. Era comum remanejar os livros de um mês para o outro quando se tratava de fundo de catálogo. O orçamento tinha um teto mensal e isso também influenciava nas prioridades para aquele mês, trabalhávamos com um limite de variação para isso. A partir do teto, encaixávamos as prioridades e depois manejávamos a fila de fundo de catálogo para que número de títulos fosse atingido sem prejudicar os lançamentos do mês.

P: Como foi entendida por você a crise e conseqüentemente o fechamento da editora em 2015?

R: Minhas impressões sobre isso são pessoais, gostaria de deixar isso claro. Dito isto, a editora tinha, sim seus problemas, mas vinha se mostrando viável nos últimos anos. O último baque (que atingiu não apenas a Cosac, mas grande parte das editoras de médio e grande porte) foi a ausência de compras de governo. Isso desestruturou muita gente (estou fazendo uma análise rasa porque realmente não me sinto à vontade para falar de maneira mais contundente sobre outros setores da editora). O Charles estava à frente da editora nesse momento e como ele mesmo disse, a editora fechou por vontade dele e do sócio e não (só) por fatores econômicos.

Insights:

O investimento em livros digitais ocorreu na Cosac Naify infelizmente nos anos finais de sua existência. Estratégias no setor financeiro e comercial estavam em ação na altura inclusive dando resultados positivos. No entanto todas as manobras feitas não foram suficientes a ponto de os sócios desejarem manter a editora em funcionamento.

Desse modo a exploração das potencialidades na concepção e elaboração do livro eletrônico não foram executadas plenamente. Mesmo assim, a editora foi sim pioneira em criar um departamento interno exclusivo para e-books. Pode-se ver experiências positivas, projetos editoriais esmerados e pensados mesmo para o espaço virtual, não sendo apenas uma versão digital do livro impresso.

Hermida trabalhou de forma consistente e com metas viáveis, buscando as cláusulas contratuais dos livros no que diz respeito a produção de e-books, além de estabelecer cotas de produção interna que contemplassem tanto os livros de fundo de catálogo como os lançamentos.

“Moby Dick” é um exemplo concreto de como a elaboração e o desenvolvimento das etapas da produção de um livro digital estavam sendo realizado pela equipe com atenção, atendendo as especificidades de cada obra. Entendendo o olhar e as adaptações necessárias da obra para a melhor fluidez e fruição nesse novo suporte de leitura.

A construção de uma nova mentalidade em relação ao e-book foi um grande desafio interno. Provar que o livro eletrônico deve ser enxergado como um produto dissociado do livro impresso. Era necessário mais tempo para que esse setor pudesse desenvolver da melhor forma seus projetos editoriais, o que não foi possível de acontecer.

CAPÍTULO 3: Pontos de destaque da Cosac Naify

Coleção Particular

Essa coleção é muito emblemática na história da Cosac Naify. Ela surgiu em 2004 e, segundo o site da própria editora, a proposta da coleção foi definida como “clássicos da literatura ocidental, com narrativas breves, em edições nas quais o projeto gráfico faz parte da experiência de leitura e interfere na forma de experimentar o texto.”

A coleção Particular busca explorar o conceito de expressão gráfica da obra de uma forma diferente em cada volume. Eles individualmente são distintos. Não há ligação por conta de tema, de autor e muito menos por uma identidade visual padrão em todas as obras. Porém, o elo e coesão que estabelece na decisão editorial da coleção dar luz e destaque à propostas como invenção e subversão da visualidade.

A proposta conceitual desse projeto era observar todos os aspectos que fazem parte da constituição de um livro como o tipo e a gramatura do papel empregado, o tipo de lombada utilizada, o formato, a concepção da capa, a mancha gráfica do texto, o tipo de impressão entre outros aspectos. Esses dados eram estudados pela equipe editorial e ganhavam importância e destaque. A ideia era tornar o visual mais um elemento de sentido ao texto do livro, que fosse mais um dado ao leitor.

Elaine Ramos, diretora do departamento de direção de arte da Cosac Naify disse em entrevista concedida ao blog Sobrecapas (2012) a máxima buscada pela Coleção Particular era de em "buscar para o projeto gráfico uma tradução visual do texto". A Coleção Particular elencou nove obras da literatura mundial. São elas:



Figura 36: Coleção Particular. Fonte das imagens: Amazon

- “Primeiro amor”, do escritor irlandês Samuel Beckett
- “Bartleby, o escrivão”, do escritor americano Herman Melville
- “A fera na selva”, do escritor americano nacionalizado britânico Henry James
- “Zazie no metrô”, do escritor francês Raymond Queneau
- “Flores”, do escritor mexicano Mario Bellatin
- “Museu do romance da eterna”, do escritor argentino Macedonio Fernández
- “Avenida Niévski”, do escritor russo Nikolai Gógol
- “Cães heróis”, de Mario Bellatin
- “O passageiro secreto”, do escritor inglês de origem polonesa Joseph Conrad

A Coleção Particular é para mim onde o design se sobrepõe ao conteúdo. Ela seria um preâmbulo ao livro de artista. Era uma proposta de se fazer livros de fetiche, livros de artista industrialmente por um preço módico. Acho que foi uma iniciativa muito interessante porque quando você tem um patrocínio, você tem a sua criatividade tolhida. Um dos poucos livros que nós tivemos um orçamento farto, eu senti uma certa preguiça das pessoas em pensar. A Coleção Particular propõe justamente pensar, provocar esse pensamento.

O primeiro título da coleção foi o primeiro livro de Samuel Beckett chamado “Primeiro amor”. O texto já havia sido publicado, porém na edição feita pela Cosac o aspecto estético foi explorado mais intensamente. Segundo depoimento dado pela diretora do departamento de direção de arte da Cosac Naify Elaine Ramos, encontrado no artigo acadêmico “A mediação semântica do papel em projetos editoriais: uma abordagem da Teoria da Atividade” (Souza, Oliveira, & Campello, 2015), sobre o desenvolvimento dos livros da Coleção Particular ela faz a seguinte colocação:

“O primeiro livro que lançamos dessa linha foi “Primeiro amor”, de Samuel Beckett, que não é tão experimental como os outros. Mas foi um livro que fizemos um projeto um pouco diferenciado e que tinha um texto curto e corrido, sem grandes demandas de estrutura por não ter subtítulo, nem hierarquias internas. Tudo muito simples. Então, como “Primeiro amor” vendeu bem para a nossa escala, a gente percebeu que esse tipo de edição tinha um público. Depois fizemos o “Bartleby, o escrivão”, de Herman Melville, que também foi um sucesso, considerando a nossa escala de produção.”

No primeiro livro da coleção não é possível observar muita presença e exploração do campo estético da obra, porém, acredito esperava-se a boa aceitação do público para que o pensamento e exploração da forma fosse implementado mais intensamente nas futuras edições, o que acabou por ocorrer. No entanto, pode-se observar presente mesmo na primeira edição da coleção uma característica marcante na identidade da editora desde sua fundação: a presença de atrativos editoriais, de material extra ao leitor da obra que, no caso, foi a presença de ilustrações da própria tradutora da obra, Célia Euvaldo.

O segundo livro publicado foi “Bartleby, o escrivão” de Herman Melville em 2005. Segundo o artigo ‘Inovação e o sentido de vanguarda no design gráfico editorial’ escrito por Mac Barreto Bogo (2016),

o leitor começa pelo desafio de descosturar a capa (puxando para baixo a linha vermelha que a lacra) e cortar as páginas não refiladas do livro (com a espátula plástica que acompanha o livro).

Só assim, aos poucos, poderá desemparedar este personagem enigmático da ficção moderna que, no dizer do filósofo francês Gilles Deleuze, ‘desafia toda a psicologia e a lógica da razão’



Figura 37: Livro: Bartleby, o escrivão e o seu processo necessário para leitura: capa costurada e folhas páginas não refiladas. Fonte da imagem: Pinterest

Em relação a publicação da obra “A fera na selva” na coleção, Charles fez a seguinte revelação:

A Coleção Particular teve uma gafe. O livro ‘A fera na selva’, a medida que você ia lendo o texto ia desbotando. A intenção foi de seguir a história, daí eu falei: ‘você lê o livro e tem direito a um problema nos olhos’. Eu mesmo pegava no pé quando a coisa era ridícula. Eu não estou dizendo que nós acertamos sempre, tivemos grande acertos, mas teve também umas ousadias que eu tenho ódio e hoje, que trabalho em uma biblioteca, vejo como é difícil catalogar um livro da Cosac Naify. Tudo é o contrário, o ISBN fica escondido, um desarranjo absoluto.



Figura 38: Livro: A fera na selva:mancha gráfica começa forte, porém dissipa-se com o avançar da narrativa, interferindo na legibilidade

Coleção Portátil

Em 2012 a Cosac Naify lançou uma coleção própria de livros de bolso, a coleção Portátil. Ao anunciar o novo passo, Florencia Ferrarri explicou na época que o propósito com a coleção era de “manter seu capricho gráfico e tratamento do livro como objeto de arte mesmo nesse novo segmento, que tradicionalmente exige custos de produção bem reduzidos” (Campassi, 2012).

O design gráfico da coleção buscou seguir as características pelas quais a editora construiu sua identidade e que já era reconhecida tanto pelo mercado editorial como pelos leitores, adaptando-as a ideia do projeto: ser um produto de qualidade e de aspectos estéticos agradáveis, porém de menor custo.



Figura 39: Coleção Portátil. Fonte das imagens: Amazon

Os livros possuem o formato reduzido, geralmente entre 16 cm de comprimento por 11 cm de largura. A identidade visual da coleção lança mão de recursos estéticos para a elaboração como aplicação de textura (relevo), utilização de cores fluorescentes especiais e mais caras da cartela pantone, além de explorar a elaboração de capas mais gráficas, que variam a cada título, porém sem perder a unidade da coleção. Os livros, priorizaram a economia criativa e a valorização do papel. Em formato brochura com lombada colada e também costurada com linha colorida, possuem uma encadernação que garante maior flexibilidade no manuseio além de serem impressos em um tipo de papel importado (Munken) que, segundo explicação dada por Florencia para o site Publishnews, “agride menos os olhos do que um papel alvo e é menos amarelado do que o papel Pólen” (Campassi, 2012). A mancha gráfica é confortável para a leitura, uma vez que possui margens não muito estreitas, que possibilitam boa pegadura, e espaçamento das linhas e das letras com um respiro maior que os demais livros de bolso

produzidos no mercado. Segundo Florencia, para se viabilizar o projeto foi necessária muita criatividade por conta dos envolvidos na concepção visual da coleção.

Os livros de bolso feito pelas editoras brasileiras habitualmente são projetos editoriais aos quais são destinados um investimento financeiro menor, o que significa muitas vezes lançar mão de recursos editoriais variados para que o custo total do livro fique reduzido ao máximo (a isso aplica-se a utilização de papéis de baixa gramatura, geralmente brancos, a concepção de uma mancha gráfica que matematicamente explore o espaço de forma quase que total, entre outras práticas). Esse tipo de livro geralmente não consegue conjugar bom preço e boa qualidade visual.

Charles Cosac reconhece a importância da coleção para a editora:

Foi uma maneira que a editora encontrou de suprir o mercado. Tardiamente (em 2012) surgiu a ideia de fazer a Coleção Portátil seria uma forma de vender os títulos que vendiam mais nas séries maiores. Eram livros já editados pela casa e que seriam editados agora no formato bolso. Como exemplo, o livro *O que é o cinema*, de André Bazin um livro que vendia muito, tinha uma demanda perpétua. Nós tínhamos que ganhar dinheiro e também ficar bem com o mercado. A série Portátil foi bem pensada. Ela era feita em levadas, cada leva tinha uma cor diferente. Os livros eram bonitos. A série ajudou a editora e também ajudou o mercado.

Com a concepção e a realização desse projeto a Cosac Naify mostra ser possível fazer livros de apelo popular (baixo custo) de de qualidade. Os primeiros títulos da coleção chegaram a preços mais populares do que os comumente aplicados pela editora, com o mais barato a R\$15,90 até R\$47,90. Foram no total 30 títulos publicados na coleção entre autores clássicos internacionais como Virginia Woolf, Anton Tchekhov, Scott Fitzgerald, William Faulkner e nacionais como Antonio Carlos de Brito, entre outros.

Livros Infantojuvenis

Outra grande transformação e que futuramente seria uma das marcas registradas da editora foi o investimento em edição de livros infantojuvenis, iniciada em 2001. A Cosac Naify passou a ser reconhecida pelo bom trabalho desenvolvido nesse segmento, tanto por parte do público leitor como também pelo mercado editorial. Como reflexo desse êxito podemos citar o prestígio e reconhecimento em premiações que muitas obras alcançaram. Algumas capas de trabalhos nesse setor seguem abaixo a título de ilustração, “Meu amigo Jim”, “Pato!Coelho!”, “A grande questão”, entre muitos outros.



Figura 40: capa de livros infantojuvenis editados pela Cosac Naify: exploraram temáticas plurais que iam das mais comerciais até aos assuntos tabu. Fonte das imagens: Amazon

A direção editorial dos livros infantojuvenis ficava a cargo de Isabel Lopes Coelho por doze anos. Isabel é especialista em literatura infantil e juvenil. Muitos dos títulos e prêmios nacionais e internacionais (até 2013 foram contabilizados mais de cinquenta prêmios recebidos pela editora) foram recebidos graças ao trabalho desenvolvido nesse departamento.

Muito se ousou e avançou em relação a temática dos livros produzidos dentro da Cosac Naify (Charles depois da Cosac, 2016). No catálogo é possível encontrar livros que abordem assuntos tabus em nossa sociedade como morte, homossexualidade. Todo tipo de temática do universo infantojuvenil foi tratada de forma que primasse pela qualidade textual e de estética visual. Sem tentar subestimar o público final, pelo contrário: lhes era oferecido livros de qualidade.

Charles chegou a fazer algumas considerações sobre o surgimento do setor de livros infanto-juvenis. Ele disse:

Infantojuvenil foi obra do Augusto Massi. Quem começou com infantojuvenil fui eu (Charles). Comecei, confesso, de uma maneira um pouco aleatória com uma série mitologia com a Betty

Mindlin, que é a série do mundo que abordava a cultura indígena, judaica, cigana.
(Comunicação pessoal)



Figura 41: Livros da Coleção Mitologia, início da produção de livros infantojuvenis na Cosac Naify. Fonte das imagens: Amazon

Miguel del Castillo revelou em entrevista um dado interessante, como a não-distinção “o catálogo infantojuvenil era maravilhoso e muito inovador; não havia divisão por faixa etária, por exemplo, o selo era o mesmo da Cosac "adulto””.

Essa postura ia de encontro ao praticado habitualmente pelo mercado editorial: selo próprio para os livros dessa categoria e toda uma linguagem e cartela de assuntos específicos do público infantojuvenil. A Cosac Naify não realizar essa cisão entre seus produtos editoriais revela que a temática explorada, a faixa etária a que o produto se destina não são relevantes no momento que se concebe, se produz e se vende um livro. São fenômenos mais intrínsecos que a editora entendia como centelha para a ativação do processo de produção editorial.

CAPÍTULO 4: O encerramento das atividades da Cosac Naify e seus desdobramentos

O fim da Cosac Naify

Cerca de 1.600 título ao longo de dezenove anos de história. Esse foi o legado objetivo deixado por Charles Cosac e toda equipe. Porém é necessário considerar também todo o bem imaterial que a editora deixou para o mercado editorial.

A editora sempre, ao longo de sua história, enfrentou problemas relacionados ao seu desempenho financeiro. Tentativas de solucionar essa instabilidade foram surgindo ao longo dos anos e das gestões. A intenção almejada pelos sócios fundadores da empresa era de que ela ao menos se bancasse, o lucro nem foi um ponto objetivado por eles, muito possivelmente condição social de ambos. Porém, com as necessidades consecutivas de injeções de capital seriam demandadas a fim de cobrir rombos financeiros, a situação tornou-se insustentável.

De acordo com reportagem da jornalista Adriana Abujamra publicada na revista Piauí (2016), a extinta editora só passou a utilizar planilhas de cálculo cinco anos depois de sua fundação. A prática revela que entendimento de gastos e receitas sempre foi uma questão problemática e que gerava intranquilidade.

Em 2011 foi realizada uma auditoria na editora e descobriu-se um buraco nas contas da empresa de 4,5 milhões de reais (Dono da Cosac Naify revela que cobriu rombo na editora, 2012). Muita troca de farpas e brigas surgiram. Em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* (2011), Charles lembra que Michael Naify chegou a alertá-lo sobre a importância do planejamento. “Talvez se eu tivesse tido mais cautela a editora estaria em uma situação mais avançada, a minha ignorância custou muito caro.”

Segundo a Nielsen, órgão que monitora o mercado editorial, a Cosac Naify foi responsável, em 2014, por apenas 0,69% do faturamento de livro no varejo, como foi veiculado na imprensa (Graiz, 2015). Em termos de vendas, a participação de mercado da editora foi de 0,51%. Esses dados revelam uma realidade: a de que, apesar dos grande prestígio com o mercado e com o público leitor, a editora não tinha números consistentes que justificasse sua continuidade como negócio.

Em 2015 houve uma tentativa radical de enxugar o quadro. Dois cortes de pessoal reduziram a folha de pagamento da editora em 30%, entretanto, no final do mesmo ano, no dia 30 de novembro, foi anunciado o encerramento das atividades.

Apesar de Charles Cosac afirmar que a crise financeira enfrentada pelo Brasil nessa altura não tivesse sido o motivo de sua decisão, esse quadro inegavelmente contribuiu para esse desfecho, uma vez que, não só a Cosac Naify mas todas a editoras estavam sofrendo com o fato do governo brasileiro (o maior cliente, o maior comprador de livros) interromper a compra, o que levou ao fechamento do departamento de infantojuvenil da editora e a demissão de Isabel Lopes Coelho (Meirelles M. , Cosac Naify quer passar livros adiante para outras editoras, 2015).

Outro fator que prejudicou foi a alta do dólar. Como muitas das impressões eram realizadas no exterior (China principalmente, via navio), esse processo foi se tornando inviável.

Na entrevista exclusiva ao jornal *O Estado de São Paulo*, Charles revela ter aplicado na editora cerca de 70 milhões de reais e que a perdas somam o dobro desse montante.

Charles revela em entrevista concedida ao professor Goldfard que o motivo por optar pelo fechamento da editora em novembro de 2015 foi a má administração.

Não culparia o público. Os livros eram vendidos a prejuízo. (...) chegávamos a celebrar quando havíamos perdido com cada livro. Eu acho que a editora sofria de uma síndrome muito cenográfica*

*[Mais um traço de como a visualidade é item predominante na personalidade de Charles foi quando ele revelou em entrevista concedida a Geraldo Samur para o programa de rádio Rio Bravo em 2013 que uma grande influência em sua vida foi o livro de Henrik Ibsen “Casa de Bonecas” lido por ele quando tinha 11 anos. “Quando você lê vai criando vozes, as vozes dos personagens, o ambiente. Você vai criando uma imagem de onde se está passando aquilo.” Seu apartamento em São Paulo foi todo feito tomando como referência o filme “Gritos e sussurros” dirigido por Ingmar Bergman. A editora, em entrevista (TVPUC, 2017), tinha um perfil familiar, eram poucos funcionários (cerca de 110 empregados) as pessoas eram muito próximas. Foi o primeiro emprego de muitas delas, onde se presume que muitas práticas e condutas foram testadas sem experiência prévia.

Acho que a editora se inspirou muito na minha pessoa. Eu tenho uma coisa meio teatral. Minha casa talvez seja meio teatral, muito cenográfica. Sinto que isso se alastrou para o espírito da editora. Tudo era uma grande questão visual.]

Alguns funcionários da editora alegam terem recebido a notícia sobre o encerramento das atividades da Cosac Naify através da imprensa e redes sociais e outros informaram terem recebido um comunicado por e-mail com a mensagem (Meirelles M., *Funcionários sabem de fim da Cosac Naify pela imprensa e redes sociais*, 2015):

Meus queridos amigos, é com muita tristeza, mas também com muita tranquilidade, que venho articular-lhes da minha decisão de encerrar a Cosac Naify. A editora não está falindo, mas encerrando, e esse é um direito que me cabe.

Para se despedir dos leitores, Charles escreveu a seguinte carta pública (Delaqua, 2015):

Meus Queridos Amigos,

Eu gostaria muitíssimo de agradecer a todos as tantas manifestações de solidariedade acerca do fim das atividades da Cosac Naify, quase dezenove anos depois. Eu fico, em verdade, comovido quando constato que nossas iniciativas não foram em vão e essa

certeza somente os senhores, leitores e amigos dessa editora, podem me dar. Muito obrigado.

Ao meu ver, uma editora deve existir exclusivamente para alimentar um projeto cultural e quando eu senti o projeto Cosac Naify ameaçado, eu julguei que seria o momento correto para cessarmos nossas atividades. Como o fiz. Dessa maneira, eu perpetuo um sonho belíssimo do qual tantos participaram e ajudaram a construir.

Eu sinto que tenho uma dívida enorme para com todos os senhores que lerem essa carta e, inclusive, para com minha própria editora através da qual eu os conheci e os senhores me conheceram também. Foi ótimo trabalhar na Cosac Naify todos esses anos e eu não poderia pensar em momentos mais felizes. Eu amo e agradeço igualmente à cidade de São Paulo, que me recebeu de braços abertos desde que a adotei como lar, há quase vinte anos.

Por fim, eu peço que saibam, que além de gratidão eu senti muito orgulho, prazer e alegria de trabalhar para os senhores todos esses anos.

Com sinceridade, o afeto e a paz que sempre luto para ter em mim.

Charles

Quando Charles percebeu as concessões que teria que fazer para que seu negócio continuasse a existir, ele optou por não realizar. O motivo alegado para o fechamento é o fato das publicações da editora terem um alto custo de produção e pelas mesmas serem consumidas por um público com um poder aquisitivo limitado.

Somos uma editora *cult*, cujos livros são destinados a professores acadêmicos e estudantes de artes, e não gostaria de ver a nossa linha editorial desvirtuada. (Gonçalves Filho, Referência no mercado por livros de arte de luxo, Cosac Naify fecha as portas, 2015)

Rebaixar o padrão de qualidade dos livros ou mesmo aumentar a produção de obras em domínio público não estavam em questão para os sócios, por descaracterizar a proposta curatorial seguida desde o início de suas atividades desde 1996.

Ao meu ver, uma editora deve existir exclusivamente para alimentar um projeto cultural e, quando eu senti o projeto Cosac Naify ameaçado, julguei que seria o momento correto para cessarmos nossas atividades (Encerramento definitivo da Cosac Naify acontecerá até o fim do ano, 2015)

Não criei a editora para recauchutar obras em domínio público. Quero que ela termine como começou, não gostaria que ela entrasse em decadência.” (Referência no mercado de livros 'cult' no Brasil, Cosac Naify anuncia que vai fechar as portas, 2015)

A editora fechou as portas em novembro de 2015 e fez questão de ratificar que honraria todos as suas obrigações trabalhistas de todos os funcionários e, além disso, que seria ‘generoso’ com a equipe. O site Amazon, nesse processo, decidiu comprar o estoque.

Desde o anúncio de seu fechamento ocorreu um fenômeno interessante (Vendas de livros da Cosac Naify dispararam, 2015): a venda de títulos da Cosac Naify na Amazon cresceu 600% em comparação à vendas de um dia normal, refletindo o impacto da notícia perante os leitores, que correram para comprar os livros antes que se esgotassem, foi devastador. No site Estante Virtual a venda de livros da editora cresceu 192% do dia da notícia de fechamento em diante, como foi noticiado pelo colunista Ancelmo Gois, no jornal *O Globo* (Brunet, 2016).

Com o fechamento da Cosac Naify, Florencia Ferrari e Elaine Ramos decidiram, não só continuar trabalhando no mercado editorial, como fundaram uma nova editora, a Ubu, aliando-se as duas Gisela Gasparian, com experiência em administração e mestrado em desenvolvimento econômico em Harvard. A constatação sobre o fim da editora para as duas ex-funcionárias trouxe uma reflexão:

Para Elaine Ramos “a editora não fechou porque era uma equação inviável. Não é verdade que não dá para fazer livro bem no Brasil. Mas a Cosac foi muito mal administrada. O Charles não pensava em lucro e tinha até um certo charme nisso. O fim da editora tem mais a ver, acho, com o projeto pessoal dele, de vida” declara ao jornal *Folha de S. Paulo* em 1 de dezembro de 2015 (Oliva, 2015).

Para Florencia Ferrari “criou-se aqui uma cultura da exigência com a qualidade que passa pelos detalhes: o modo de trabalhar o texto, a mancha, o design, a produção gráfica” declara em entrevista ao jornalista Daniel Benevides à revista *Brasileiros* em 1 de dezembro de 2015.

A captação de recursos para abrir a Ubu editora foi feita por amigos e familiares. Em entrevista concedida à revista *Poder*, Florencia declarou:

Nosso perfil não vai ser de massa. A Cosac tinha mil títulos no catálogo, lançava mais ou menos dez títulos por mês, e vendia. O problema nunca foi faturamento, havia um público fiel- basta ver a comoção quando a editora fechou. Não queremos vender 10 mil exemplares, mas vender livros formadores de opinião, que deem elementos para as pessoas discutirem a sociedade contemporânea. Há um vácuo que podemos ocupar.” (Benevides, 2015)

Com o fim da Cosac e o início de uma nova editora, a ideia é desenvolver um modelo de negócio viável (Mammi, 2016), aprender com os percalços da Cosac e desse modo criar sua própria identidade, buscando atender ao seu nicho de mercado. O rigor com o visual é uma característica que se deseja manter na nova editora, no entanto, não haverá abertura para muitas liberdades onerosas nesse quesito.

Pelo contato prévio, as conversas na ideia de herdar alguns títulos do catálogo da Cosac Naify surtiram efeito. Inicialmente 35 obras, dos ramos da antropologia, design, livros sobre questões relativas à contemporaneidade, desenharam o perfil das obras que migraram para a Ubu, que passou a editá-las. O site da editora possui características do site da Cosac como a estética limpa, a existência do blog e o e-commerce.

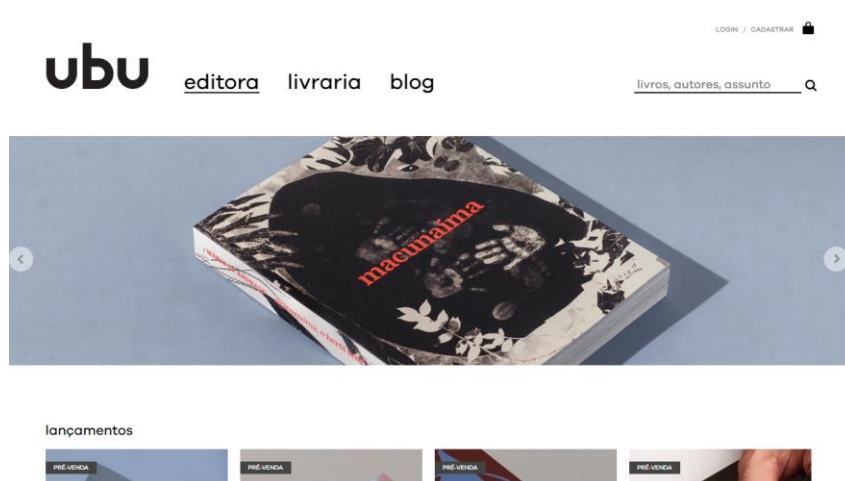


Figura 42: Captura de tela do site da editora Ubu.

Alguns livros tiveram seus projetos gráficos mantidos outros não. Não houve um protocolo estipulado.



Figura 43: Edição Cosac Naify (esquerda) x edição da Ubu (direita) Fonte da imagem: Amazon

Destino do acervo

A princípio noticiou-se que caso os livros não fossem vendidos em tempo hábil, eles seriam queimados ou virariam aparas (Neto, 2016), pelo alto custo de manutenção e armazenamento em galpões de estoque. Charles Cosac afirmou pagar um aluguel de R\$55 mil reais para armazenar o estoque de livros em uma empresa especializada. Instalou-se um impasse, portanto, sobre qual destino os livros devem tomar.

“Não sou Nero, não estou demolindo de forma grotesca o que demorei 20 anos para construir”, desabafa Charles Cosac em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, em setembro de 2016 (Gonçalves Filho, Cosac Naify busca apoio para manter seu acervo de 400 mil livros, 2016). Essa informação gerou muito rebuliço e acabou, para o bem de todos os envolvidos, não se consolidando.

Em entrevista ao site Publishnews, o diretor financeiro Dione Oliveira afirmou que a queima dos livros era apenas uma das possibilidades em vista, lembrando que a prática, apesar de controversa, é comum no mercado.

“[Destruir] é só um dos cenários possíveis. Os autores podem comprar os livros que quiserem [com descontos previstos em contrato]”, declara Dione.

A parceira com a Amazon para venda do estoque e a parceria com o Museu da Imagem e do Som para doação das obras acabou sendo o caminho. Os resíduos finais foram trabalhados em ações de queima e saldos como *Black Friday*.

Sobre a possibilidade de venda, Charles estabeleceu um contrato com a gigante Amazon. Cerca de 1,2 milhões de livros (Sobota, Amazon vai comprar o estoque remanescente da editora Cosac Naify, 2016) existiam no estoque da editora quando o acordo foi fechado. Charles forneceu seu estoque com exclusividade para a Amazon (Amazon vai vender estoque restante da Cosac Naify com exclusividade, 2016), por acreditar que essa forma seria mais democrática das pessoas terem acesso aos livros. “Ninguém tem uma plataforma como a Amazon. Ninguém tem o poder que eles têm. Com a Amazon estou no Brasil.” O site criou um endereço específico para os livros da editora. No site pode-se encontrar a seguinte declaração:

A Amazon.com.br e a Cosac Naify fecharam um acordo para que todos os livros disponíveis no estoque da editora, bem como possíveis reimpressões do catálogo e lançamentos anteriormente previsto até 2017, sejam disponibilizados exclusivamente na Amazon.com.br. A partir de 30 de janeiro de 2016, você encontra na Amazon.com.br o catálogo de mais de 1.300 livros impressos e mais de 140 e-books da editora.

Sobre essa decisão Charles declara ao jornal *O Estado de São Paulo* (Rodrigues, 2016), que:

Foi mais ou menos pelo mesmo raciocínio que me guiou no desmembrar da editora. No que diz respeito à venda dos direitos dos best-sellers, eu optei, em detrimento da editora (porque ele poderia ter vendido os projetos gráficos), que eles se tornassem Penguin para que fossem democratizados. A editora pecava muito, era muito cenográfica, e isso dificultava a venda dos

livros. As livrarias também sempre prejudicaram. Várias vezes tive o ímpeto de romper com elas e só vender pela Amazon. Embora os livros sejam considerados de luxo, o meu público sempre foi formado por universitários. Na época da Feira da USP as pessoas compravam pelo desconto. Agora não precisam mais esperar; vão poder comprar a qualquer hora na Amazon, que já dá bons descontos.

Sobre a doação de livros ao Museu da Imagem e do Som, foram 9,6 mil livros. Os exemplares serão distribuídos em 125 pontos do MIS existentes em cidades do interior do Brasil. Kits foram criados, todos com livros sobre os temas de fotografia, cinema, história da arte e distribuídos (Sobota, Cosac Naify e MIS de São Paulo fecham doação de 9 mil livros, 2016).

Sobre quais editora herdaram os títulos da Cosac Naify, essa distribuição ocorreu a seguinte partilha. Além da recém-inaugurada Ubu editora, as editoras Sesi-SP e Senai-SP herdaram cerca de 300 títulos da Cosac Naify. Sobre o surgimento de uma nova editora administrada por duas ex-funcionárias Charles revela em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* (Meirelles M. , 2015) que:

Eu não recomendaria a ninguém abrir uma editora, mas a Florencia tem muita capacidade, aprendeu muito com a Cosac Naify. Não posso desconsiderar que ela tenha trabalhado comigo, mas preciso tratá-la como uma editora qualquer. A [editora] delas não é um embrião da minha. A Cosac Naify acabou.

A editora Companhia das Letras, de grande alcance e nome no mercado editorial brasileiro, também teve entre 50 e 70 títulos repassados, sobretudo os relacionados as áreas de ficção literária, clássicos, antropologia e literatura infantojuvenil (todos saindo com o selo da *Penguin*, de acordo com o pedido de Charles), segundo matéria publicada pela revista *Veja* , em fevereiro de 2016 (Kusumoto, 2016).

Para o fechamento da editora, Charles revelou ter tido muito trabalho. O passo final foi a prestação de contas de direitos autorais, o que fez com que ele mantivesse um escritório funcionando com mais seis funcionários por mais alguns meses em 2016, finalizando todo o processo.

O próximo passo de Charles Cosac

Charles Cosac passou um o ano de 2016 nos bastidores e lidando com as questões burocráticas de encerrar a empresa.

Segundo o jornal *Folha de S. Paulo* aponta (Felitti, 2017), após o fechamento da editora, Charles fez um estágio no cinema Belas Artes e logo depois foi convidado a assumir o posto de diretor da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, o segundo maior acervo do país, ficando atrás somente da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida por telefone, Charles revela um pouco sobre como tem sido sua experiência em trabalhar ainda com livros, porém em um novo ângulo.

Agora estou na biblioteca é um trabalho que consome demais. Eu não sei como fui acabar lá. Eu estava procurando trabalho, estava muito deprimido porque não tinha um compromisso, os livros não me ocupavam muito. A verdade é que eu estava com tempo ocioso. Para quem trabalhava tanto..Não tem nada a ver uma editora com uma biblioteca, agora eu estou na outra ponta, hoje eu ligo para as editoras pedindo desconto, inverteu-se o papel aí. A ideia da biblioteca é uma ideia milenar. Eu gosto de trabalhar lá. É muito bom ficar num castelo de livros. Não sei se eu vou aguentar os quatro anos (de gestão da biblioteca) mas eu estou me esforçando muito. Eu estou muito imerso nesse universo e buscando entender sobre biblioteconomia, um assunto que não dominava e não domino ainda, mas que paulatinamente eu começo a compreender, uma linguagem nova e para mim o fato dela ser uma biblioteca municipal, de estar no centro da cidade e por isso exposta a tantas eventualidades. É como uma gincana durante o dia, muitas reuniões, um emprego solitário porque na verdade eu não desenvolvo nenhum trabalho manual, o máximo que preciso fazer é responder e-mails. Tem um lado meu que gosta muito de trabalhar em biblioteca. Poderia ser um pouco menor e uma biblioteca universitária eu ficaria um pouco menos neurótico.” (Comunicação pessoal)

Considerações finais

O fazer livros no Brasil com certeza sofreu uma revolução após a existência da Cosac Naify no mercado editorial. A editora representou não só o país mas a própria língua portuguesa de forma íntegra e inventiva por onde tenha passado, prestígio esse comprovado graças aos prêmios tanto nacionais como internacionais recebidos ao longo de sua história. Alguns dos prêmios que a Cosac Naify ao longo de sua trajetória foi contemplada:

- Prêmio Jabuti
- Fundação Nacional do Livro Infantil-FNILJ e Juvenil
- Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional
- Prêmio Portugal Telecom Literatura
- Prêmio Crescer 30 –Melhores livros do ano
- Prêmio APCA
- Prêmio Fernando Pini de Excelência gráfica
- Prêmio Latinoamericano de Desenho Editorial
- Feira do Livro Infantil de Bolonha (o maior prêmio de livros infantis do mundo concedeu em 2013 o prêmio pela combinação de textos clássicos e contemporâneos com um projeto gráfico refinado)

A editora deixou uma contribuição de muita importância histórica e cultural para o país e para a língua portuguesa, pelo tratamento e escolha primorosa na composição do seu catálogo, que mesclava espaço para clássicos da literatura e para novos nomes.

Sua diretriz, inédita no Brasil até então, foi significativa para o entendimento de que é possível fazer livros de bonitos e de qualidade, que tais adjetivos não andam necessariamente afastados no ramo da produção editorial. A integridade e empenho de toda a equipe, com dedicação e foco em cada aspecto da produção do livro, toda

realizada internamente, depois de muita conversa, foi seu grande trunfo de posicionamento no mercado. Todas as gestões, ao seu modo, primaram por esse norte central.

No entanto, é necessário enxergar que, paralelo a todo esse êxito criativo, as dificuldades em relação a sua saúde e equilíbrio financeiro, tão instável, sempre estiveram presentes.

A perdas, no fim calcularam-se em torno de 140 milhões de reais. Apesar das tentativas feitas com reestruturações internas, estratégias de venda, investimento no site como canal sólido de vendas, incorporando em seu catálogo obras clássicas de domínio público, não foi possível reverter e tornar a editora um negócio viável do ponto de vista financeiro. Os sócios, apesar de não visarem lucro, não conseguiram alcançar o equilíbrio das contas da editora que tinha posturas internas complicadas de se administrar e, com o passar dos anos viu o quadro de funcionários crescer muito, livros sofisticados sendo editados com prazos fora do habitual, impressões feitas no exterior recorrentes vezes, cálculo da tiragem dos livros superestimada bem como o preço de capa das obras, muitas vezes, já sair da gráfica com custo negativo, entre outras condutas problemáticas de se seguir e se conseguir uma estabilidade financeira.

A liberdade, a inovação, a criatividade foram motores que alavancaram a editora a um patamar de respeito e prestígio, sendo foco de inspiração para o mercado e amor por parte do público.

Charles Cosac e Michael Naify tem todo direito de encerrar a editora que eles conceberam e construíram. Errando e acertando, o trabalho desenvolvido foi de muita entrega e com muitas mãos envolvidas. Desejar finalizar essa história de tanto êxito sem se corromper, sem desvirtuar o norte que com tanto empenho construíram e pelo qual foram prestigiados e reconhecidos, é de total direito dos sócios.

A Cosac Naify deixou para sempre sua assinatura única ao conjugar bons (e bem editados do ponto de vista do texto) títulos (autores clássicos e novos) com beleza estética, gerando livros considerados obras de arte.

Sua trajetória ter começado com livros de artes e, com o tempo, ter englobado novas áreas, dando o mesmo tratamento dedicado a todos foi uma característica importante. A Cosac Naify deu espaço para diversidade no tratamento de assuntos tabus com respeito e liberdade, como visto no setor de livros infantojuvenis, que representava 30% do total de livros editados.

A editora contribuiu para a formação de leitores sensíveis à estética e críticos. Também promoveu a preservação e disseminação da cultura, dando estofamento intelectual para os leitores e a sociedade possam, munidas de informação, problematizar a sociedade que vivemos.

A Cosac Naify encerrou suas atividades dignamente, honrando todos os seus compromissos. Fará falta no mercado editorial, porém deixou uma história, um legado

que estará presente vivamente na memória do público leitor por ter editado títulos primorosos e necessários para a sociedade além de servir de inspiração e influência para muitas casas editoriais que surgiram.

A herança deixada pela Cosac Naify estará preservada na memória dos leitores, na inspiração de novas cadastros editoriais e na postura de novos editores, que surgiram até então. A ideia de conjugar o bom texto com uma visualidade de igual qualidade e atenção foi a melhor mensagem deixada, graças a sua primorosa trajetória de dezenove anos dando atenção absoluta a todos os aspectos importantes e necessários ao livro, sob o ponto de vista da produção editorial estritamente.

Referências Bibliográficas

(s.d.). Fonte: San Francisco Art Institute: <https://www.sfai.edu/bios/michael-naify>

(1999). Fonte: Siron Franco - Site Oficial:
<http://www2.uol.com.br/sironfranco/livros.htm>

(20 de janeiro de 2012). Fonte: A versão de Massi:
<https://www.valor.com.br/cultura/2491938/versao-de-massi>

(2016). Fonte: Mostra Internacional de Cinema em São Paulo:
<http://40.mostra.org/br/pag/informacoes-gerais>

A Editora - História. (2009). Fonte: Site da Editora Cosac Naify:
<https://web.archive.org/web/20150920224052/http://editora.cosacnaify.com.br:80/EditoraHistoria/1/Historia.aspx>

Abujamra, A. (abril de 2016). *A via-crúcis de Charles.* Fonte: Revista Piauí:
<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/via-crucis-de-charles/>

Amazon vai vender estoque restante da Cosac Naify com exclusividade. (2016). Fonte: Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/01/1735265-cosac-naify-vai-vender-estoque-com-exclusividade-pela-amazon.shtml>

Benevides, D. (16 de outubro de 2015). *Um trabalhador braçal.* Fonte: Revista Brasileiros:
<https://web.archive.org/web/20151017111431/http://brasileiros.com.br/2015/10/um-trabalhador-bracal/#>

Bogo, M. B. (2016). *Inovação e o sentido de vanguarda no design gráfico editorial Ano: 2016.* Fonte: Revista Udesc:
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6931>

- Bragança, A. (2002). Uma introdução à história editorial brasileira. *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, 57-83.
- Brunet, D. (7 de janeiro de 2016). *Venda de livros da Cosac Naify aumenta quase 200% na Estante Virtual*. Fonte: O Globo:
<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/venda-de-livros-da-cosac-naify-aumenta-quase-200-na-estante-virtual.html>
- Caldeira, C. (Outubro de 2002). *Espaço Aberto*. Obtido de Do papiro ao papel manufaturado:
<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>
- Campassi, R. (2012). *O bolso da Cosac*. Fonte: Publishnews:
<http://www.publishnews.com.br/materias/2012/06/15/68997-o-bolso-da-cosac>
- Cazarin, R. (1 de setembro de 2015). *12º livro do fenômeno infantil "Capitão Cueca" mostra protagonista como gay*. Fonte: Blog Página Cinco:
<https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2015/09/01/12o-livro-do-phenomeno-infantil-capitao-cueca-mostra-protagonista-como-gay/>
- Charles depois da Cosac*. (15 de abril de 2016). Fonte: Revista Piauí:
<https://www.youtube.com/watch?v=89h0DVpKGkM>
- Cozer, R. (21 de março de 2010). *O encontro dos livros com a web*. Fonte: O Estado de S.Paulo:
<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LWc2UHg5J4YJ:https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-encontro-dos-livros-com-a-web,527115+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=pt>
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura das ciências sociais*. Guarulhos: EDUSC.
- Delaqua, V. (5 de dezembro de 2015). *Cosac Naify encerra suas atividades*. Fonte: Arch Daily: <https://www.archdaily.com.br/br/778335/cosac-naify-encerra-suas-atividades>
- Dono da Cosac Naify revela que cobriu rombo na editora*. (20 de janeiro de 2012). Fonte: Folha de S.Paulo: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2012/01/1037279-dono-da-cosac-naify-revela-que-cobriu-rombo-na-editora.shtml>
- Encerramento definitivo da Cosac Naify acontecerá até o fim do ano*. (2 de 12 de 2015). Fonte: Folha de S.Paulo:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1714025-encerramento-definitivo-da-cosac-naify-acontecera-ate-o-fim-do-ano.shtml>
- Felitti, C. (2017). *'OS não é privatização', diz Charles Cosac, à frente da Mário de Andrade*. Fonte: Folha de S.Paulo:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1851877-os-nao-e-privatizacao-diz-charles-cosac-a-frente-da-mario-de-andrade.shtml>

Fundador da Cosac Naify fala sobre trajetória na arte e mercado literário. (5 de agosto de 2011). Fonte: Estado de S.Paulo:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,fundador-da-cosac-naify-fala-sobre-trajetoria-na-arte-e-mercado-literario,754672>

Gonçalves Filho, A. (novembro de 2015). *Referência no mercado por livros de arte de luxo, Cosac Naify fecha as portas.* Fonte: Estado de S.Paulo:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,referencia-no-mercado-por-livros-de-arte-de-luxo--cosac-naify-fecha-as-portas,10000003450>

Gonçalves Filho, A. (2016). *Cosac Naify busca apoio para manter seu acervo de 400 mil livros.* Fonte: O Estado de São Paulo:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cosac-naify-busca-apoio-para-manter-seu-acervo-de-400-mil-livros,10000077708>

Graiz, A. (3 de dezembro de 2015). *Perguntas e respostas sobre o fechamento da Cosac Naify.* Fonte: GaúchaZH: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/12/perguntas-e-respostas-sobre-o-fechamento-da-cosac-naify-4921974.html>

Gruszynski, A., & Fialho, L. C. (2017). *Cosac Naify: uma editora, um editor, uma ousada proposta gráfica e editorial. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história.* São Paulo: Edusp.

Ilustrada. (5 de outubro de 2007). *Folha de S.Paulo.*

Kusumoto, M. (2016). *Cosac transfere 300 obras para as editoras Sesi e Senai.* Fonte: Veja: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/cosac-naify-transfere-300-obras-para-editoras-sesi-e-senai/>

Luiz, C. (2014). *Cosac Naify, entrevista com Elaine Ramos.* Fonte: Ideiafixa: <http://www.ideiafixa.com/oldbutgold/cosac-naify>

Machado, A. (Maio/Agosto de 1994). Fim do livro. *Estudos Avançados*, pp. 201-214.

Machado, C. E. (2017). *Perfil de Utilizador.* Fonte: LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/cassiano-elek-machado-75943313/>

Machado, S. (9 de agosto de 2012). *Avenida Niévski.* Obtido de Sobrecapas e demais coisas relacionadas ao design do livro: <http://sobrecapas.blogspot.com/2012/08/avenida-nievski.html>

- Machado, S. (julho de 2016). *Irmãos Grimm - Design de Flavia Castanheira*. Fonte: Sobrecapas: <http://sobrecapas.blogspot.com/2016/07/irmaos-grimm.html>
- Mãe, V. H. (6 de dezembro de 2015). *Charles Cosac*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2015/12/06/culturaipilon/opiniaio/charles-cosac-1716341>
- Mammi, A. B. (19 de novembro de 2016). *As mulheres que fazem livros: as 3 sócias da Ubu para a Revista PODER*. Fonte: Portal Glamurama: <https://glamurama.uol.com.br/as-mulheres-que-fazem-livros-as-3-socias-da-ubu-para-a-revista-poder/>
- Meirelles, M. (2015). *Após fim da Cosac Naify, ex-diretoras criam editora com parte do catálogo*. Fonte: Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1722918-apos-fim-da-cosac-naify-ex-diretoras-criam-editora-com-parte-do-catalogo.shtml>
- Meirelles, M. (17 de dezembro de 2015). *Cosac Naify quer passar livros adiante para outras editoras*. Fonte: Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1713513-cosac-naify-quer-passar-livros-adiante-para-outras-editoras.shtml>
- Meirelles, M. (17 de novembro de 2015). *Funcionários sabem de fim da Cosac Naify pela imprensa e redes sociais*. Fonte: Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1713225-editora-cosac-naify-anuncia-que-fecha-as-portas.shtml>
- Mello, R. (2011). *Luiz Zerbini e o país das maravilhas*. Fonte: Blog da Saraiva: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10523>
- Menezes, C. (9 de setembro de 2007). Charles leu demais. *Carta Capital*.
- Mesquita, I., & Conde, M. (2008). A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. São Luís.
- Neto, L. (2016). *Livros da Cosac virarão aparas*. Fonte: Publishnews: <http://www.publishnews.com.br/materias/2016/09/22/cosac-vai-picotar-os-seus-estoques>
- Nogueira, W. (2013). O livro no fim do livro: perspectivas para o leitor, autor e editor brasileiro sob a ótica da popularização dos novos dispositivos de leitura digital (Dissertação de mestrado apresentada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo). São Paulo.
- Norma Brasileira ABNT NBR 6029*. (2006). Obtido de <https://pt.scribd.com/document/57393320/REGRAS-ABNT-NBR-6029>

- Oliva, D. (17 de dezembro de 2015). *Entretempos: 'A Cosac foi muito mal administrada', afirma diretora de arte Elaine Ramos*. Fonte: Folha de S.Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1713589-entretempos-a-cosac-foi-muito-mal-administrada-afirma-diretora-de-arte-elaine-ramos.shtml>
- Referência no mercado de livros 'cult' no Brasil, Cosac Naify anuncia que vai fechar as portas*. (30 de novembro de 2015). Fonte: Hoje em Dia: <http://hojeemdia.com.br/almanaque/refer%C3%Aancia-no-mercado-de-livros-cult-no-brasil-cosac-naify-anuncia-que-vai-fechar-as-portas-1.346332>
- Reinventando o perfil dos espaços urbanos*. (2 de fevereiro de 2013). Fonte: Sesc SP: https://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/40_REINVENTANDO+O+PERFIL+DOS+ESPACOS+URBANOS#/tagcloud=lista
- Rodrigues, M. F. (2016). *Para Charles Cosac, parceria com Amazon vai democratizar os livros da Cosac Naify*. Fonte: Estado de São Paulo: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/para-charles-cosac-parceria-com-amazon-vai-democratizar-os-livros-da-cosac-naify/>
- Romendik, D., & Manáev, G. (21 de dezembro de 2013). *Obra clássica, "Quadrado Negro" ainda provoca debates*. Fonte: Gazeta Russa: https://br.rbth.com/arte/2013/12/21/obra_classica_quadrado_negro_ainda_provoca_debates_23463
- Silva, L. N. (2015). Projeto Gráfico em Livros da Editora Cosac Naify: Cultura Material, Artesanato e Estetização. *Congresso Brasileiro de Sociologia* (pp. 156-171). Porto Alegre: Arquivos do CMD.
- Sobota, G. (2016). *Amazon vai comprar o estoque remanescente da editora Cosac Naify*. Fonte: Estado de S.Paulo: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,amazon-vai-comprar-o-estoque-remanescente-da-editora-cosac-naify,10000095089>
- Sobota, G. (2016). *Cosac Naify e MIS de São Paulo fecham doação de 9 mil livros*. Fonte: Estado de S.Paulo: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cosac-naify-e-mis-de-sao-paulo-fecham-doacao-de-9-mil-livros,10000096989>
- Souza, E. A., Oliveira, G. A., & Campello, S. B. (setembro de 2015). *A mediação semântica do papel em projetos editoriais: uma abordagem da Teoria da Atividade*. Fonte: 7th Information Design International Conference - Blucher Design Proceedings: http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cidi2015/cidi_91.pdf

- Tunga - Caixa de surpresas ou caixa de Pandora?* (28 de março de 2014). Fonte: Signorini Produção Gráfica:
<https://producaosignorini.wordpress.com/2014/03/28/tunga-3/>
- Tunga*. (30 de abril de 2012). Fonte: Livro de Artista:
<https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2012/04/30/tunga/>
- TVPUC. (7 de abril de 2017). *Nova Stella - Editora Cosac Naify: 19 anos de excelência editorial - Ex Libris - PGM 02 [Ficheiro de vídeo]*. Fonte:
<https://web.archive.org/web/20150920224052/http://editora.cosacnaify.com.br:80/EditoraHistoria/1/Historia.aspx>
- University of Essex. (2016). *Connecting Through Collecting: 20 years of Art from Latin America at the University of Essex*. Fonte:
<http://www.escala.org.uk/resources/4B/4B32F22F-EE8C-25A3-32E4-3A078BD44676/ESCALA%20Connecting%20through%20Collecting%20catalogue.pdf>
- Vendas de livros da Cosac Naify disparam*. (14 de dezembro de 2015). Fonte: Publishnews : <http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/13/vendas-de-livros-da-cosac-naify-disparam>
- Victor, F. (11 de junho de 2012). *Nova diretora abraça reorientação da Cosac Naify*. Fonte: Folha de S.Paulo:
<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2012/06/1108962-nova-diretora-abraca-reorientacao-da-cosac-naify.shtml>
- Vieira, M. A. (2010). Entrevista: Augusto Massi - Editor-chefe da editora Cosac Naify. *Revista Caracol*.
- Vulpin, M. N. (13 de julho de 2016). Fonte: O que é um livro de artista?:
<https://medium.com/@mnvulpin/o-que-%C3%A9-um-livro-de-artista-54c256cd38a9>
- Wilson, M. (11 de abril de 2015). *A huge, historic Tuscan villa for the price of a two-bed flat in Knightsbridge*. Fonte: The Telegraph:
<https://www.telegraph.co.uk/finance/property/11528406/A-huge-historic-Tuscan-villa-for-the-price-of-a-two-bed-flat-in-Knightsbridge.html>